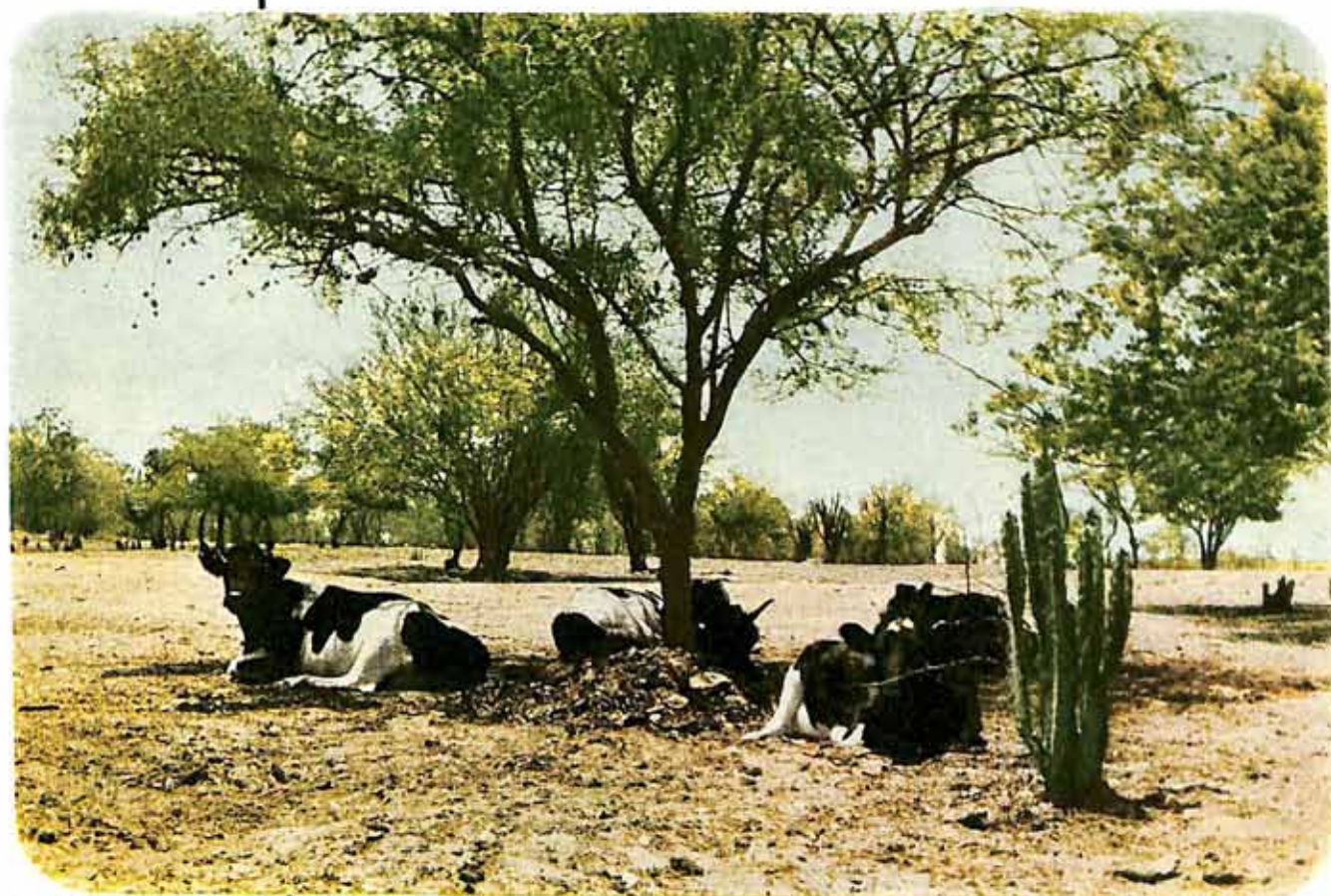


REVISTA DOS CRIADORES

Reportagens:

- XXII Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados em Recife
- O gado Gir leiteiro do Retiro Ipê, de Mococa



NESTE NUMERO

- MERCADOS PECUÁRIOS
- PRODUÇÃO DE LEITE E CUIDADOS COM PASTOS
- O NOVO NORDESTE
- A ORQUITE PODE INUTILIZAR O REPRODUTOR
- BAGÉ: VELO DE LÁ É REI
- NOTAS ZOTÉCNICAS — AVICULTURA
- MERCADOS DE AVES, OVOS E RAÇÕES



Leite assim.



Bezerros assim



Cado assim.

Com **AFSILLIN**-RUMINANTES

Não há nenhuma razão para que você deixe de completar a alimentação dos seus animais com Afsillin-Ruminantes. (Contendo vitaminas e sais minerais combinados de forma cientificamente equilibrada, Afsillin-Ruminantes é ideal para promover o crescimento e a engorda de sua criação.) Afsillin-Ruminantes na ração ou no sal estimula a produção leiteira, o crescimento dos animais jovens e a engorda dos de corte.

Com Afsillin-Ruminantes seus carneiros produzirão lã da mais alta qualidade.

Afsillin-Ruminantes completa a alimentação especial dos animais em preparo para exposições.

Com Afsillin-Ruminantes você proporciona aos seus rebanhos excelente saúde — e deles retira maiores rendimentos. Por que você não começa a fazer isso hoje mesmo? Para comprovar todos os benefícios o mais cedo possível.



Squibb-Mathieson
PRODUTOS AGROPECUÁRIOS



Escritório: Rua Dona Julia, 132 — Tel. 20-1262 — Vila Mariana — São Paulo — Cx. Postal 1229
Fábrica: Av. João Dias, 2758 — Tel. 61-2141 — Cx. Postal 7225 — São Paulo — End. Tel. ERSQUIBB

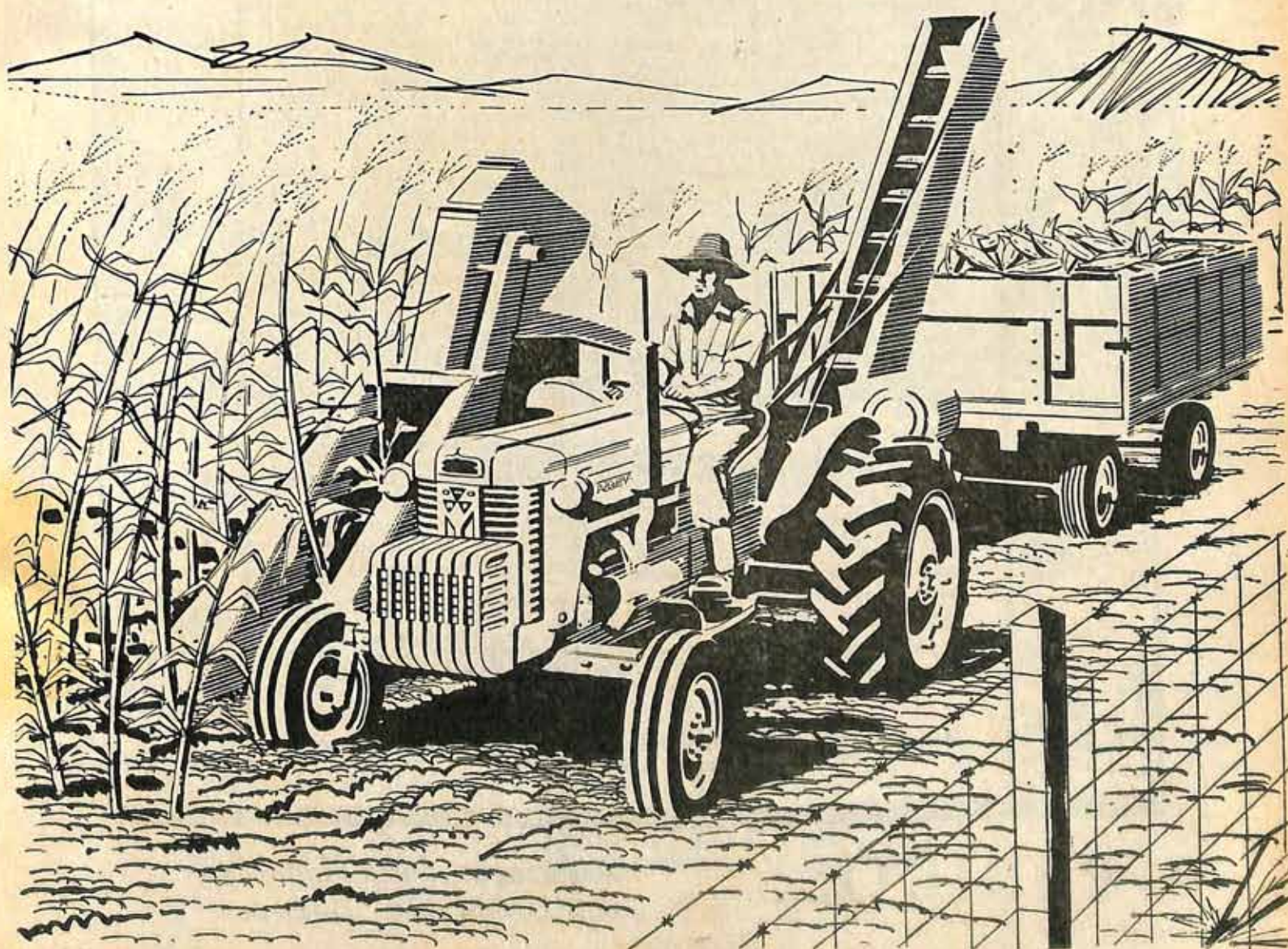
PESQUISA E QUALIDADE A SERVIÇO DO CRIADOR

Faça a colheita do milho render o máximo!

Colhedeira de milho 61

A colhedeira montada MF 61 de uma linha pode ser acoplada no trator por um só homem: a montagem é mais rápida e simples do que a de qualquer outra máquina existente. O desenho especial da mesa colhedeira garante a colheita das espigas, mesmo aquelas que estejam em hastes caídas. No campo, seus comandos e ajustagens se efetuam diretamente do assento do tratorista. Trata-se de uma máquina leve, perfeitamente equilibrada, mas de extrema robustez. Sem utilizar mão de obra extra, a MF 61 garante a colheita na época certa das boas cotações no mercado. Certifique-se destas vantagens no Revendedor Massey-Ferguson de sua cidade.

Massey-Ferguson do Brasil S.A.



Compre com poucos cruzeiros...

...NOSSA EXPERIENCIA DE MUITOS ANOS.
Planos PRÁTICOS, CÔMODOS e ECONÔMICOS cuidadosamente
estudados para você adotar em suas CONSTRUÇÕES RURAIS.



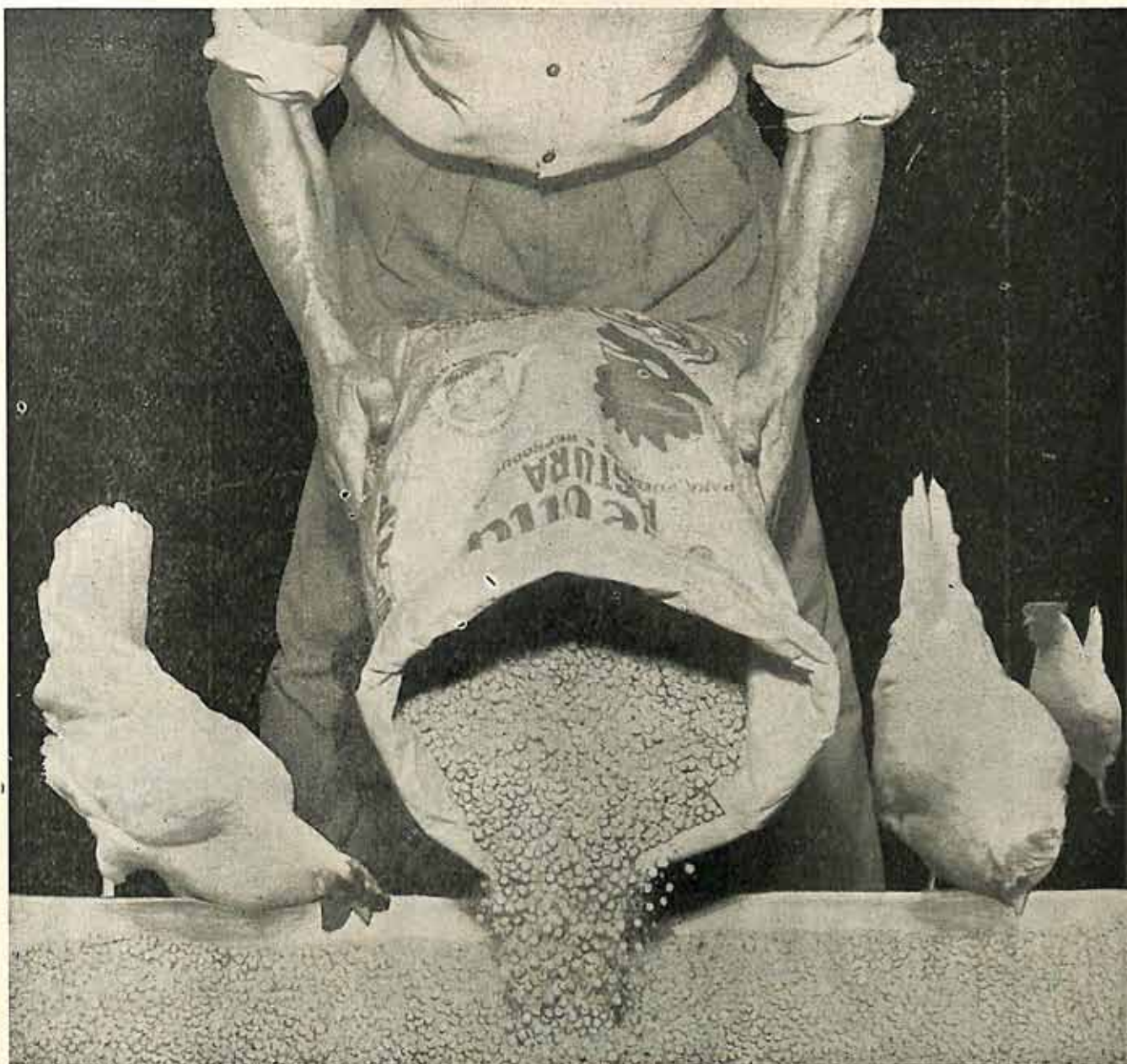
Abrigo misto — G 3/ 1A ..	400,00	Fábrica de manteiga — cap.	
Abrigo para touros — G 5/ 2A	600,00	300 ls. diários — G 10/ 3	900,00
Aparelhos para contenção es-		Fábrica de manteiga — cap.	
tábulos — 5 modelos — G		500 ls. diários — G 11/ 1	1.000,00
13/ 2	1.520,00	Galpão esterqueira — G 4/ 4	600,00
Aprisco para 70 carneiros —		Instalações econômicas p/	
G 2/ 3A	400,00	suínos — G 5/ 1	700,00
Banheiro carrapaticida —		Instalações para ordenha —	
G 2/ 4	840,00	G 8/ 4	550,00
Banheiro para suínos — G		Maternidade p/ porcas constr.	
14/ 1	600,00	madeira tipo B — G 3/ 4	700,00
Banheiro carrapaticida p/		Maternidade p/ suínos — G	
suínos — G 14/ 1	900,00	8/ 2	500,00
Bebedouro comedouro porta-		Maternidade p/ porcas —	
til — G 14/ 5	500,00	madeira c/ piso de concre-	
Bebedouro e esponjadouro		to — Tipo A — G 10/ 5	1.200,00
— G 8/ 5	700,00	Maternidade portátil — pode	
Brete e balanço — G 11/ 5	600,00	servir p/ leitões desm.;	
Camara de fermentação de		regime de campo — G	
esterco — G 5/ 4	720,00	14/ 2	1.000,00
Cavalaria mista — G 2/ 2 ..	960,00	Palol — G 5/ 3	750,00
Cercado movido — G 14/ 3	400,00	Plataforma p/ carrapaticida	
Cocheira — G 2/ 3	1.800,00	— G 5/ 1	400,00
Ceva com dez balas — G 13		Plataforma p/ pulverização e	
/3	1.440,00	pediluvio — G 3/ 5	350,00
Comedouro automático p/		Pocilga pequena — G 8/ 3	900,00
leitões — G 14/ 1	500,00	Pocilga p/ prod. mensal 5	
Cocho coberto p/ dar sal ao		porcos de 100 kg. — G	
gado — G 9/ 4	600,00	11/ 4	500,00
Contrôle do rebanho leiteiro		Posto resfriamento latões p/	
(DPA) — G 13/ 4	640,00	circulação cap. 200 ls. diá-	
Curral — G 3/ 1	1.100,00	rios — G 11/ 2	450,00
Curral circular — G 3/ 2 ..	800,00	Posto de resfriamento — cap.	
Currais c/ apartador e tronco		500 ls. diários — G 12/ 1	850,00
p/ ordenha — G 7/ 3A ...	500,00	Posto de resfriamento/en-	
Estábulo c/ balas indiv. e		garrafamento — 200 ls.	
galpão p/ ordenha — G		diários — G 11/ 2	900,00
3/ 3	800,00	Posto de resfriamento/en-	
Estábulo de madeira p/ 12		garrafamento — 500 ls.	
vacas — G 4/ 1	640,00	diários — G 12/ 2	980,00
Estábulo modelo — G 4/ 1A	600,00	Rolo de faca — G 6/ 2 ...	400,00
Estábulo para 20 vacas —		Silo elevado aéreo — G 6/ 3	500,00
G 13/ 6	400,00	Silo econômico — G 6/ 4 ..	450,00
Estábulo para 60 vacas —		Silo de encosta 100 toneladas	
G 4/ 2	1.000,00	— G 7/ 2	750,00
Estábulo econômico — G 6/ 4	600,00	Silo subterrâneo — G 7/ 3	450,00
Estábulo para bezerros —		Silo de 130 toneladas —	
G 6/ 5	500,00	G 8/ 1	950,00
Estábulo modelo c/ compar-		Silo trinchela — G 1/ 5 ...	400,00
timento p/ bezerros — G		Tronco para ordenha — G	
9/ 5	600,00	9/ 1	400,00
Estábulo cruzelro — G 10/ 4	600,00	Tronco para apartação — G	
Estábulo granja — G 12/ 4	840,00	9/ 2	500,00
Estábulo Villa Brandina —		Tronco para contenção de	
G 13/ 1	400,00	bovinos — G 9/ 3	800,00
Estrumeira pequena — G 6/ 1	500,00	Tronco para cobertura — G	
Fábrica de manteiga — cap.		10/ 1	400,00
100 ls. diários — G 10/ 2	900,00		

Atendemos pedidos mediante pagamento antecipado por
cheque ou vale postal



PEDIDOS:

Associação dos Criadores
Rua Jaguaribe, 634 - São Paulo



É uma ração completa!

Rigorosamente preparadas, dentro da mais perfeita técnica, às Rações Santista-Avevita não é necessário juntar nada, pois constituem por si só, um alimento completo para as aves.

RAÇÕES **SANTISTA-AVEVITA** valem pelo que rendem!

Credenciadas pela A. P. A.



Largo do Café, 11 — Caixa Postal 507 — Telefone: 33-6111
Depósito: Santos, Campinas, Mogi das Cruzes, Bauró, São Roque



Na hora
da ordenha...
uma solução:

BALDES PLÁSTICOS

TROL

- Absolutamente higiênicos
- Não quebram, nem amassam
- Leves
- Silenciosos
- Fáceis de lavar
- Não transmitem cheiro nem gosto
- Aproveitáveis em diversas outras tarefas na fazenda ou no sítio

BALDES PLÁSTICOS TROL
um produto de

TROL S.A. - INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua Diana, 245 - Fone 62-3141 - S. Paulo

RESISTE À TEMPERATURA DO VAPOR



lucros

certos

O emprego de lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos mantém em níveis elevados os índices de higiene e sobrevivência em galinheiros, estábulos, pocilgas, redes, etc., garantindo lucros certos aos criadores. Fáceis de instalar e de manusear, as lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos são as melhores fontes de calor artificial.



- Lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos
- Fáceis de instalar
- Baixo custo de operação

PHILIPS

S. A. PHILIPS DO BRASIL

Ao Depto. de Iluminação
da S. A. PHILIPS DO BRASIL
C. Postal 8681 - S. Paulo

Solicito informações sobre a aplicação de lâmpadas infravermelhas Philips na agricultura e pecuária.

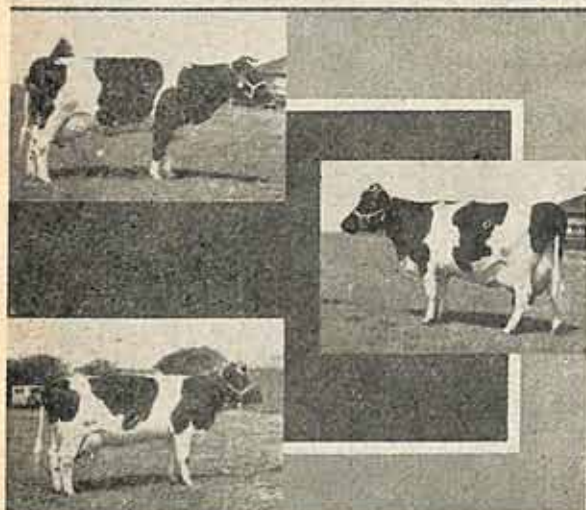
Nome:
Endereço:

ANUÁRIO DOS CRIADORES

ANO IV

1963

N.º 4



ANUÁRIO DOS CRIADORES 1963

- **Publicação de 256 páginas, fartamente ilustradas, impressa em papel couchê, ilustração e rotogravura, com informações úteis aos que se dedicam às atividades agro-pecuárias.** Além de quadros estatísticos e artigos sobre a exploração animal em nossos Países, publica 14 artigos especiais, assinados por técnicos de renome em assuntos referentes a zootecnia, moléstias dos animais e técnica de vacinação, combate ao carrapato, criação racional de suínos, nutridos animal, produção de carne e de leite, julgamento de bovinos leiteiros, cultura da palma forrageira e indústria de laticínios no Brasil.
- **Melhoramento da produção leiteira por meio de cruzamentos** — Trabalho de autoria do dr. Fuad Naufel, em que trata de aspectos do emprego de cruzamentos dirigidos, visando maior produção de leite em condições econômicas e normas que se devem seguir para seu êxito.
- **O leite em São Paulo nos últimos dez anos** — Mário Mazzei Guimarães analisa a produção, industrialização e comercialização do leite no Estado de São Paulo, nos últimos dez anos.
- **Doenças da criação e como evitá-las** — De autoria do dr. Walter C. Battiston, onde são encontrados meios de prevenção e combate, casos em que se devem aplicar a vacinação preventiva, quais os materiais e como devem ser remetidos para exames de laboratório com a finalidade de diagnosticar a moléstia.
- **Doença de Newcastle** — O especialista Raphael Castro Bueno descreve os sintomas da moléstia, propagação e indica medidas profiláticas; vacinação preventiva, único meio eficiente de combate a esse grave mal, e como aplicá-la corretamente.
- **Mercado de bois de corte e produção de suínos em São Paulo** — Mário Mazzei Guimarães analisa aspectos do comércio de bovinos de corte nos últimos dez anos e o desenvolvimento da criação de suínos, estabelecendo confronto com o crescimento demográfico do Estado de São Paulo.
- **Julgamento do gado Holandês** — Trabalho do zootecnista Ruben Tavares de Resende, com tabelas de pontos e critérios para avaliação zootécnica e dos caracteres raciais dos bovinos das raças Holandesas.
- **Ureia, fonte de proteína barata e em quantidade** — O zootecnista Hugo Prata aprecia as possibilidades e vantagens do emprego da ureia, associada ao melão e sabugo de milho, como elemento fornecedor de proteína de baixo custo, em grande quantidade, aos bovinos de corte e produtores de leite. Resultado da experiência e do emprego em escala comercial desse processo de alimentação de ruminantes, com base em trabalhos realizados na Fazenda Brasília, em São Pedro dos Ferros, M.G.
- **Afecções dos pés dos equídeos** — O veterinário Moacir Colombo reporta-se aos principais casos de afecções traumáticas dos pés de equinos, asininos e muars, causas e tratamento adequado; casos em que há necessidade de intervenção do veterinário ou mesmo de cirurgia.
- **Endereço e nome dos responsáveis pelas principais repartições das secretarias de agricultura dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Guanabara.** Endereço de criadores de bovinos, equinos e ovinos; diretoria e endereço das associações de classe e de registro genealógico no País. Guia do Comprador.

Preço: Cr\$ 1.500,00

DISPOMOS AINDA DE EXEMPLARES DAS EDIÇÕES DE 1960, 1961 E 1962, QUE FORMAM VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA DO CRIADOR. PREÇO DO VOLUME: Cr\$ 3.000.00

Editôra dos Criadores - Gráfica e Propaganda Ltda.

Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo

DIRETOR

Lulz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETARIO

Rosemberg Marson

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

Méd.-Vet. José de Assis Ribeiro
Méd.-Vet. Henrique F. Raimo
Eng.º-Agr.º Alberto Alves Santiago
Méd.-Vet. Leovigildo P. Jordão
Méd. Vet. Walter C. Battiston
Eng.º-Agr.º Pimentel Gomes
Méd.-Vet. Fausto Gonçalves de Araújo

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo
Francisco de Almada Penna
D. Dina Avela
João Baptista Pinto
Laercio C. Noronha

REDAÇÃO

RUA CANUTO DO VAL, 216
S. PAULO, Z. P.3 (BRASIL)
Tel. 51-9234
CAIXA POSTAL 9194

Endereço telegráfico: «Criadores»

ASSINATURA:

1 ano Cr\$ 2.500,00
1 ano sob registro postal Cr\$ 2.800,00
Semestre Cr\$ 1.300,00
Número avulso Cr\$ 250,00
Número atrasado Cr\$ 270,00



Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

FUNDADA EM 1930

ANO XXXV — S. Paulo — Fevereiro de 1964 — N.º 410

SUMARIO

Mercados pecuários	8
Produção de leite e cuidados com pastos — Osmany J. Dias	9
Pecuária leiteira — confinamento para produzir leite — Severo Gomes	10

NO ESTADO DE PERNAMBUCO

XXII Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados em Recife — Fidélis Alves Netto	13
É possível produzir leite na zona agreste em Pernambuco e no Nordeste em geral? — F.A.N.	16
Vitoriosa experiência — O gado Gir leiteiro do Retiro Ipê, de Mococa	20
Os drs. Antônio Bento Ferraz e João Laraya receberam a medalha do mérito agrícola	23
O nóvo Nordeste — I — Pimentel Gomes	26
Veterinária — A orquite pode inutilizar o reprodutor — Walter C. B.	28
Bagé: velo de lã é rei — II — Garibaldi Dantas	30
Notas zootécnicas — L. P. Jordão	32

AVICULTURA

Consumo de água e intensidade de postura — Henrique F. Raimo	34
Trocando em miúdos — Últimas da ciência	35
Ciscando notícias — Informativo de interesse avícola	36
Você sabe? — Informações úteis para avicultores	37
Situação da avicultura	37
Relatório n.º 228 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	40
O que vai pelo Controle Leiteiro	46
Diagnóstico precoce de prenhez das vacas	57
Uma fundação científica para amparar a criação	58
Podar árvores frutíferas não é segredo	59
Também em crise a agropecuária baiana	60

A mais antiga publicação especializada
de Pecuária do Brasil

NOSSA CAPA...

... deste mês publica um aspecto da zona agreste em Pernambuco. As vacas descansam à sombra das árvores, visto que a canícula não convida a andar, além do que não há o que pastar. Cumpre ressaltar o estado do gado, que não revela nem dificuldades nem carências. A propósito, chamamos a atenção dos leitores para a reportagem que hoje publicamos, a partir da página 13, realizada pelo nosso colaborador especializado em pecuária, o médico veterinário Fidélis Alves Netto, que tão bem soube transmitir os aspectos da pecuária leiteira Nordestina que mais o impressionaram.

Mercados Pecuários

Sêcas deprimem boi

Chuvas elevam porco

Tabela não ajuda leite

Paradoxalmente, a seca foi fator de baixa dos preços do novilho em Janeiro. Já o porco registrou pesada alta, devido a dificuldades de envio para o mercado. O leite, afinal reajustado, não encontrou, todavia, um correspondente ao que almejava nas bacias produtoras.

SECA TAMBEM BARATEIA

O preço do novilho no Interior, que chegara a ultrapassar Cr\$ 5.500,00 por arroba livres no Interior de São Paulo, começou a resolver o impasse entrevisto em dezembro, caindo em janeiro com certa rapidez. Já se admitia no fim do mês negócio a Cr\$ 5.200,00, francamente, e registrava-se tendência para baixa. A causa apontada era a seca, pois, embora janeiro tivesse sido relativamente chuvoso a falta de chuvas em novembro e dezembro, após um inverno rigorosamente seco e frio, deixara as invernações em péssimo estado, sendo a reconstituição difícil e demorada na maioria das zonas paulistas. Em face da falta de pastagens (o «refúgio» da Sorocabana, onde o tempo correu melhor, estava lotado), houve necessidade de alivia-las, e as ofertas começaram a avolumar-se. Por outro lado, a campanha contra a sonegação fiscal e a baixa dos preços da carne no atacado (concorrência excessiva entre os atacadistas e entrada apreciável de carne gaucha) contribuíram para reduzir a matança, desequilibrando mais ainda, contra o invernista, o mercado de boi vivo. Outro fator da baixa do boi foi a compra de alguns abatedores no Sul, que vinham trazendo

boiadas de carreta, a níveis de preço de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 800,00 por arroba mais barato que do Brasil Central.

BOI SOBE NO R.G.S.

No Norte de Minas, as cotações vigentes eram de cerca de Cr\$ 5.500,00 por arroba, mas imposto por conta do vendedor. Ali, o desconto do peso vivo é ainda de 50%, o que justifica certa aparência de preço melhor que o de São Paulo, quando na realidade é igual ou menor. No Rio Grande do Sul, abriu-se a safra com as companhias pagando Cr\$ 130,00 a Cr\$ 135,00 e as cooperativas até Cr\$ 140,00 por kg vivo. Nessa base, começará a ficar mais difícil a vinda de novilho gaúcho para abate em São Paulo, em face da baixa aqui verificada. Os bois do País se nivelam... Aliás, além da concorrência paulista no mercado sulino, parece estar contribuindo para altas no Rio Grande o preço em países vizinhos: na Argentina, em Liniers, em dezembro a cotações, para toda espécie de gado vacum, foi superior a 30 pesos por kg bruto, ou seja Cr\$ 150,00, aproximadamente...

BOI MAGRO SEM PASTO

O boi magro, no Brasil Central, refletiu as dificuldades do gordo. Com o problema aflitivo das pastagens em São Paulo, o maior mercado nacional de bovinos para engorda, as áreas de cria e recria não puderam fazer uma comercialização normal. Os preços estiveram por isso estacionários, com poucos negócios para a época. De modo geral, pode-se falar em cotação média de Cr\$ 40.000,00 a Cr\$ 50.000,00, com transações abaixo desse nível para gado pior, em casos especiais, e acima, para boiadas muito boas, bastante disputadas por invernistas de elite.

CARNE DESCE, MAS NO ATACADO

A carne no atacado, que começara o mês cotada a Cr\$ 440,00 e Cr\$ 460,00 por kg para o trazeiro especial e a Cr\$ 330,00 a Cr\$ 350,00 para o dianteiro, caiu verticalmente. A concorrência desabalada entre os abatedores (excesso de gado para matar) e a carne vinda do Rio Grande, trazida por frigoríficos nacionais e estrangeiros, levaram os preços até a Cr\$ 410,00 e menos, no caso do trazeiro, e a Cr\$ 280,00 e menos, no caso

do dianteiro. Havia muita sobra de dianteiros, que se colocava dificilmente na indústria a Cr\$ 250,00. Não

se esperava que os abatedores pudessem manter indefinidamente essas cotações abaixo dos preços do boi, sal-

vo se este descesse ainda mais. Nos açougues, os preços ainda não haviam refletido a baixa geral.

CHUVA ENCARECE PORCO

O porco, que começara a esfriar, acusou forte reação em fins de janeiro, alcançando cotação de Cr\$ 5.600,00 por arroba ou seja Cr\$ 500,00 mais do que o nível do início do mês. A alta era atribuída às chuvas, que dificultavam as remessas do Paraná e Santa Catarina para São Paulo,

o principal mercado comprador. Por sua vez, as perspectivas da safra nacional de milho contribuíam para dar firmeza ao gado suíno: de um lado, safras, muito ruins em Minas e São Paulo, que teriam de apelar forçosamente para mais rebanho paranaense e

catarinense, de outro lado safra quase normal de milho nas áreas suinocultoras do PARANÁ e Santa Catarina, o que animava os produtores a preparar mais porcas para 64 e, portanto, a ativar a procura de porco magro, elevando o stand do mercado.

LEITE NÃO ALCANÇA TABELA

Quanto ao leite, depois de idas e vindas, a SUNAB afinal fixou a cotação para o produtor a Cr\$ 61,90, por litro ou seja cerca de Cr\$ 17,00 acima do nível oficial anterior, para o leite C. A média geral, porém, esteve abaixo desse nível, em São Paulo, com desrespeito à tabela e em face da maior oferta de leite, própria da época. Aliás, em dezembro pelo que se infere de levantamento da Secre-

taria da Agricultura (DER), a cotação média do Estado foi de Cr\$ 41,80, inclusive excesso de gordura, nível inferior ao de novembro, que marcava Cr\$ 43,60. O mecanismo da comercialização do leite não permite ainda ao produtor alçar-se nem ao nível da própria tabela, mesmo quando inadequada, por insuficiência.

Produção de leite e cuidados com pastos

Nossos agrônomos poderiam, sem medo de errar, sugerir aos pecuaristas duas coisas: pastoreio na altura "certa" e mais fertilizantes

OSMANY JUNQUEIRA DIAS

A sorte de parte ponderável da produção de leite, neste ano, pode estar sendo agora decidida. O interesse e presença dos encarregados de nossas fazendas em dar atenção a dois aspectos do problema da produção de leite, talvez possam ser o fiel da balança que decidirá o lucro ou prejuízo da sua empresa. Esses dois pontos pouca aplicação de capital exigem, dependendo mais da alteração das normas de administração.

O primeiro deles diz respeito à retenção do excesso das águas de chuva e à manutenção dos pastos na altura "certa".

Quando se fala em reter as sobras de águas nestes meses, muitos pecuaristas pensam nas curvas de nível. Essa prática resolve integralmente o problema, mas já com a construção dos terraços,

de 10 até 20% do capim podem perder-se, conforme a declividade do terreno. Em geral, o programa das nossas fazendas não permite tal redução da área dos pastos. Para reter o excesso de água, o mais barato e simples seria reduzir a lotação dos pastos e permitir que sua altura ficasse um pouco acima do que é usual. Deixando o capim na altura "certa", ou seja, 20 a 30cm para o gordo e jaraguá, a retenção da água nesse período de excesso seria bem maior e, além disso, a renda da propriedade aumentaria, pois, com o pasto manejado na altura "certa", a produção de capim, por hectare e por ano, aumenta muito. Essa manutenção do capim na altura "certa" pode ser facilitada pela divisão dos pastos.

O segundo ponto diz respeito a um velho "parceiro" da nossa pecuária de leite, isto é, uma praga conhecida como "espuminhas" ou "cigarrinha dos canaviais". É representada por insetos avermelhados, com as asas superiores orladas de preto, sendo o contraste de cores mais acentuado nos machos. As larvas desses insetos costumam localizar-se no colo ou na parte inferior dos pés de capim e são envolvidas por uma espuma que dificulta sua eliminação por inseticidas.

Antigamente, esse "parceiro" se contentava com pequena porcentagem da produção de capim; atualmente, ele está destruindo 5 a 10% do que produz o

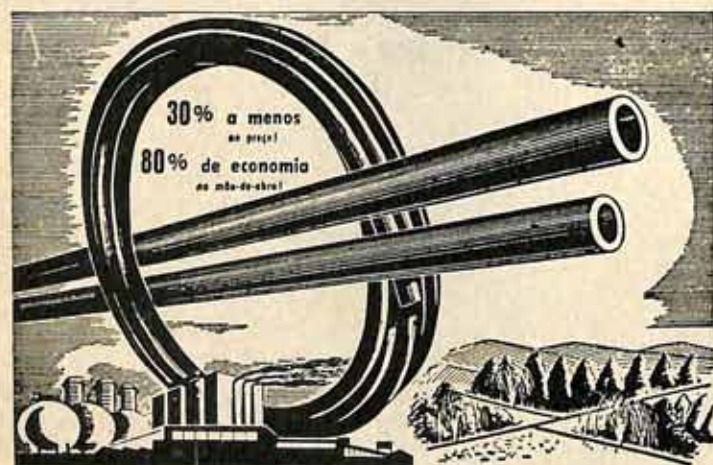
(Conclui na pág. 47)

Confinamento para produzir leite

As maiores dificuldades decorrem da circunstância de que não podemos transferir mecânicamente, para o Brasil, a tecnologia dos países adiantados, como o estamos fazendo no campo industrial, pois as variáveis se multiplicam, com diferenças do clima, solos, plantas forrageiras, insetos, enfim todo o universo dos climas quentes e úmidos a afetar profundamente o comportamento dos animais que devem realizar a produção leiteira

SEVERO FAGUNDES GOMES
Presidente da A.P.C.B.

Muito se tem falado sobre o baixo rendimento dos rebanhos leiteiros e sobre a urgência de medidas que venham melhorar a produtividade, por área, por animal



Para encanamentos e irrigação

TUBOS PLÁSTICOS "AMEROPA" *

"RECONHECIDOS POR SUA ALTA QUALIDADE"
— a nova e revolucionária solução para tubulações!

* agora fabricados no Brasil

AMEROPA
Indústrias Plásticas Ltda.

Escritório:
Rua Turiassu, 1673 (V. Pompéia)
Tel. 62-9421 — São Paulo

e por trabalhador engajado na atividade agrícola. A origem dessa baixa produtividade pode ser facilmente compreendida, mas os remédios são sempre discutíveis. As maiores dificuldades decorrem da circunstância de que não podemos transferir mecânicamente, para o Brasil, a tecnologia dos países adiantados, como o estamos fazendo no campo industrial, pois as variáveis se multiplicam, com as diferenças do clima, solos, plantas forrageiras, insetos, enfim todo o universo dos climas quentes e úmidos a afetar profundamente o comportamento dos animais que devem realizar a produção leiteira.

Entravam o progresso técnico dois aspectos distintos da realidade. O primeiro decorre da sucessão sazonal, que determina a alternância, através do ano, da abundância e da escassez, o que com maior ou menor intensidade se verifica em todas as regiões da terra. O segundo advém das peculiaridades dos climas quentes que até hoje, desafiavam a construção de uma tecnologia original, a abrandar seus efeitos negativos e potencializar as suas vantagens. Analisemos os dois problemas na tentativa de, associando alguns fatos conhecidos, sugerir uma solução.

Embora as pastagens do Estado de São Paulo sejam quase todas cultivadas ou artificiais, o seu uso e manejo se processa dentro da rotina secular da exploração dos campos cerrados naturais. Por esta razão, a quantidade de alimentos consumidos pelos animais, em cada alqueire de pastagem, possivelmente não atinge a um quarto do volume realmente produzido pelas plantas forrageiras e, além disso, dentro do atual sistema de exploração, fornecem, apenas, uma parte do que o poderiam fazer, desde que fossem observadas boas normas de cultivo, adubação e colheita. Resta ainda considerar que os alimentos diretamente consumidos pelos animais são parcialmente desperdiçados por ocasião do período de seca e escassez, obrigando, em cada nova estação de abundância, a utilização de recursos substanciais, nem sempre bem sucedida,

REVISTA DOS CRIADORES

DANILAC INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

Representantes exclusivos do famoso coalho em pó dinamarquês "GLAD" e coalho líquido "GLAD GENUINO", em diversas embalagens, também em garrafas de polietileno.

Para as fazendas,
"GLAD GENUINO"
pingou, coalhou.



Para as indústrias,
"GLAD" em pó dá
melhor rendimento.

Rua Barão de Itapetininga, 221 — 10.º — Tel. 32-0692 — Caixa Postal 4514
End. Telegr. "DANALAC" — São Paulo — Brasil.

na reconstituição do organismo debilitado. Considerando apenas o problema da produção de forragem, estes fatos indicariam a possibilidade de um extraordinário aumento de produção de leite, por área, desde que uma técnica adequada de produção e armazenamento fosse desenvolvida e fomentada.

As dificuldades para harmonizar a produção desigual das plantas através do ano e a necessidade que têm os animais de se alimentar diariamente, determinou, nos climas frios e temperados, o aparecimento da técnica de armazenamento dos alimentos e de confinamento dos animais durante os meses de inverno. Tal processo, inicialmente aplicado durante certo período do ano, pouco a pouco estendeu-se até o confinamento integral, praticado hoje nas regiões mais adiantadas da Europa e Estados Unidos, como instrumento de racionalização do trabalho, melhora da produtividade por área e redução dos custos, embora não se verifique nos climas frios um aumento de rendimento por animal. Muitas são as razões determinantes de maior eficácia no regime do confinamento integral. Não só a energia gasta pelos animais no exercício do pastoreio é economizada, como também a utilização dos alimentos produzidos atinge alto nível de eficiência, pois têm as plantas momentos de apogeu no seu valor nutritivo, devendo, nesse instante, serem colhidas o mais rapidamente possível, o que é impraticável, se realizada pelo lento pastejo dos animais.

Todos esses argumentos, em defesa de uma pecuária leiteira intensiva e de alta produtividade, poderiam encontrar, nos fatos ocorrentes em São Paulo, uma condenação liminar. O processo técnico demanda grandes investimentos, que escapam às possibilidades da atual empresa leiteira. Por outro lado, aqueles que, de outras fontes, obtiveram recursos para tanto e melhoraram a produtividade, contraditoriamente assistiram a elevação dos seus custos de produção, ao ponto de quase todas as granjas mais produtivas do Estado só poderem sobreviver à sombra dos preços liberados do leite tipo «B» que é consumido por insignificante minoria da população. Em São Paulo, a exploração extensiva, com gado azebuado de baixa produtividade, por área e por animal, trabalha com custos realmente baixos. Vantajosamente compete com as granjas organizadas, pois estas se utilizam de uma técnica apenas parcialmente verdadeira, alheia às imposições do meio, o que faz da história das raças européias um roteiro de insucessos, onde algumas exceções mais ou menos duradouras continuam a encorajar novas tentativas.

As dificuldades das raças européias para sobreviverem no ambiente sub-tropical, produzindo regularmente filhos e leite, são notórias aos fazendeiros com alguma experiência no assunto. A digestão das vacas de grande capacidades, gera acentuado calor. Não podendo este eliminar-se em ambiente quente e úmido, bloqueia as funções digestivas e desgasta o organismo, com consequências diretas sobre a produção e a fertilidade. Ao arrimo desses conhecimentos empíricos vêm hoje os resultados das pesquisas realizadas em câmaras climáticas nos Estados Unidos, os quais revelam, em toda a amplitude, os efeitos negativos das altas temperaturas sobre a produção, crescimento e fertilidade. Destacamos alguns dados fundamentais:

- 1º) A produção de leite é profundamente afetada em temperaturas inferiores a 0° C e superiores a 27° C. Esses efeitos são agravados com uma eventual elevação da taxa de umidade. As condições ótimas se situariam em torno de 10° C.
- 2º) O ganho de peso de bezerros submetidos durante um ano a uma temperatura de 26° C foi grandemente prejudicado — oitenta e dois quilos menos por animal do que os componentes do grupo «testemunha».
- 3º) A exposição de touros a temperaturas entre 30° C e 37° C levou ao desaparecimento completo dos espermatozoides do sêmen. A sua recuperação foi extremamente lenta.

CALÇAS ESPORTIVAS

Para passear no campo, pescar, cavalgar, escolha sua calça no imenso sortimento de calças da Casa José Silva. Todos os tipos, desde rancheras até confecções de luxo. Tudo moderno, funcional em tecidos de boa qualidade. Os preços são ótimos e o pagamento facilitado.

São Bento — Brigadeiro — Brás — Tatuapé

QUEM EXIGE RENDIMENTO SUPERIOR A BAIXO CUSTO

prefere sempre



Consulte-nos sem compromisso

COMPANHIA MECÂNICA ITAÚNA S/A

A maior fábrica de bombas da América Latina

RUA SÃO BENTO, 500 — 10.º ANDAR
FONE 32-3178 — S. PAULO



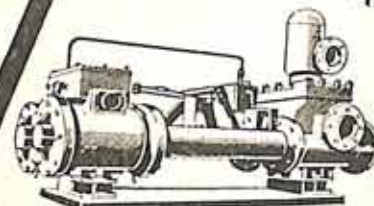
BOMBAS CENTRÍFUGAS

— residenciais, aplicáveis em apartamentos, prédios, indústrias e lavoura.



ARIETES HIDRÁULICOS

— para cinco tamanhos diferentes — para elevação de água impulsionada pela própria água.



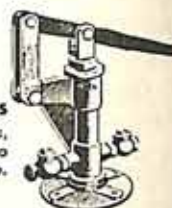
BURRINHOS — Duplex a Vapor

— de alta e baixa pressão, para alimentar caldeiras, autoclaves, tachos de concentração, FILTROS etc.



BOMBAS A PISTÃO

— para os mais variados fins, versáteis em suas aplicações.



BOMBAS PARA TESTES

— manuais ou motorizadas, para qualquer aparelho que trabalhe sob alta pressão.

Esse processo, depressor da capacidade produtiva, reprodutiva e de crescimento deve ser objeto da nossa maior preocupação, pois sabemos que as temperaturas, nas regiões leiteiras de São Paulo, em um grande número de dias, ultrapassa a 27° C à sombra. Ao sol, esse limite é alcançado durante quase todo o ano, atingindo frequentemente níveis incomparavelmente mais elevados e com prolongada duração.

A conclusão de que os animais devem ser mantidos à sombra, insinuada por esses fatos, fica absolutamente determinada à luz dos resultados obtidos com a recente introdução da prática do confinamento no sul dos Estados Unidos, onde os verões são excepcionalmente cálidos e prolongados. O sistema foi lá introduzido com o objetivo de aumentar a produção por área, pois já era notório permanecer inalterada, nas regiões frias ou temperadas, a produtividade dos animais, quando submetidos ao confinamento. Surpreendentemente, porém, além do melhor rendimento por área, a produção das vacas sofreu alterações profundas, como podemos verificar do confronto entre as lactações em regime de manejo tradicional e as posteriormente obtidas com animais confinados.

	Manejo tradicional	Ano	Confinamento	Ano
Georgia Costal Plain E.S.	2871 quilos	1958	3744 quilos	1960
Baton Rouge University	4140 quilos	1958	6160 quilos	1961
Iberia Livestock E.S.	4014 quilos	1958	5004 quilos	1961

As informações que trazemos a público refletem alguns episódios apenas, dentro de um imenso acervo

de conhecimentos e experiências realizadas em adiantados centros de pesquisa. Abrem perspectivas ao trabalho local, em profundidade, para a verificação de uma hipótese relevante no processo do desenvolvimento da agricultura brasileira:

1º) A adaptação da técnica do confinamento ao nosso meio de modo a manter os animais no limite máximo das condições adequadas à produção de leite, poderia vir a ser um instrumento adequado para alcançarmos, em grande escala, níveis de produtividade animal semelhantes aos dos climas temperados.

2º) Os excessos de calor, luz e umidade, tão adversos à sobrevivência das raças leiteiras, criam condições ótimas à vegetação de grande número de plantas forrageiras. Podemos produzir alimentos para os bovinos, em quantidades, por hectare, que superam muito a produtividade das regiões temperadas. O seu aproveitamento, entretanto, só alcança uma grande eficácia quando a colheita das plantas é realizada nos períodos do seu mais alto valor nutritivo, transportadas e servidas aos animais no estábulo e armazenadas os excessos do período das chuvas.

3º) Vencida a barreira do clima e consideradas as condições excepcionais, existentes em uma grande extensão geográfica brasileira, para a produção de alimentos forrageiros, poderíamos ambicionar níveis de produtividade global, superiores aos destacados padrões internacionais.

XXII Exposição Nordestina de Animais e Produtos Derivados em Recife

O dr. Fidélis Alves Neto, nosso antigo companheiro de trabalhos na redação da "Revista dos Criadores", empreendeu recentemente visita de estudos ao Nordeste do País, com o objetivo de conhecer o que ali existe em matéria de pecuária leiteira, que é a sua especialidade, em que se constituiu realmente autoridade. O que lhe foi dado ver foi motivo de verdadeira surpresa. E' certo que, pela leitura de artigos e reportagens que vimos publicando, sabia ele que alguma coisa de notável ali ocorria, mas, ao que nos disse, a realidade superou a mais ampla expectativa: ficou deveras surpreendido com o adiantamento de determinadas regiões, onde a criação nada fica a dever à dos mais conhecidos centros do País. E, como não podia deixar de ser, o técnico fazendo-se de jornalista transpôs para o papel as impressões que lhe ficaram da visita. E' essa a matéria que começamos a publicar hoje, para a qual chamamos a atenção dos leitores.

Cumprе acrescentar que, nos termos da moderna reportagem, o dr. Fidélis Alves Netto levou consigo uma máquina fotográfica, com a qual bateu magníficas chapas, que vão acompanhar o relato de suas observações. Aliás, a maior parte da matéria são as legendas, que completam magnificamente a mensagem das fotografias.

Dessa maneira, apresentamos mais uma contribuição valiosa para o conhecimento da promissora pecuária leiteira nordestina.

Recife, a bela capital do Nordeste, assistiu, de 10 a 17 de Novembro de 1963, a XXII Exposição Nordestina de Animais. Realizada em meio dos sérios problemas enfrentados pelos criadores da zona, dada a orientação política vigente, sofreu, como não podia deixar de acontecer, reflexos da situação: apresentou-se a sua pecuária aquém das verdadeiras

possibilidades, pois várias e conhecidas representações estiveram ausentes.

Apesar disso, entretanto, e como sempre ocorre em outras circunstâncias, considerável foi o numero de inscrições. O belo parque de Exposições de Cerdeiro contou novamente com uma representação de quase 1200 animais, 910 dos quais eram bovinos, 117 equi-

nos, distribuídos os restantes entre ovinos, caprinos e suínos.

O certame teve caráter de Exposição-feira, de modo que foi apreciável o numero de animais apresentados apenas com fins de venda. Dentre as raças bovinas, predominou a Indubrasil, seguida pela Gir, Holandesa preta e branca, Nelore, Guzerá, Schwyz, e Holandesa vermelha e branca.

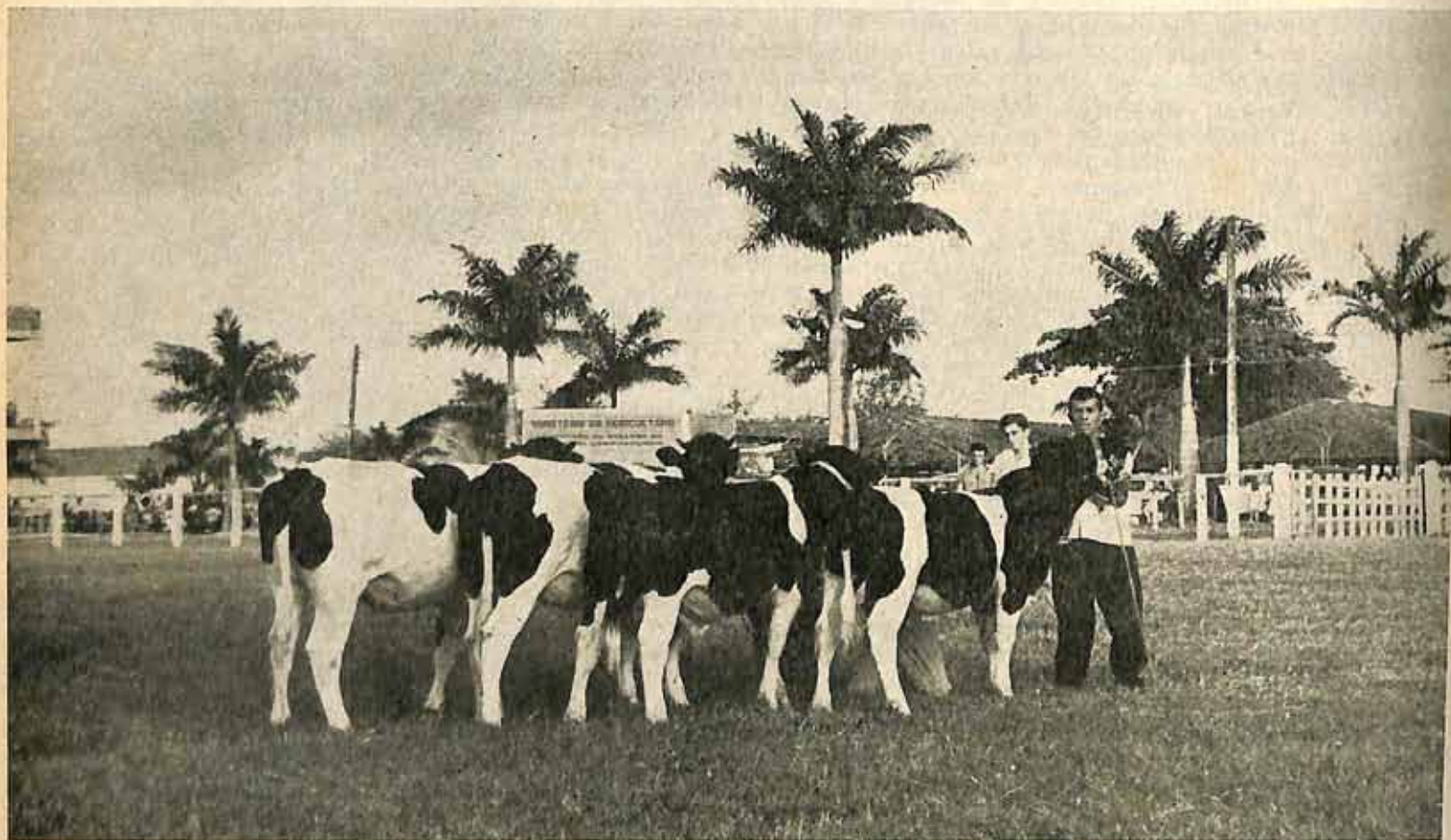


Dentre os equídeos, predominou a raça Mangalarga. Dentre os ovinos houve equilíbrio entre as raças Bergamasco e Deslanada e, entre os caprinos, predominaram Anglo-nubianos.

Ao todo, contribuíram para a XXII Exposição Nordestina de Recife inscrevendo animais, 168 criadores radicados nos Estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais. Nêste particular, além do comércio intenso de zebuínos, feito com sacrifício e pertinácia, é de notar as novas possibilidades que começam a se abrir para os criadores de tôdas as partes do Brasil, diante das facilidades de transportes decorrentes da inauguração da Rio-Bahia e de sua próxima continuação para os Estados do Norte e Nordeste. Muito breve poderemos ter exposições em diferentes pontos do País, com representações dos Estados mais longínquos, como já começa a ocorrer.

A XXII Nordestina de Recife, como acontecimento importante para a vida econômica e social da pecuária e, portanto, para a vida do País, reuniu em sua inauguração a alta administração de Pernambuco, contando com a presença do governador, Miguel Arraes, seus colaboradores e mais autoridades.

As comissões de julgamento foram formadas por técnicos e criadores de Pernambuco, Ceará, Paraíba, Sergipe, Bahia, Paraná e S. Paulo. Paraná esteve representado pelo sr. Raul Rabbers, criador da Cooperativa de Castrolanda Ltda., Castro. Representou São Paulo o Dr. Fidelis Alves Netto, técnico do D.P.A., o qual proferiu útil e interessante palestra, com exibição de diapositivos.



O MELHOR CONJUNTO DA RAÇA HOLANDESA, variedade preta e branca: AMIGO, AMADA, AMAZONAS e ATALAIA — Exportor: Elias F. Cintra, Faz. São Marcos, Alagoas.

CAMPEÕES

BOVINOS — RAÇA HOLANDESA, P.B., P.O. — Campeão Junior: SAN-JOÃO H. EXCELENTE — Cia. Agric. e Industrial S. João, Recife, Pe.

RAÇA SCHWYZ, P.O. — Campeão Junior TWIST — Manoel Cesar de Moraes Rêgo, Fazenda Fortaleza, Altinho, Pernambuco. **Campeã Junior: HERANÇA —** Manoel Cesar de Moraes Rêgo.

RAÇA NELORE — Campeã Junior ALTEZA IRCA — Irmãos Rocha Cavalcanti, Fa. Guanabara, União dos Palmares, Alagôas. **Campeão Senior: TOSTÃO —** Agro-Pecuária Conceição S.A., Faz. Encanto, Caruarú, Pe. **Reservado Campeão Junior: HISPANO IRCA —** Carlos Rocha Cavalcanti, Faz. Guanabara, União dos Palmares, Alagôas. **Reservada Campeã Senior: GALBA IRCA.**

RAÇA INDUBRASIL — Campeã Senior: GENUINA — Gesilda Gonçalves Guerra, Engenho Limeira Grande, Carpina, Pe. **Reservado Campeão Senior: YORK —** Otaviano Basilio Duarte, Faz. Sto. Antônio, Limoeiro, Pe. **Reservado Campeão Junior: TENEBROSO —** Otaviano Heráclio Duarte, Faz. Cumbe, Limoeiro, Pe.

RAÇA GIR — Campeã Junior: DIACUI. Reservada Campeã Junior: DILEMA. Reservado Campeão Junior: SAHORI. Todos de Rodolfo de Andrade Moraes, Faz. Indiana, Umbuzeiro, Paraíba.

RAÇA GUZERÁ — Campeã Senior: UBIRAJARA — Moacyr de Brito Freitas, Faz. Jardim, Pesqueira, Pe.

EQUINOS — RAÇA MANGALARGA — Campeão Senior: NEGUS — Almany Sampaio, Engenho Souto Maior, Paudalho, Pe. **Reservado Campeão Senior: SERANDY —** Joaquim Otávio Guerra, Engenho Cavalcanti, Nazaré da Mata, Pe.

RAÇA CAMPOLINA — Campeão Senior: CRUZEIRO DO BONFIM — Mário José Dubeux, Faz. Bonfim, São Caetano, Pe. **Reservado Campeão Senior: BRINDE —** Adriano Ferreira, Faz. Ginete, P. Azul, M.G.



Aspecto do Parque de Exposição de CORDEIRO — RECIFE, PERNAMBUCO.

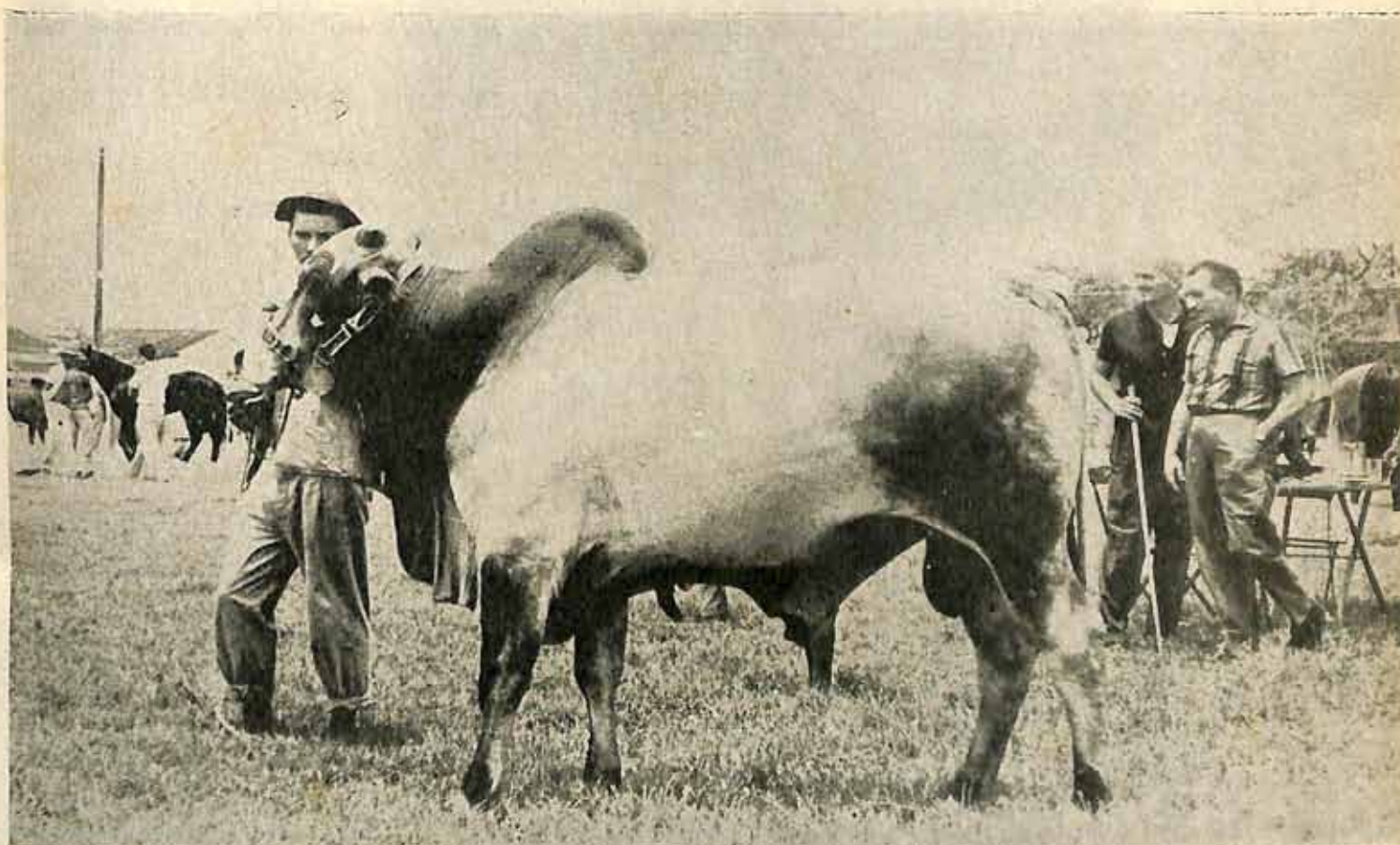
CONCURSO LEITEIRO

Vacas — adultas:

1º **VERBENA —** com 170.130 pontos; campeã-Prod. em 3 dias: 3,721 kg de gordura (6,36%) em 58,500 kg de leite Exp. Newton Tenorio de Brito, Granja Arcoverde, Arcoverde.

2º **MIRIAN —** com 166,310 pontos: Vice-Campeã; Prod. em 3 dias: 3,017 kg de gordura (3,98%) em 75,800 kg de leite. Exp. Esio de Holanda Cordeiro, Faz. Basílio, São Bento do Una. *Cabras leiteiras:*

Campeã — **RAINHA —** com 16,990 pontos: prod. em 5 dias: 0,313 kg de gordura (4,11%) em 7,600 kg de leite. Exp. João A. de B. Esteves, Granja B. Vista, Agrestina.



TOSTÃO — Campeão Senior da raça Nellore — Agro-Pecuária Conceição S.A., Faz. Encanto, Caruarú.

É possível produzir leite na zona agreste em Pernambuco e no Nordeste em geral?

Responde a Estação Experimental da Secretaria da Agricultura em São Bento do Una

FIDELIS ALVES NETTO

Havíamos saído bem cedo de Recife e nosso objetivo estava bem distante: tencionávamos dormir em Batalha, no Estado de Alagoas, e nosso meio de condução era uma caminhonete Internacional de dois bancos. A viagem tinha que ser bem aproveitada, pois, o Dr. Antonio Luis Coelho, ex-diretor do DNPA, profundo conhecedor de seu Estado e da pecuária nacional, que a tinha planejado e preparado, sabia que poderia mostrar muita

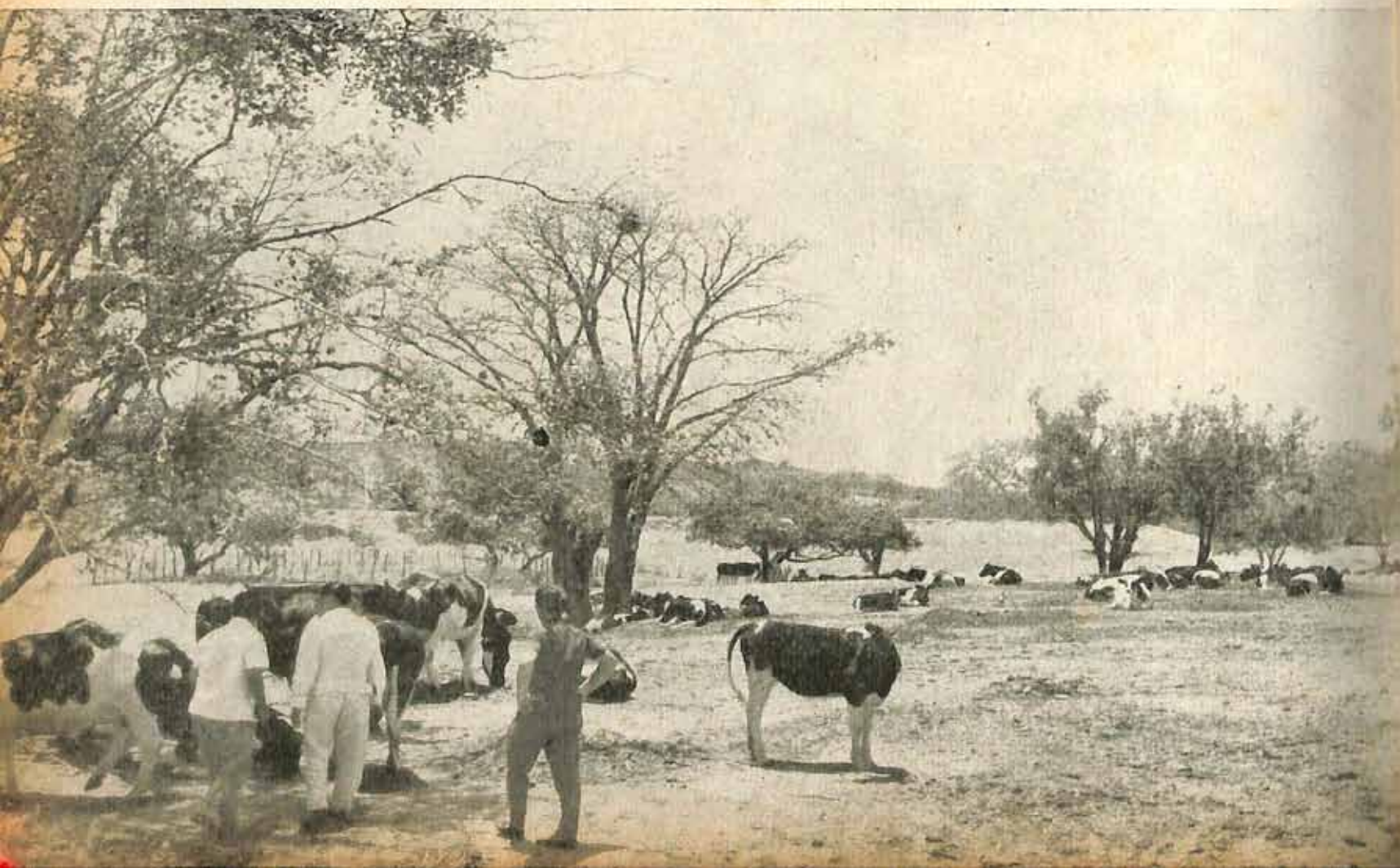
coisa nova aos seus convidados do Sul, um técnico de S. Paulo e um criador holandês no Paraná.

De fato, carradas de razão tinham o Dr. Coelho, e Dr. Estima Souto e outros companheiros, quando nos falaram do que estava acontecendo no interior de Pernambuco e de Alagoas, em matéria de produção de leite e de criação de gado leiteiro.

Rapidamente o carro nos conduziu através da estreita faixa compreendida pela zona da ma-

ta e utilizada principalmente para a produção de cana. Tivemos curtas paradas para algumas visitas: ao Posto de Monta e Residência Agro-pecuária de Vitória; a um posto de refrigeração do leite em pleno funcionamento em Gravataí, onde o Dr. Coelho queria chamar nossa atenção para um determinado tipo de aparelho, e finalmente a outra Residência Agro-Pecuária da Secretaria da Agricultura, e recinto de

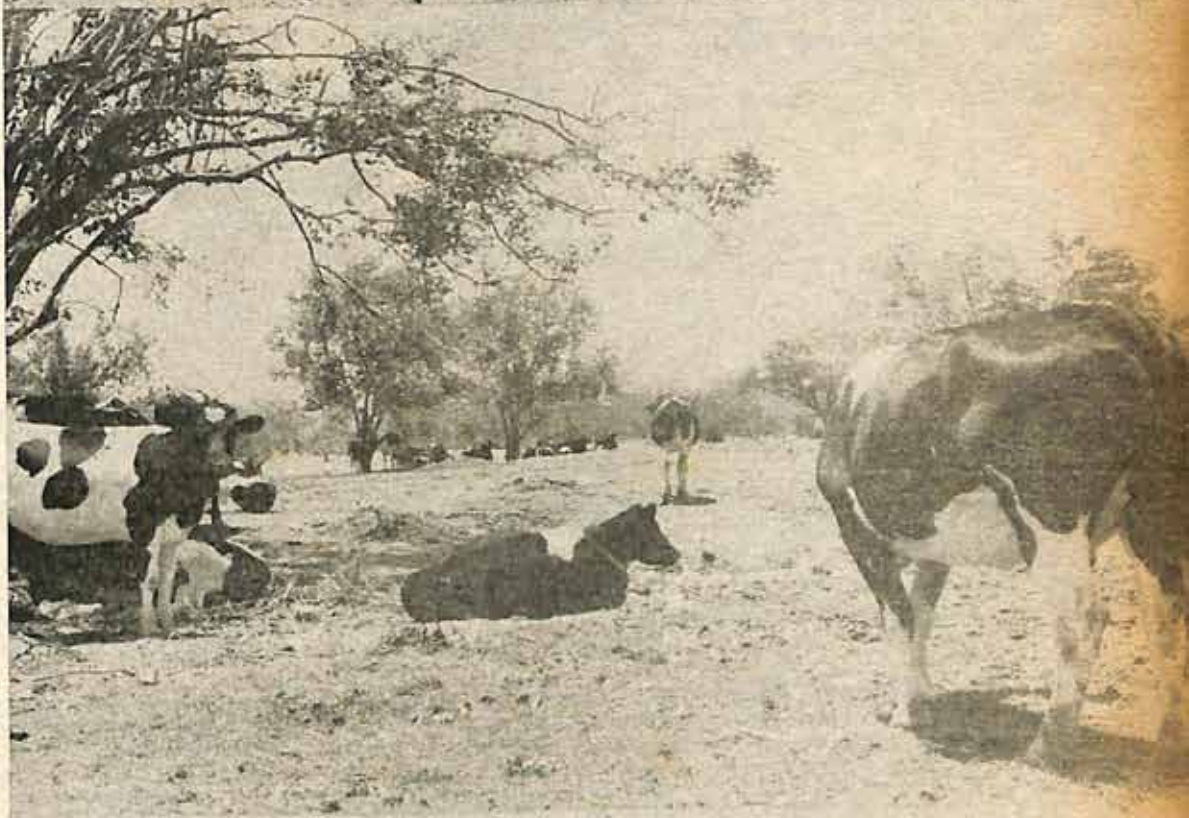
O que impressiona ao visitante do Sul é a absoluta ausência de verde. Onde o pasto? O gado permanece solto durante o dia, abrigado à sombra das árvores. Nada que comer no piquete. A fotografia foi tirada às 12 horas, sol a pino e nela aparecem o Dr. Coelho, Raul Rabbers e o agrônomo chefe da Estação.



A canícula não convida a andar, mesmo porque não há o que pastar. As vacas e novilhas apenas se admiraram com a presença de um fotógrafo.



Aqui medra uma graminha rala. O estado do gado, porém, não revela dificuldades nem carência. Parece que o Dr. Coelho tinha razão. Note-se o brilho de pêlo da rês é direito.



Aqui começam os indícios de que algo existe. Por que o gado apresenta quasi sempre uma leve diarreia, apesar de seu estado e sem pasto verde? "É a palma! — diz o Dr. Coelho. Estas rês são sendo submetidas a um teste. Recebem no côcho palma para comer à vontade. Ela é fornecida picada, mas as vacas também a consomem inteira. Um grupo de vacas consumiu, durante uma semana, em média, 70 kg por cabeça, por dia. Uma houve que chegou a consumir, num só dia, 117 kg! Comem apenas palma? Não, recebem também torta de algodão e mistura mineral. É nossa única ração possível".





E os bezerros? Os novos vão muito bem. Recebem leite e mordiscam a palma. Estes comem só palma e torta. Que tal sua aparência? Perdem muitos? Este ano, só um.

Evidentemente, tínhamos que conhecer as plantações da Estação. E o fizemos de carro, já que são extensas, algumas dezenas de alqueires (de 24.200 m²) e estas fotografias são algumas das amostras. Esta é a palma gigante. Existem tres variedades mais conhecidas, a gigante, a redonda ou média e a miuda. A palma gigante é a mais difundida em Pernambuco. É mais exigente quanto ao solo. Esta, que vemos na fotografia foi adubada com fosforita, cálcio e esterco. Deverá ser cortada em breve. Está plantada há tres anos.



Nesta touceira vemos algumas raquetes ou folhas bem grandes. Uma delas tem quasi tres palmos de comprimento. Não tem espinhos. Esta cactácea (*Opuntia ficus-indica* Mill) como as demais, é cultivada em região semi-árida, mas tem elevado teor de água em sua composição: 94,5% (a palma miuda apresenta menos: 91,6%); 0,57% de proteína, 2,78% de não nitrogenados e 0,46% de fibra. A palma gigante chega a produzir até 140 kg por pé. Em experimentações, obtiveram-se até 40 kg num trimestre, variando em casos particulares e dependendo do solo, atingindo até 100 kg. Em experimentação realizada há alguns anos, obtiveram-se em um hectare, em Pernambuco, no primeiro trimestre do ano, 110 toneladas de palma.

Um palmar pode sofrer o primeiro corte a partir de um ano e meio, até tres anos, dependendo da qualidade da terra, da adubação, da distância em que foi plantado. Este da fotografia contava dez meses no dia da visita. A palma é largamente plantada nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Piauí. Cálculos de 1959 indicavam cerca de 1,5 milhões de bovinos mantidos nessa região, utilizando a palma como base de alimentação. O consumo médio por cabeça, por dia, era estimado em 88 kg.

exposições, em Caruarú. Nossa próxima visita seria a Estação Experimental de São Bento do Una.

Mas, pairava ainda no ar, sem resposta positiva, nossa pergunta sobre a maneira de trabalhar dos criadores da região, em condições tão adversas, em ambiente hostil a vacas leiteiras. Tínhamos mesmo dúvidas de que pu-

dessemos encontrar exemplares de raças leiteiras europeias, estando quasi certos de que somente encontraríamos zebuínos e seus mestiços. Naquele calor, em ambiente de tão pouca umidade, era mesmo pouco provável. Entretanto, como as informações eram de que ali havia boa produção de leite, nessa zona do Agreste, e enquanto o carro percorria

estrada já poeirenta, fóra do asfalto, mantinhamos-nos atentos para descobrir como o Dr. Coelho iria provar a origem de tantas dezenas de milhares de litros de leite, que informava eram obtidos diariamente naquela zona. Só vendo. E vimos!

O resultado de nossa visita, as impressões que tivemos na Estação Experimental de S. Bento do

Ensilagem



Transformando milho, sorgo, sobras de pastos, capins Guatemala, Napier etc., em silagem, o gado leiteiro terá alimentação garantida para atravessar o período da seca.

UMA COLABORAÇÃO DE PRODUTOS



SETOR AGROPECUÁRIO

G-RV-26/62

Una aqui estão nas fotografias que apresentamos. Note-se que, no momento de nossa visita, o colega responsável pela Estação encontrava dificuldades no abastecimento de água para sua própria casa, para o pessoal e para os animais. Quanto ao gado, aí está a resposta, apesar de nada receber.

FATORES NEGATIVOS E FATOS AUSPICIOSOS

Muito curto foi o prazo que medeou entre a assinatura de acordo para realização da XXII Exposição e seu início: 12 de Setembro e 10 de Novembro do mesmo ano, menos de dois meses. Ignoramos se a exposição estava marcada há mais tempo. Caso isso não tenha acontecido, talvez esteja aí a razão de muitas das dificuldades enfrentadas. Realmente, é indispensável que criadores e organizadores contem com um bom prazo para se preparar para a realização de uma exposição. Estamos acostumados a improvisar, mas o preparo de um animal exi-

ge tempo E', pois, de todo recomendável a fixação de calendários anuais, com prazos nunca inferiores a seis meses, quando não um ano ou mais.

O regulamento da XXII Nordeste de Recife seguiu as normas já firmadas em exposições realizadas em S. Paulo e Minas, fato auspicioso, pois nos vai conduzindo a uma padronização útil, que no futuro permitirá comparações e facilitará entendimentos entre criadores, juizes e organizadores, possibilitando preparo prévio de inscrições, etc. Nossos aplausos à comissão organizadora.

Util, também, sob todos os aspectos, a reunião de técnicos e criadores de vários Estados, por ocasião da realização da Exposição. Ainda que de certo modo dispendiosas, têm tais reuniões a propriedade de permitir utilíssimas trocas de impressões, atualizando conhecimentos, permitindo contactos novos, visitas, de-

monstrações, e um conagraamento indispensável. E' este um dos grandes proveitos que se tem de uma exposição e cujos resultados aparecem a curto e longo prazo.

Teve a XXII Nordeste de Recife o seu brilhante concurso leiteiro. As produções, ainda que muito boas, não podem ser apontadas como excepcionais para bovinos. A produção mais alta, registrada num dia, 32,700 é bastante significativa, ainda que a porcentagem de gordura fosse insuficiente. Aqui vai uma sugestão aos colegas do norte: Não seria aconselhável reduzir um pouco o mínimo de gordura nas zonas quentes, em face do limitado interesse existente para as gorduras? Por que 3 e não 2,5 ou 2%? Tal vaca foi desclassificada com a produção média de 31,183 em três dias, porque a porcentagem de gordura ficou em 2,84%. Está certo diante do regulamento, mas estará diante da realidade?

O gado Gir leiteiro do Retiro Ipê, de Mococa

O sr. Francisco F. Barreto é um adiantado criador de gado em nosso Estado. A São Francisco Limitada, de que é presidente, mantém aprimorado rebanho de Gir leiteiro, que vem obtendo inegável êxito, numa vitoriosa experiência, em que mais uma vez se põe em prova a capacidade e o descortino de nossos proprietários rurais. Visitando-o e acompanhando de perto as atividades da sua fazenda, poderíamos contar muita coisa aos leitores desta revista. Mas preferimos ouvir dele mesmo a história de sua experiência e a narrativa de seus triunfos. Foi uma excelente entrevista, que procuramos reproduzir linhas abaixo.

OITENTA VACAS DÃO INÍCIO A UM PLANTEL

— Em 1930 em Cajurú, (Estado de São Paulo) adquirimos do criador Deusdedith Palma 80 vacas selecionadas e escolhidas, com as quais demos início à nossa criação de gado Gir leiteiro. A seguir, para servir essas vacas, adquirimos do Coronel Cândido Pereira Lima, um touro Gir importado de nome Indiano, com ótima caracterização da raça. Compramos também General, um garrote Gir do Coronel Antenor Machado de Azevedo, grande criador da raça, estabelecido em Sta. Rita de Cássia, Minas Gerais. Com esses dois touros, ficamos por vários anos apresentando satisfatória consanguinidade.

Mais tarde, recebemos o touro pre-

sente do Coronel Cândido Pereira Lima, touro êste crioulo do Cap. Antônio Jacinto Sobrinho, de Franca. Suas filhas chegaram a produzir, na primeira lactação, 11 a 12 kg de leite diários, em uma única ordenha, pesada diariamente e anotada em caderneta própria. Isso por volta de 1935. Daí para cá viemos sempre conservando o nosso plantel leiteiro.

Nessa ocasião fizemos uma venda de vacas para o Estado de Minas Gerais, e mais tarde outra, incluindo o famoso reprodutor Confetti, filho de Gaiolão, juntamente com numerosas de suas filhas. Por essa época, dava-se mais valor às formas e às características da raça, não à produção leiteira.

Sobrevindo a crise do Zebú, adquirimos reprodutores novos, entre eles

um filho de Camélia, do sr. Hygino Caleiro Filho, de Franca (SP).

Com o crescimento do nosso plantel, introduzimos alguns reprodutores de Curvelo (MG), pertencentes à criação do Sr. Evaristo Soares de Paula, cujos filhos já estão nascendo.

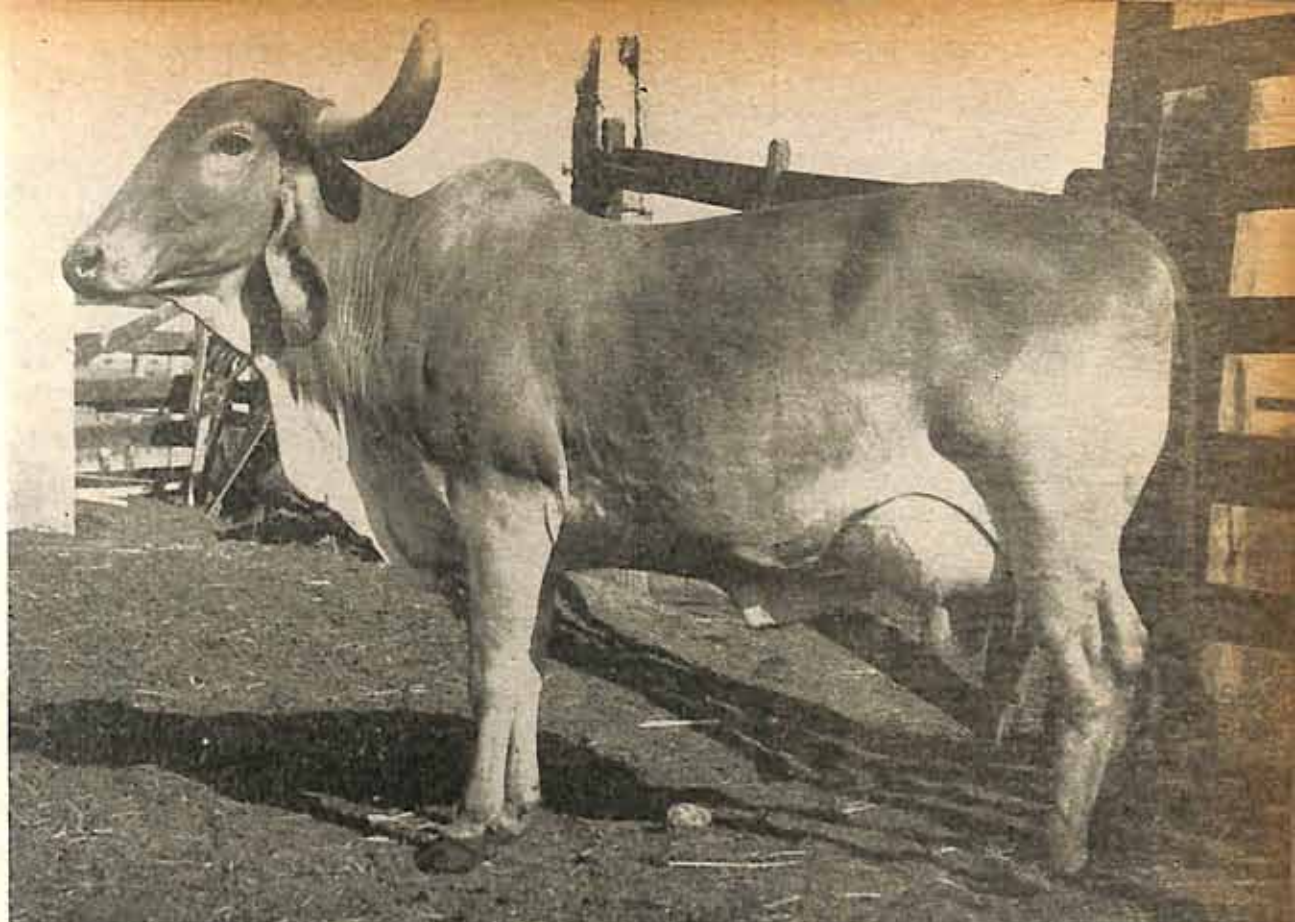
MAIOR PRODUÇÃO LEITEIRA

— Ha cerca de tres anos, fizemos nova seleção dentro do nosso plantel leiteiro, tendo como meta principal a maior produção leiteira. Apartamos 124 vacas e novilhos e formamos o nosso plantel de Gir Leiteiro para reprodutores, em nosso «Retiro Granja Ipê», no município de Mococa, Estado de São Paulo; para aprimorar ainda mais esse lote, temos adquirido o que há de melhor em maior produção leiteira nas seleções oficiais.



Produtoras Gir leiteiro com produção controlada pela A.P.C.B.

LAÇADA — por Batucada e Castelo. Controlada pela A.P.C.B. e somente com três tetos.



Em 1961 e 1962, compramos os melhores reprodutores postos à venda ou em leilão pela Fazenda Experimental de Seleção Getúlio Vargas, que o governo federal mantém em Uberaba (Minas Gerais).

Novamente em 1962 adquirimos Agadir, e Árabe (filho do conhecido Xopotó), que eram os melhores reprodutores da Fazenda de Seleção do Governo do Estado de São Paulo em Ribeirão Preto.

De alguns anos para cá, por iniciativa de criadores particulares de gado leiteiro da Associação Rural de Mococa e de «Laticínios Mococa S/A», tem-se realizado anualmente, durante o mês de julho, o Concurso Leiteiro de Mococa, que em 1963 completou o seu sétimo certame. Desde 1962, temos sido instados a participar deste certame leiteiro, competindo com vacas Holandesas e mestiças de Holandesas.

Inscrevemo-nos com nossas vacas Gir leiteiro e obtivemos a média de 14,145 kg, sendo Delta a melhor vaca, com 15,240 kg. Em 1963, apesar da grande seca que afligiu todo o Estado obtivemos a média de 13,880 kg, sendo Argentina a melhor vaca com 14,840 kg.

Desde setembro de 1962 nosso rebanho de Gir leiteiro está sob controle de produção, a cargo da Associação Paulista de Criadores de Bovinos. Os resultados deste controle da totalidade das vacas têm sido publicados pela «Revista dos Criadores».

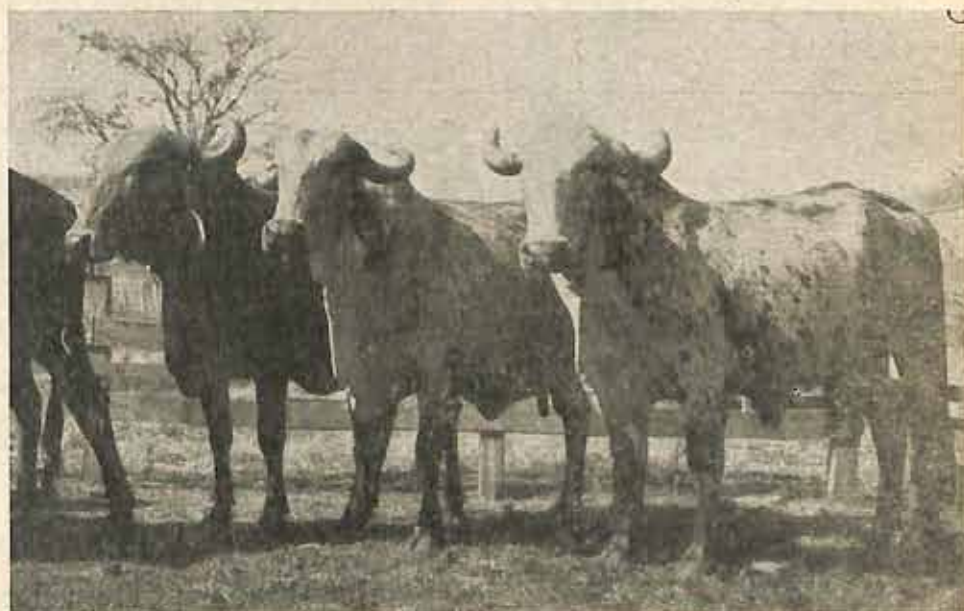
REGIME DE VIDA DO GADO

— Temos mantido nosso rebanho em regime de uma ração diária, ministrada em cochos comuns, onde todas as vacas comem soltas e ao mesmo tempo. Essa ração, composta de farelo de algodão, cana de açúcar picada e milho triturado, é dada às vacas em lactação, uma única vez por dia, antes da ordenha da tarde.

Em nosso rebanho da Granja Ipê, fazemos duas ordenhas diárias, às 6 e às 15 horas. Todas as vacas são ordenhadas com os respectivos bezerros atados às suas mãos, em curral co-

mum e descoberto. Fazemos duas vezes por dia a pesagem do leite de todas as vacas em lactação e em todas as ordenhas realizadas durante um período de 10 meses, registrando-a em livros e fichas próprias. Depois deste período, a vaca entra em desmame. No início de cada mês, reservamos uma só teta para o bezerro, a qual não é ordenhada. Todos os meses fazemos revessamento da teta reservada ao bezerro. Introduzimos ultimamente, para nosso melhor controle, o balde-mamadeira.

Dividimos a área de 50 alqueires,



Três esplêndidas reprodutoras do plantel do Retiro Ipê.

que é o total do retiro «Granja Ipê», em 12 pastos formados de capim Jaraguá, Gordura, Colônião, Angola, Campineiras de Napier e um canavial. As vacas servem-se destes pastos em rodízio, permanecendo 8 a 10 dias em cada área.

Os bezerros têm seus próprios pastos de capim Pangola, Jaraguá e Gordura; uma vez por dia, recebem uma ração de milho triturado com farelo de algodão.

Temos sempre dois ou três touros em serviço, soltos com as vacas no pasto. Anotamos nas fichas das vacas em lactação as coberturas que recebem.

Os bezerros desmamados, as novilhas e as vacas fora de lactação são mantidas em pastos à parte.

PRODUÇÃO MÉDIA DAS VACAS CONTROLADAS

— Temos tido a seguinte média mensal obtida pelo controle oficial efetuado pela Associação Paulista de Criadores de Bovinos, controle êste de todas as vacas em lactação:

Janeiro /63 - 50 vacas - Média 6,680 kg

Melhor vaca: Borboleta - 10,100 kg
Fevereiro/63 - 45 vacas - Média 7,519 kg

Melhor vaca: Salmoura - 11,050 kg
Março/63 - 41 vacas - Média 7,542 kg

Melhor vaca: Borboleta - 11,000 kg
Abril /63 - 43 vacas - Média 7,454 kg

Melhor vaca: Saudade 12,600 kg
Maio /63 - 41 vacas - Média 6,631 kg

Melhor vaca: Saudade 12,500 kg
Junho /63 - 35 vacas - Média 6,875 kg

Melhor vaca: Argentina 12,650 kg
Julho /63 - 41 vacas - Média 8,445 kg

Melhor vaca: Argentina - 13,450 kg

Agosto /63 - 47 vacas - Média 7,760 kg

Melhor vaca: Pelintra 12,650 kg
Setembro /63 - 47 vacas - Média: 7,669 kg

Melhor vaca: Addis-Abeba - 11,600 kg

VACAS PRODUZINDO MAIS DE NOVE QUILOS

— Temos um número bastante expressivo de vacas com produção diária acima de 9 quilos por dia, como se vê a seguir:

Janeiro - 50 vacas em controle - 7 acima de 9 kg

Fevereiro - 45 vacas em controle - 11 vacas acima de 9 kg

Março - 41 vacas em controle - 11 acima de 9 kg

Abril - 43 vacas em controle - 8 acima de 9 kg

Maio - 41 vacas em controle - 4 acima de 9 kg

Junho - 35 vacas em controle - 7 vacas acima de 9 kg

Julho - 41 vacas em controle - 16 acima de 9 kg

Agosto - 47 vacas em controle - 12 acima de 9 kg

Setembro - 47 vacas em controle - 10 vacas acima de 9 kg

Outubro - 53 vacas em controle - 11 vacas acima de 9 kg

Mantemos um segundo rebanho de Gir leiteiro em nossa propriedade Fazenda Santo Antônio do Engenho, onde também pesamos diariamente cada tirada, vaca por vaca, ordenha por ordenha. Em 1963, tínhamos neste rebanho, 90 vacas em lactação, com média geral de 5,400 kg de produção. O objetivo é a produção de reprodutores Gir leiteiro, gado rústico,

fácilmente adaptável ao clima, ao meio e ao ambiente de criação de nosso país, servindo para qualquer cruzamento e produzindo, em abundância e em condições normais, leite e carne, que são os elementos básicos para a alimentação do nosso povo.

OS REPRODUTORES DO RETIRO IPÊ

— Eis os REPRODUTORES do «Retiro Granja Ipê», por ordem cronológica, para aprimorar a produção leiteira de seu rebanho:

1930 - Vacas adquiridas de Deusdedit Palma-Cajuru - S.P.

Touro Indiano — importado, comprado do Cel. Cândido Pereira Lima.

GENERAL - garoto comprado do Sr. Machado de Azevedo - Santa Rita de Cássia, atual Cássia — M.G.

PRESENTE - comprado do Cel. Cândido Pereira Lima por Antônio Jacinto Sobrinho, Franca - S.P.

RESERVADO, LORD.

CONFETTI - filho de GAIOLÃO

Um filho de CAMÉLIA - comprado de Hygino Caleiro Filho — de Franca - S.P.

JATU, COLGATE.

Três garrotes comprados de Evaristo Soares de Paula de Curvelo — M.G.

URDIDOR, ZITO, ADUBO, ALPO, comprados da Fazenda Experimental de Seleção Getúlio Vargas do Governo Federal - Uberaba — M.G.

AGADIR e ARABE - comprados da Fazenda Experimental de S. Paulo — Ribeirão Preto.

COLABORAMOS TAMBÉM COM A LAVOURA E A PECUÁRIA

Financiando a lavoura e a pecuária, utilizando o sistema de Promissórias Rurais, colocamos nossas 85 agências a serviço do desenvolvimento agrícola brasileiro.



BANCO NOVO MUNDO S.A.

uma empresa das

ORGANIZAÇÕES NOVO MUNDO-VEFAG

genuinamente brasileiras

Os drs. Antônio Bento Ferraz e João Laraya receberam a medalha do mérito agrícola

O pioneiro da Fazenda São Bento — O criador de Jersey na Granja Santa Hilda — Medalhas concedidas anteriormente

Instituída pela Confederação Rural Brasileira e reconhecida por decreto do governo federal em 1960, a Medalha do Mérito Agrícola tem distinguido eminentes personalidades da pecuária, da lavoura e da ciência, assim como da ação social e da divulgação. Eram catorze esses agraciados; agora são dezenove, acrescidos dos cinco que recentemente, em solenidade realizada no dia 18 de Dezembro, receberam a honrosa laurea.

Entre os cinco de 1963, é com satisfação que vemos dois grandes nomes da agro-pecuária paulista: os drs. Antonio Bento Ferraz e João Laraya, cuja atividade os nossos leitores bem conhecem, pois são dois denodados batalhadores em prol do aprimoramento das lides agrícolas em nosso País.

O PIONEIRO DA FAZENDA SÃO BENTO

Em verdade, o dr. Antonio Bento Ferraz, considerado como merecedor da medalha do Mérito Agrícola no setor da Lavoura, é um agrônomo a que o Brasil muito deve pela ação persistente que vem desenvolvendo em prol dos interes-



O dr. Antônio Bento Ferraz.

ses nacionais não apenas por meio da palavra autorizada que se faz ouvir nos conselhos da classe, mas, principalmente, pela ação e pela iniciativa que desenvolve nas terras que tem sob sua administração. Agrônomo, formado pela tradicional Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, que tanto elevou o nome da cidade de Piracicaba, aí se iniciou nas arduas lutas da agricultura, tomando sob seus ombros a tarefa de fazer produzir a propriedade agrícola da família, de que era chefe o venerando advogado Vitaliano Ferraz do Amaral. A época não era propícia, nem as circunstâncias o ajudavam: depois de ter tentado várias realizações, que ficaram como exemplo, teve que transferir a outros a posse da terra. Empreendeu, então, proveitosa viagem aos Estados Unidos, onde se dedicou a estudos de agricultura e da comercialização do nosso principal produto, o café voltando ao Brasil com ideias novas e propósitos grandiosos. Uma fazenda velha do município de Valinhos, neste Estado, foi o campo de suas atividades: ali pôz em prática seus conhecimentos, transformando a velha propriedade, que dentro em breve se tornou uma das fazendas-modelo do Estado de São Paulo. A Fazenda São Bento é hoje ponto obrigatório de visita de hóspedes ilustres de nosso Estado: uma lavoura de mais de quarenta mil pés de café, plantados em moldes científicos modernos, produz café finos, ali mesmo despulpados, testemunhando eloquentemente o de que é capaz a boa administração agrícola: as chamadas terras cansadas desabotoaram em frutos.

Pioneiro da renovação da cultura cafeeira, o dr. Antonio Bento Ferraz participa, em posição notável, da diretoria da Sociedade Rural Brasileira e, em todos os momentos cruciais da vida agrícola nacional, sua opinião é solicitada com interesse. Em dois anos seguidos, em 1955 e 56, foi o grande campeão estadual das práticas de conservação do solo. E não apenas lavrador, mas também criador ele é: possui excelente plantel de Holandês preto e branco importado da Argentina e excelente aviário.

O CRIADOR DE JERSEY NA GRANJA SANTA HILDA

O dr. João Laraya, justamente agraciado com a medalha do Mérito Agrícola no setor da Pecuária, é outro devotado fazendeiro paulista, cuja atividade se tem desenvolvido principalmente na criação ramo em que se especializou e em que tem conseguido posição de realce. As páginas desta revista estão repletas de citações de seu nome entre os ganhadores de prêmios em certames estaduais e nacionais, aos quais concorre com os magníficos exemplares de seus plantéis, pois ora se trata de gado leiteiro da mais apurada procedência, ora se trata de gado indiano para corte, também criado com zelo. Entre esses prêmios figuram títulos de campeão nacional e regional, várias vezes conquistados, com grande merecimento.

Engenheiro químico, o dr. João Laraya



O dr. João Laraya.

também abandonou a profissão a que pretendia dedicar-se, para se entregar à pecuária, a princípio criando gado de corte na fazenda Santa Silvia, no Município paulista de Garça, onde inúmeros criadores foram buscar reprodutores, que, em outras unidades da Federação, obtiveram campeonato em exposição e, por suas descendentes, em concursos outros. Iniciou-se com a raça Nelore, passando depois para a Guzerá, em 1942, quando estabeleceu fazenda também em Mato Grosso.

Mas, a atividade principal do dr. João Laraya se exerce na Granja Santa Hilda, em Jacareí, neste Estado. Lá cria magnífico gado Jersey, que lhe tem valido a admiração de quantos visitam essa fazenda ou vêm seus animais nos certames a que concorre. Essas vacas leiteiras têm-se salientado nos registros de "controle", constituindo seu conjunto um dos mais belos resultados que a pecuária paulista pode apresentar. Uma sua crioula Jersey, de nome Balada de Santa Hilda, está em primeiro lugar na Categoria de Longevidade e, na classe de adultas, é recordista de leite e de gordura. Na IV Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo, que anualmente se realiza no Parque da Água Branca, conquistou a Medalha de Ouro Governo do Estado, oferecida ao melhor expositor da raça.

Como criador não ficou apenas no trato de seu extraordinário plantel Jersey, mas também se esmerou no proporcionar a seu rebanho a melhor alimentação, tendo sido um dos primeiros a introduzir o capim pangola no País.

A Associação Paulista de Criadores de Bovinos deve ao dr. João Laraya assinalados serviços, que nunca será demais encarecer. Como vice-presidente e, depois, presidente a ele deve a entidade representativa da pecuária paulista parte da invejável situação que hoje desfruta, o que lembramos para encarecer o acerto com que se houve a Confederação Rural Brasileira ao conferir ao dr. João Laraya a medalha do Mérito agrícola no setor pecuario.

OS OUTROS PREMIADOS DE 1963

A Confederação Rural Brasileira conferiu ainda a medalha do Mérito Agrícola aos srs. dr. Frederico de Menezes Veiga, José Anastácio Vieira e João Napoleão de Andrade, pela ação que desenvolveram, respectivamente, nos setores Ciência, Divulgação e Ação Social.

O dr. Frederico de Menezes Veiga é engenheiro agrônomo formado em Manaus. Na Estação Experimental do Ministério da Agricultura, em Campos, no Estado do Rio, obteve a variedade CB (Campos-Brasil) de cana de açúcar, espalhada hoje pelo País. O sr. José Anas-

tácio Vieira é jornalista profissional e, como funcionário do Ministério da Agricultura, por sete anos dirigiu o serviço de divulgação agrícola. O sr. João Napoleão de Andrade, agricultor em Minas Gerais, foi presidente da ACAR nesse Estado e da ABCAR no Rio de Janeiro. Em 1959, recebeu a "Lane Bryant International Volunteer Award", como a personalidade que nas Américas mais se salientou por serviços relevantes à comunidade, voluntária e desinteressadamente.

MEDALHAS CONCEDIDAS ANTERIORMENTE

Foram as seguintes as personalidades anteriormente contempladas com a Medalha do Mérito Agrícola da Confederação Rural Brasileira:

Pecuária: Antonio Martins Bastos, Durval Garcia de Menezes, Antonio Saint Pastous;

Lavoura: Assis Chateaubriand, Fábio Luz Filho, Rubens Rezende Peres;

Ciência: Angelo Moreira da Costa Lima, Carlos Arnaldo Krug, Silvio Torres;

Ação Social: Artur Torres Filho, Moacir Brito Freitas, Dom Eugênio Sales;

Divulgação: Eurico Santos e R. Pimentel Gomes em 1962 não houve escolha.



Saliabra

O MINERALIZADOR IDEAL

- para qualquer animal ou rebanho
- contém inclusive os sais minerais que faltam em muitos pastos
- **SALIABRA** é uma mistura melaçada, altamente concentrada, que garante elevada produção de CARNE, LEITE, OVOS E LÃ

Experimente em sua criação e veja os resultados

LABORATÓRIO ISA

IND. BRASILEIRA DE PRODUTOS QUÍMICOS S/A

DEPARTAMENTO AGROPECUARIO

PRAÇA CORNELIA, 96 - FONE 62-4178 - SÃO PAULO

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO - Rua Sorocaba, 584 - Telefone: 46-6659

BELO HORIZONTE - Rua Hermilo Alves, 341 - Telefone: 4-5958

LONDRINA - Rua Santa Catarina, 142 - Telefone: 110 5

MOGI DAS CRUZES - Rua Professor Flaviano de Mello, 747





Agricultura irrigada no Oeste paraibano, pelo açude Coremas. A fotografia foi tirada em dezembro de 1958, o ano mais sêco d'êste século. Visitantes, da esquerda para a direita: engenheiro agrônomo Pimentel Gomes, almirante Lúcio Meira, então ministro da Viação; engenheiro civil José Cândido Parente Pessoa, então diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

CONHEÇAMOS O BRASIL

O nôvo Nordeste

A falta de glebas úmidas virgens, o não solucionamento dos problemas climáticos da zona semi-árida, o feudalismo rural e a falta de indústrias golpearam a economia nordestina

I

PIMENTEL GOMES

Quando, na primeira metade do século XVII, os holandeses invadiram o Brasil, o Nordeste era o seu trecho mais povoado, mais rico, mais evoluído. Estava-se em plena civilização do açúcar. Os engenhos concentravam-se no Nordeste. Enriqueciam-no. Possibilitaram a imigração de fidalgos lusitanos. Em Olinlinda, luxava-se tanto quanto em Lisboa. Explica-se, assim, a preferência dos batavos. Não se esqueça que se o Nordeste úmido produzia açúcar, o semi-árido abastecia seus habitantes.

Passaram-se os anos. Outras riquezas surgiram. Descobriram ouro e diamantes. A riqueza relativa do Nordeste reduziu-se bastante. Mesmo assim, ainda era muito grande durante todo o reinado de D. Pedro I. Então, em 1830, o Brasil tinha 5.150.000 habitantes. Pernambuco contribua com 602.000. O Ceará, com 273.000. Alagoas, 257.000. Paraíba, 246.000. Rio Grande do Norte, 69.000. Sergipe, 267.000. Bahia, 560.000. São Paulo e Paraná tinham 610.000 habitantes. Rio de Janeiro, a capital do Império, 150.000 ha-

bitantes. A província do Rio de Janeiro, 441.000. O Rio Grande do Sul, 170.000. Minas Gerais, 930.000. Ressalta a densidade demográfica da área canavieira nordestina. O Ceará e o Rio Grande do Norte e as terras paraibanas e pernambucanas de além Borborema forneciam carne, queijos, cavalos de sela, mulas carqueiras à zona úmida dos engenhos. E prosperavam.

Em 1867, o Brasil tinha algo como 11.780.000 de habitantes, 436.000 na capital. Pernambuco contribua com 1.250.000

habitantes. Ceará, 560.000. Paraíba, 300.000. Alagoas, 300.000. Rio Grande do Norte, 240.000. Sergipe, 280.000. Bahia, 1.140.000. A província do Rio de Janeiro, 1.100.000. A província de São Paulo, 950.000. O Rio Grande do Sul, 440.000. Minas Gerais, 1.500.000 habitantes. Ainda se destacava a densidade demográfica da zona açucareira nordestina. O Ceará e o Rio Grande do Norte continuavam a enviar boiadas, cavalos e mulas para a zona úmida, densamente povoada, muito rica. Mas o café começava a diminuir consideravelmente a posição econômica relativa do Nordeste, no Brasil.

Passaram-se os anos. A falta de glebas úmidas virgens, o não solucionamento dos problemas climáticos da zona semi-árida, o feudalismo rural e a falta de indústrias golpearam a economia nordestina. Veio o empobrecimento relativo. O Nordeste tornou-se a região mais pobre do Brasil. Houve quem pensasse tal era uma fatalidade ecológica. Felizmente, a técnica hoje pode corrigir fácil e economicamente a ecologia. O Nordeste apresenta-se, atualmente, prenhe de imensas possibilidades econômicas. Tornou-se uma nova fronteira em acentuado desenvolvimento. Surge rapidamente um novo Nordeste. Vejamos algo a respeito, embora muito perfunto-riamente.

OS TRES NORDESTES

Convém não esquecer que, quanto a chuvas, há três nordestes: Um Nordeste úmido, o da cana de açúcar não irrigada. Não é sujeito a secas periódicas. Um Nordeste sub-úmido, grande produtor de milho, algodão, mamona, etc, em culturas não irrigadas. Grande pecuária. Em regra, sofre 10 secas por século. Passa, então, a semi-árido. E há um Nordeste semi-árido no interior do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, oeste de Alagoas e Sergipe, nordeste da Bahia, sudeste e centro-leste cearense e sudeste do Piauí. Torna-se desértico, ou quase, nas secas periódicas. É o Nordeste do algodoeiro Moco ou Seridó, o melhor algodão do Brasil. As culturas não são irrigadas. Há vultosa pecuária.

Quanto à temperatura, há um Nordeste de clima temperado de altitude, nas serras e nos planaltos. A temperatura muitas vezes oscila, aproximadamente, entre 12 a 28 graus. A temperatura média pode ser 19 a 22 graus. É assim em Guaramiranga, Ubajara, Ibiapina, Pacoti, Meruoca, Garanhuns, Areia, Laranjeiras, Serraria, Campina Grande. Há um Nordeste quente, mas muito ventilado, no litoral. A temperatura média é de 25 graus. Há um Nordeste ardente na planície semi-árida. A média eleva-se a 26 e 27 graus. A baixa umidade rela-

tiva e a ventilação constante torna o clima perfeitamente suportável. As noites são muito ventiladas, frescas, e até muito agradáveis. Dorme-se bem. As madrugadas são frias.

CAJUEIRO, UMA GRANDE CULTURA

A agricultura se encontra em franca modernização e expansão. Sementes selecionadas, combates sistemáticos às pragas e moléstias, tratores equipados, máquinas agrícolas à tração animal estão sendo utilizados em quantidades grandes e rapidamente crescentes. Vejamos apenas alguns fatos mais importantes.

A cajuicultura toma um impulso verdadeiramente extraordinário. Para isto contribuem duas estações experimentais instaladas pelo Ministério da Agricultura e inteiramente dedicadas ao cajueiro. Uma fica em Pacajus, o município que produz mais caju em todo o Brasil. Encontra-se na região litorânea cearense, a leste de Fortaleza, em clima úmido, conforme a classificação de Koeppen. Dedicar-se à cajuicultura. Cultiva e industrializa o caju em grande escala. Apenas na fazenda Guarani, do industrial Filomeno Gomes, há 120.000 cajueiros. É o maior cajueiral do mundo. A Estação Experimental do Cajueiro dedica-se à seleção da fruteira e ao estudo dos melhores métodos culturais. Distribui sementes e mudas de varia-

descontos próprios para fabricantes de implementos
descontos especiais para distribuidores à reposição



discos para arados SHEFFIELD

os pioneiros e únicos fabricados
pelo processo "austêmpera"

estamos cooperando
com o plano de fabricação
do trator e de implementos
agrícolas no Brasil.

aço SAE-1080
maior produção
melhor qualidade

processo comum

veja a diferença
da disposição
das moléculas



PROCESSO AUSTÊMPERA

mais dureza
mais duração
mais resistência
menor desgaste



produzidos pela

METALURGICA VOLTA REDONDA S.A.

matriz: volta redonda - estado do rio

escritório de vendas: av. casper libero, 58 - 1.º and. - conj. 115

tels.: 34-8688 e 35-3452 - cx. postal 2024 - end. tel.: voltaço - s. paulo

temperados para a resistência
de qualquer tipo de terra



PALETÓS ESPORTE

Paletós esportivos esplêndidos para usar na fazenda, no campo e mesmo na cidade, durante férias, passeios ou excursões. Cômodos, modernos, muito duráveis e vistosos. Prêços baratíssimos e facilidade de pagamento. Vá vê-los na Casa José Silva Rua São Bento, 51 e filiais — São Paulo.

des de primeira ordem. A Estação Experimental do Cajueiro sediada no município de João Pessoa, Paraíba, em zona mais chuvosa e com chuvas bem distribuídas, dedica-se à industrialização do caju. Atualiza uma indústria tradicional. Era uma artesanato. Torna-se uma grande indústria moldada em métodos rigorosamente técnicos. O suco de caju, aliás delicioso, que está invadindo os mercados do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Curitiba, já é um dos frutos opimos da Estação Experimental do Cajueiro instalada na pitoresca e alegre João Pessoa. Acrescentemos os vinhos licoroso e de pasto, os doces saborosíssimos, as casta-

nhas assadas e muito bem embaladas, vendidas até para os Estados Unidos e alguns Países da América Latina e da Europa, o óleo da casca da castanha, de múltiplas e importantes finalidades. Não admira que o cajueiro se tenha tornado uma grande cultura. Plantam-no aos milhões. Ao longo da rodovia Rio-Bahia, arborizando-a, plantaram, nos últimos meses, somente em território baiano, 200 mil cajueiros. A Bahia não é Nordeste ao sul do rio Paraguaçu. O plantio apenas parcialmente se encontra em terras nordestinas. Mostra, porém, o entusiasmo que o cajueiro está despertando. No Ceará, há uma campanha visando o plantio de cinco milhões de cajueiros. Há campanhas semelhantes no Rio Grande do Norte e na Paraíba. É uma cultura facilíma, hoje, graças à industrialização, de grande valor econômico. Vale a pena.

ADUBAÇÃO DE COQUEIRAIS

A cultura do coqueiro torna-se vultosa. Para isto muito tem trabalhado a Estação Experimental do Coqueiro, que o Ministério da Agricultura instalou perto da simpática e promissora Aracaju. Na Estação, fazem trabalhos de genética e estudam-se os melhores métodos de cultura da utilíssima palmeira. Ademais, lá e alhures, preparam, anualmente, centenas de milhares de boas mudas de coqueiro. Em consequência, as praias se estão cobrindo de imensos coqueirais talantes, fecundos, muito ornamentais. Numa fazenda de Neópolis, Sergipe, plantam agora, 150.000 coqueiros. As safras aumentam aos pulos. A industrialização toma grande impulso, principalmente em Sergipe. Aí, uma grande e moderníssima fábrica industrializa totalmente o côco, desde o mesocarpo fibroso, ótimo para capachos, passadeiras e cabos, até a amêndoa saborosa, riquíssima em óleo e proteína, passando pelo duríssimo, córneo endocarpo. Os produtos, muito variados, espalham-se pelo Brasil. Estão sendo também, exportados. O coqueiro da praia ou da Bahia tem grandes possibilidades econômicas. É uma palmeira providencial. Só agora começamos a aproveitá-la devidamente. Até na zona semi-árida está sendo cultivada, em terras irrigadas pelos açudes. E o que ocorre no município cearense de Sobral, hoje com muita terra irrigada pelos açudes Aires de Souza, Forquilha e Sobral e influenciada pelo gigantesco Araras.

Muito está contribuindo para o aumento de safras a adubação de coqueirais adultos que pouco produziam. Foi o que satisfeitos verifiquei nas terras pobres do litoral oriental do Rio Grande do Norte, quando de minha última viagem ao Nordeste.

Alguns colegas engenheiros agrônomos do Ministério da Agricultura convidaram-me a visitar uma Estação Experimental. Situa-se nas proximidades de Natal, nas terras arenosas e pobres do litoral oriental potiguar. Atravessamos a planície chata, vendo cajueiros, manqueiras, jaqueiras, fruteiras-pão. Vêz por outra, alguns coqueiros quase completamente infecundos. Surgiu um grande co-

queiral bem plantado. A produção era quase nula. Talvez três a dez côcos por palmeira. Uma desolação. E estava aparentemente muito bem cuidado. Uma cerca de arame. Além da cerca, um coqueiral novo, mas notável. Todos os coqueiros tinham frutas. Nunca eram menos de 20. Havia coqueiros, porém, com bem mais de 200 côcos. O solo e o clima eram os mesmos. Qual a diferença? A adubação. O coqueiral vizinho, propriedade de um fazendeiro, não era adubado. O coqueiral do Ministério da Agricultura era sistematicamente adubado há uns dois anos. Cerca de 6 a 8 côcos pagavam a adubação de cada coqueiro. Toda a produção restante era lucro. Os 8.000 km2 de terras pobres mas chuvosas do litoral oriental, têm no coqueiro bem plantado, bem adubado e com as pragas e moléstias sistematicamente combatidas, uma cultura de grande valor econômico. Estão quase inteiramente abandonadas.

UVAS, SISAL E INDUSTRIAS

A vitivinicultura é outra surpresa no litoral oriental potiguar. Certamente a zona de grande futuro vitivinícola no Nordeste é a semi-árida. Mas há alguns anos, quando assistente técnico do diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, enviei para Natal alguns milhares de enxertos de videira de diversas castas. Surgiram alguns vinhedos na planície litorânea. Estão começando a fornecer uvas de mesa a Natal. Um lusitano, o sr. Sá, entusiasmou-se. Trouxe de Portugal um tio viti-

(Conclui na pág. 61)



PAGE S.A.

Praça da Sé, 371 - 1.º andar
Tel. 35-0869 São Paulo

FEVEREIRO DE 1964

Proteja seu Rebanho . . .

Defendendo-o com

CREO-PHENOL

Poderoso desinfetante
e germicida

Tradição desde 1910

Produto garantido por

**Creo -- Asfalto Produtos
Químicos Ltda.**

Rua dos Campineiros, 684

Fone 93-5771 - Caixa Postal 933
São Paulo

A ORQUITE PODE INUTILIZAR O REPRODUTOR

Pode não causar dano algum ao animal, que geralmente consegue viver normalmente; entretanto, a função reprodutiva, que é a mais importante, tende a desaparecer e, desse modo, perde todo valor comercial

WALTER C. BATTISTON
Méd. Vet. da A.P.C.B.

A orquite é a inflamação dos testículos e órgãos próximos a maioria das vezes em consequência de pancadas e pode diminuir as funções desses órgãos (produção de esperma).

A orquite pode atacar um ou os dois testículos, com a duração rápida (forma aguda) ou lenta (forma crônica); a apresentação aguda e nos dois órgãos é mais comum.

Quando o animal está atacado desse mal, em forma aguda, o diagnóstico é fácil, porque se nota o escroto (saco) inflamado, quente, quase sempre arroxeadado ou pelo menos vermelho. Nos casos crônicos, temos que observar com maior

cuidado, porque os sintomas não são tão claros e podem passar despercebidos: os testículos ficam endurecidos e atrofiados, o epidídimo (parte do testículo chamada "cabeça") inflamado e as túnicas (faixas que acobertam o órgão) engrossadas e aderidas.

Muitas vezes a lesão é consequência de moléstias, geralmente brucelose; tanto a tuberculose como infecções por estreptococos e outros germens podem causar tal distúrbio.

Convém esclarecer que a orquite pode não causar dano algum ao animal, que geralmente consegue viver normalmente; entretanto, a função reprodutiva, que é

a mais importante, tende a desaparecer e, desse modo, perde todo o valor comercial.

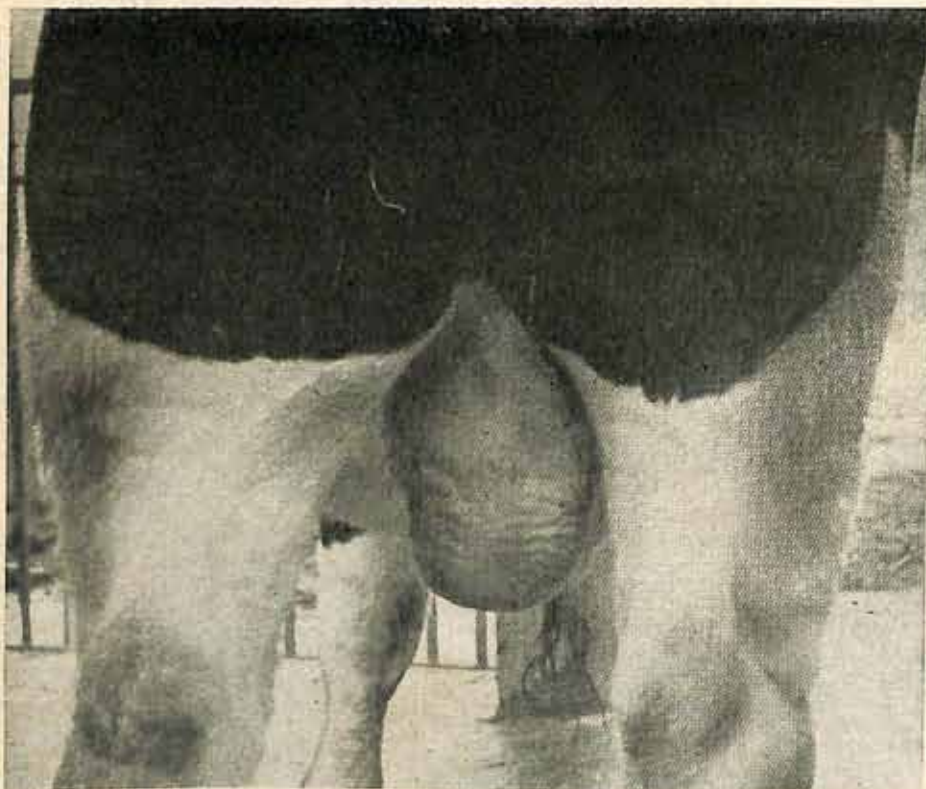
Os casos de animais inutilizados por tais lesões são em numero maior do que se pensa. Alguns deles podem ser acudidos a tempo, enquanto outros passam despercebidos. Infelizmente, a única informação estatística que temos é da Suécia, onde se constatou que 24% dos casos de deficiência testicular de touros foram atribuídas à orquite; cada lote de dois mil touros examinados apresentou pelo menos 1 animal orquítico. Se isso ocorre num país de tão adiantada indústria leiteira, que dizer do nosso?

Entre os germes que possam causar tal anomalia, destaca-se o bacilo da brucelose (*B. abortus*), que pode atacar também os porcos e os pequenos ruminantes. Quasi sempre um só dos "grãos" é atacado, o qual se inflama e fica dolorido, o animal tem febre, falta de apetite, dificuldade de locomoção etc. A pele que recobre o escroto, especialmente do lado doente, torna-se grossa e endurecida, com manchas esbranquiçadas (necrose) e impede a saída do abscesso que, às vezes, se forma no interior. Quando se faz a castração desse testículo, o apetite volta, baixa a febre e o animal torna a se demonstrar normal, fazendo coberturas, geralmente, porém inférteis.

Tal manifestação de brucelose aparece, geralmente, no início da vida sexual do touro, isto é, na "puberdade", mas os fetos podem já possuir o germe da doença, embora não se manifeste antes de tal idade.

Outro micróbio capaz de causar orquite é o *B. pyogenes* (produtor de pús) comum na maioria das doenças dos animais; os sintomas apresentados são semelhantes aos já descritos.

Lembramos, que, nos casos de infecção, a prática nos aconselha recomendar o sacrifício do animal. Os modernos tratamentos conseguem combater a maioria das infecções, mas o trabalho e a parte econômica não devem ser esquecidos no cômputo final. A regeneração



Touro com orquite. Note-se a inflamação da bolsa, que está "encolhida".

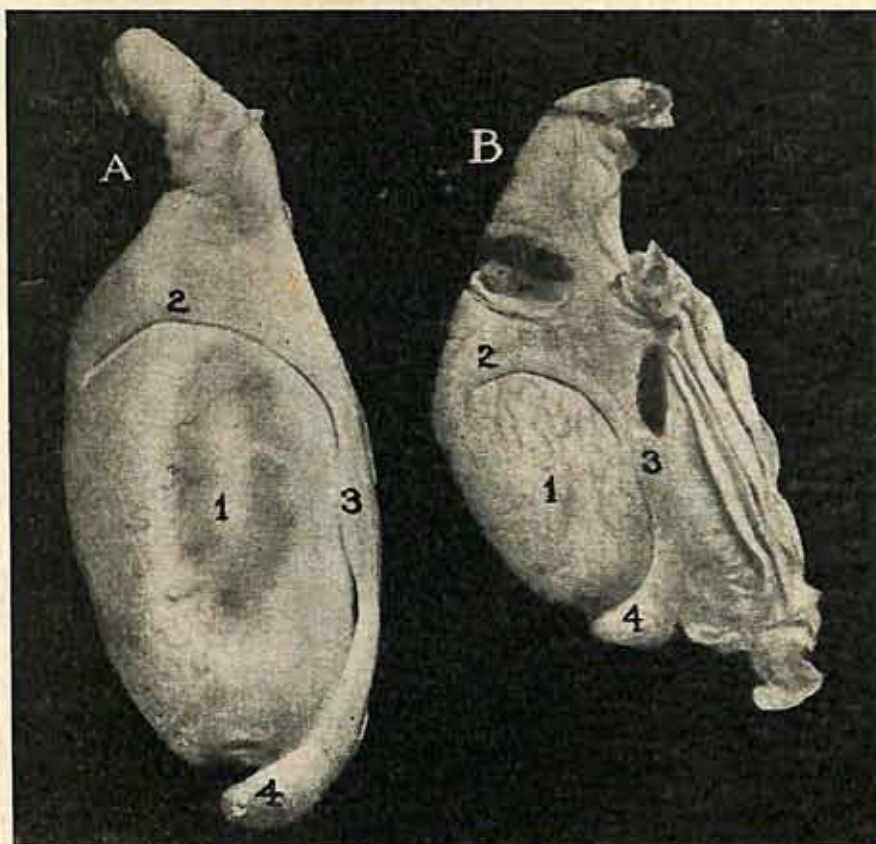
da glândula reprodutora não é fácil e quase sempre é impossível que o animal volte a ter efeito positivo na reprodução, depois de atacado de uma orquite do tipo brucélico, por exemplo. Em outras situações, em que não ha infecção, os resultados são promissores, e os bons tratamentos hormoniais e vitamínicos conseguem sucesso. A vida do touro, em qualquer dos casos, porém, não corre perigo, na maioria das vezes, mas, como vimos, sua vida reprodutiva e, portanto, econômica, na orquite aguda, por brucelose, desaparece.

A forma crônica, exige maior atenção, pois pouco será notado exteriormente; os testículos, ou melhor, o escroto, pode parecer normal no volume, ou ir aumentando tão lentamente que passará despercebido; em muitos animais, acontece o contrário, pois ha diminuição da "bolsa".

Quando se examina "com as mãos" um touro atacado de orquite desse tipo, encontram-se os cordões endurecidos e atrofiados, com aderência das tûnicas que recobrem os testículos, os quais, por sua vez, podem estar atrofiados e rijos ou inflamados; quase sempre se confirma a lesão pelo exame do esperma, pobre de espermatozóide. Deve ter certa prática quem vai palpar os órgãos do animal suspeito, para que não haja confusão com outras coisas.

Algumas vezes, encontram-se degenerações muito acentuadas de algumas das partes do órgão, as quais podem se apresentar amolecidas. E' frequente o aparecimento de tal tipo de distúrbio nos animais empregados com muita intensidade nos serviços de cobertura, especialmente se são novos com os garotes procedentes de pais excelentes, dado seu valor como reprodutor, acontece frequentemente que se procura explorá-los ao extremo e desde cedo; o grande esforço desenvolvido degenera em orquite crônica, na qual os testículos se vão atrofiando e acabam por se inutilizar.

Certos casos de orquite se complicam, vindo a "furo" saindo pús, em outros, o processo se transforma em derrame



Dois testículos de touro: um normal (A) e outro (B) atrofiado. Trata-se de orquite crônica.

líquido, dando a hidrocele. O enfermo pode ter febre e, nos tipos favoráveis, a doença evolui benignamente em de 7 a 9 dias; nos doentes mais graves, o tempo é sempre maior, terminando em crônico.

Em certas orquites a castração melhora muito o mal, mas não devem ser esquecidas (especialmente nas crônicas) as possibilidades de brucelose e tuberculose, bastante graves, em que a operação nada adiantará.

Dependendo da causa, podem-se ten-

tar banhos quentes, por meio de panos mornos ou duchas: duas vezes por dia, uma fricção de pomada iodoformada, ou de óleo de fígado de cação ou bacalhau e iodo (uma parte de iodo para quatro do outro ingrediente) passada lentamente na região, pode melhorar. A aplicação de antibióticos, em certos casos, colabora muito para a cura.

As fotografias do presente artigo foram colhidas em W. L. Williams (edição de 1942) e "Fertility and Infertility in the Domestic Animals", (edição de 1955).

NÃO ESQUEÇA

O SISTEMA SIMPLES E RÁPIDO DE ATENDIMENTO A LAVOURA, À PECUÁRIA, AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA É UMA CRIAÇÃO DO BANCO.

SERVIÇOS PIONEIROS ESTÃO AS SUAS ORDENS EM NOSSA REDE URBANA — A MAIOR DA CAPITAL: 61 DAS 220 AGÊNCIAS QUE TEMOS NO PAÍS.



Banco Brasileiro de Descontos, S.A.

uma garantia de bons serviços

BAGÉ: O VELO DE LÃ É REI

II

Há pouco tempo, a Argentina se curvou diante do mais bonito exemplar criado nos campos gauchos. A consagração das fitas vermelhas dos vencedores das exposições de ovelhas de Palermo não adorna mais as cabanhas portenhas, mas as gauchas.

GARIBALDI DANTAS

Se a criação de novilhos, na area de Bagé, representa, sem contestação, a tradição da terra, não há duvida, porém, que outro rei ali se levanta, que não é mais o cruzado "Hereford", nem o "Polled Angus", mas a mansa, a rica ovelha de velos de ouro velho.

Não há faixa de terra, nos pampas, que mais se preste à pecuaria, a de corte, sobretudo, do que, essa que vai de Bagé, estancia após estancia, desdobrando-se pelas cochilas desnudas, pelos ceros viridentes, pelas zonas meridional da fronteira, até Uruguaiana e, mesmo, as areas mais levantadas de São Borja.

Aí, o boi é rei.

Mas, é um rei cujo cetro está em perigo.

Uma ovelhazinha pacifica, que não tem a agressividade mascula do touro, ali assentou tendas a principio, medrosamente, hoje, audaciosa e ostensivamente.

A ovelha não vale tanto pela carne dos seus rebentos.

Vale pelo velo de lã.

E é de ver e entusiasmar, como os bagéenses começam a falar de sua safra de lã.

De inicio, a lã era atividade sacrificada.

Dela faziam fortunas os que a compravam, vendiam e fiavam.

Quem a produzia, não vencia o estagio de pobreza economica, que foi a nota tonica de outras épocas.

Hoje não.

Há uma vida nova nos rebanhos da terra.

Disseram-me ser de um milhão de cabeças a população ovina que pasta em redor de Bagé.

E' um mundo economico que se levanta, não, com a improvisação de outras épocas, mas na sistematica e moderna formação de rebanhos de ovelhas apuradas, pela introdução dos mais belos e caros espécimes, obtidos na seleção das "cabanhas" locais e na dos grandes centros vizinhos, do Uruguai e Argentina.

O criador de ovelhas do Rio Grande já não pede conselhos. Está dando lições.

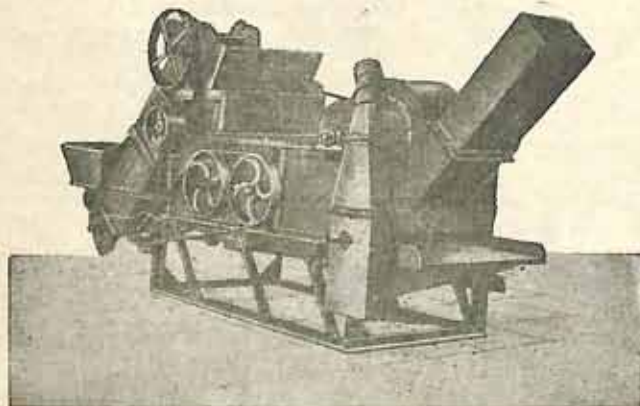
Há pouco tempo, a Argentina se curvou diante do mais bonito exemplar criado nos campos gauchos. A consagração das fitas vermelhas dos vencedores das exposições de ovelhas de Palermo não adorna mais as cabanhas portenhas, mas as gauchas.

Como se orgulham desse feito os criadores bagéenses!

Em torno da ovelha nasce um mundo novo.

Está-se, agora, na época da tosquia, ou da esquila.

DESPALHADORES-DEBULHADORES DE MILHO



Maquinas metálicas, de manejo simples, que despalmam e debulham eficientemente espigas de milho numa só operação.

Modelos para 50 — 100 — 150 sacos por dia, e maiores capacidades.

Temos tambem:

TRITURADORES-PICADORES
MOINHOS A MARTELOS

MÁQUINAS E IMPLEMENTOS PARA LAVOURA

CASA FOSTER

SÃO PAULO — Rua Florêncio de Abreu, 441 — Caixa Postal, 56

RECIFE — Rua da Palma, 458 — Caixa Postal, 907

GOIÂNIA (Goiás) Av. Anhanguera, 808 (ant. Mar. Floriano) — Caixa Postal, 1523

Fábrica associada: IND. METALURGICA PIRASSUNUNGA

Via Anhanguera — Km. 207 — Caixa Postal, 1 — Pirassununga (Est. S. Paulo)

Revendedores Foster em todo Brasil

Um mundão de gente se agita na azafama da colheita. Quem esquila não é mais o criador. Prefere entregar essa faina a grupos organizados, especializados, "comparsas", que estão aparelhados para a tosquia com eficiência.

Cobra-se, é claro, o trabalho, mas compensa a despesa, porque o criador não precisa imobilizar gente, durante o ano inteiro, só para isso.

Apojados em lâ, salpicando, de branco, o verde manto das pastagens gordas, as ovelhas marcham para a tosquia. As "tesouras" de lâ, os "aparelhos de castração", os "assinadores de orelhas", os "cortadores de cascos e chifres", as "vacinas", os "pegadores de focinhos" ("formigas"), tudo isso constitui pequena indústria local, que se expande, a toque de caixa, à medida que mais ovelhas surgem nos campos e mais velo de lâ há que cortar.

Na exposição de gado de Bagé, que visitamos, reprodutores "Corriedale", "Merinos" e "Rambouillet" porfia na disputa dos melhores lugares da competição.

E' de admirar e entusiasmar esses animais que, de tanta e macia lâ, nas costas, parecem almofadas vivas. Nem os olhinhos aparecem, cobertos que estão os rostos pela lâ abundante. E a mão dos especialistas se afunda nesse manto precioso de lâ, que se abre, como folhas de livro.

Aí se mede e se avalia tudo: a macieza, a longura, a cor, a resistência das fibras.

Há lâ e há ovelhas para todos os misteres.

Ovelhas, que só produzem lãs finíssimas, para a alta indústria de fios especiais.

Há as que se destinam a misteres mais grosseiros. Só não há produção de lâ extremamente grossa, para tapetes e outros fins da mesma ordem.

Intrigam-se os observadores de fora com o fato de não haver, no Brasil, maior consumo de carne de carneiro.

Há explicação para isso.

Compensa mais produzir ovelhas para lâ do que para corte.

A carne de carneiro é ótima. É quase uma "delicatessem". Os britânicos morrem por ela. No Brasil, isso não acontece.

Não ocorre, porque a carne de ovinos, para ser, de fato, boa, precisa ser tratada com o máximo cuidado. O carneiro assustado, que não descansou, antes de abatido, não dá boa carne. E' animal extremamente sensível. E' como o peru. Para dar boa carne, não se deve assustá-lo ou atormentá-lo de véspera.

Tudo isso exige atenção e cuidados especiais, a começar por frigoríficos próprios, ainda inexistentes, pelas redondezas. A lâ é o que interessa.

De começos de novembro a meados de dezembro começa a "esquila", ou tosquia.

Espera-se, neste ano, safra boa, mas, até o ultimo momento, as coisas podem mudar.

Está chovendo em demasia. Isso começa a inquietar os criadores, porque o mau tempo pode prejudicar o volume e até a qualidade da lâ.

Se tudo correr bem, deve-se ter, neste ano, cerca de trinta milhões de quilos. Só Bagé e redondezas darão três milhões.

Calculada essa produção ao preço medio de 15 a 20 mil cruzeiros, por arroba de 15 quilos, ou mil a mil e duzentos, por quilo, Bagé deve "colher" nesta safra três a quatro bilhões de cruzeiros.

Em Bagé, a venda, o comercio de lâ estão nas mãos de cooperativas. Elas são eficientes e se firmam cada vez mais no conceito geral. Mas, o que hoje fazem é apenas o começo do que devem e, certamente, vão executar, em futuro proximo.

O boi que se precavenha.

Se não abrir os olhos, a ovelha lhe passará a perna.

O que vi, no terreno da criação de ovinos, foi de tal forma surpreendente e revelador, de tal maneira cheio de implicações para centros industriais, como São Paulo, que mais comentários terei de fazer, oportunamente.

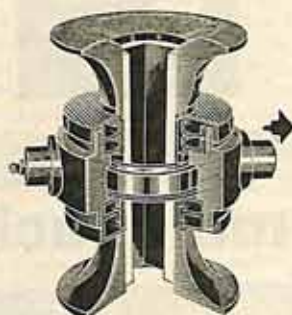
Bagé, no passado, foi teatro das mais brilhantes lutas de sobrevivência da Pátria. Foi sede das mais duras e encarniçadas divergências internas, o que lhe atesta o brio e a bravura.

Quando, em 1827, os exercitos uruguaio e argentino, comandados por Alvear, abandonaram Bagé, depois de dois anos de ocupação, dali levaram como presa de guerra, cem mil cabeças de gado, o que dá a fisionomia e a caracterização da pecuária da época.

FEVEREIRO DE 1964

PONTAL

AGRÍCOLA



HIDRÁULICA



DE 20, 24, 28 E 32 DISCOS

ARRASTE



OFF-SET DE 16 E 20 DISCOS

TANDEM-X



DE 24, 28 E 32 DISCOS

GRADES

DOTADAS DE MANCAIS BLINDADOS
CONTENDO ROLAMENTOS

DISTRIBUIDORES:

PONTAL MERCANTIL S.A.

AVENIDA DO ESTADO, 5.783 — FONE: 37-4195 — SÃO PAULO

REVENDEDORES AUTORIZADOS EM TODO O PAÍS

Hoje, quem quiser comprar e abater 100.000 cabeças de gado bovino, terá sérias dificuldades, mas quem se dispuser a esquila dez vezes mais ovelhas, talvez encontre facilidades.

A três quilos de velo por cabeça e aos preços da lâ, hoje correntes, não há melhor negocio, se tudo corre bem.

Mas, nem sempre tudo corre bem, como veremos, mais tarde.

Veja
o grande sortimento de

CAMISAS
GRAVATAS
MEIAS e
LENÇOS

**CASA
KOSMOS**



RUA 7 DE ABRIL, 400 — RUA DIREITA, 150
SÃO PAULO

Impermeáveis e resistentes, as Botas Vulcabrás ajudam muito o trabalho nas fazendas. Laváveis por dentro e por fora, não conservam mau cheiro e evitam que a umidade passe para os pés, protegendo a saúde de quem as usa. Botas Vulcabrás são usadas com total sucesso em: irrigações, pomares e hortas.

nas fazendas COM BOTAS VULCABRÁS o trabalho é mais fácil



Ao comprar botas, especifique a marca VULCABRÁS

TAMANCOS VULCABRÁS



também fabricados com borracha vulcanizada. Próprios para lavar pisos, escadarias, garages, armazéns, hospitais, açougues, etc.

VULCABRÁS S.A. - C. Postal, 47 - Jundiaí - S.P.

NOTAS ZOOTÉCNICAS

L. P. JORDÃO

VALOR ALIMENTICIO DAS FORRAGENS SUBTROPICAIS

Os técnicos australianos, tal como os brasileiros e de outros países situados na larga faixa intertropical, estão muito preocupados por saber qual o efetivo valor alimentício das espécies forrageiras de que dispõem para as zonas de criação de gado.

Em estudo que Milford realizou com 17 variedades (entre as quais o capim de Rodes, o "Buffel grass", uma espécie semelhante ao Colômbio e várias gramíneas), os resultados referentes à digestibilidade deu margem a dúvidas sobre os diferentes critérios de representação dos valores nutritivos das plantas subtropicais, em geral.

As experiências foram feitas no Sudeste de Estado de Queensland, região em que a temperatura máxima é da ordem de 38° C, no mês de dezembro e a mínima pode descer a 4° C, em julho. A pluviosidade é muito variável de um ano para outro, mas caracteriza-se por um verão chuvoso e inverno seco, à semelhança do que ocorre no Brasil Central. Os animais utilizados eram ovinos, em gaiolas de metabolismo, alimentados com as referidas plantas forrageiras, picadas grosseiramente. Os dados necessários foram tomados diariamente e permitiram determinar a composição química dos alimentos fornecidos, das fezes e das urinas, bem como calcular os coeficientes de digestibilidade das proteínas, da celulose, do extrativo não nitrogenado, da matéria seca, da matéria orgânica, assim como o balanço do azoto.

No que concerne às proteínas foi encontrada uma correlação positiva (0,801) entre o teor de proteína bruta e o seu coeficiente de digestibilidade. Essa verificação concorda com a de outros autores.

O balanço do nitrogênio foi sempre negativo quando o teor em proteínas foi baixo, mas mostrou-se positivo, com um teor de 7 a 8%, quando o coeficiente de digestibilidade atingiu 45 a 50%. O teor de proteína bruta raramente foi superior a 8% (8 vezes em 34 determinações). Assim, não foi suficiente para manter em nível elevado a produção dos animais, exceto nos períodos de crescimento das plantas, ocasião em que o coeficiente de digestibilidade chegou a alcançar até 70%.

E' bem verdade que na pastagem o período desfavorável não é tão longo como nos ensaios de alimentação em gaiolas ou baias, porque os animais realizam um pastejo seletivo. Nos anos frios e secos, o teor de proteína bruta é evidentemente mais baixo do que nos anos normais.

O coeficiente de digestibilidade da celulose em geral superou o coeficiente dos extrativos não nitrogenados, da matéria seca e das proteínas, pois oscilou entre 50 e 80%. O teor de celulose foi relativamente constante, girando ao redor de 30 a 35%. Em face do rápido crescimento das plantas, esse

I EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE BRASÍLIA

21 de abril

teor foi atingido com rapidez e depois quase não variou. Observou-se que não havia correlação entre o coeficiente de digestibilidade da celulose e o coeficiente de digestibilidade da matéria seca.

A digestibilidade da matéria seca e da matéria orgânica foi paralela, situando-se um valor bem próximo do outro, embora a diferença fosse de cerca de 3%. Os coeficientes oscilaram de 40 a 50%.

O baixo consumo de matéria seca, bem mais do que a diminuição de seu coeficiente de digestibilidade, seria a causa das deficiências energéticas que se observam nas épocas desfavoráveis — fim de inverno e começo da primavera (setembro-outubro). As variações de consumo sempre corresponderam a modificações do coeficiente de digestibilidade. Na realidade, os dois fatores somam seus efeitos e são claramente acompanhados de outras deficiências, notadamente de proteínas.

Houve positiva correlação entre a taxa de umidade e a quantidade de matéria seca ingerida pelos animais (0,600); assim, como entre o teor de umidade e o coeficiente de digestibilidade da matéria seca (0,620).

O equivalente amido e os NDT (nutrientes digestíveis totais) das plantas subtropicais variaram durante o correr do ano. Assim, quando foram determinados, nas épocas de crescimento das plantas (verão), esses elementos foram comparáveis aos valores mencionados nas tabelas de alimentação clássicas para feno pobres ou médios dos países de clima temperado; mas, quando determinados no inverno e início da primavera, corresponderam aos valores atribuídos à palha de aveia. Todavia, é preciso acrescentar que os valores têm sido calculados de conformidade com as técnicas e normas utilizadas em países de clima temperado, que são evidentemente inadequadas para o que ocorre nos trópicos.

Em trabalho realizado no grande centro de pesquisas de Onderstepoort, na África do Sul, as necessidades de manutenção de carneiros em equivalente-amido mostraram-se nitidamente inferiores às que se encontram nas tabelas clássicas de alimentação. De seu lado, o australiano Francklin pode manter ovinos em Nova Gales do Sul com a ministração de quantidades de energéticos muito mais baixas do que as indicadas nas normas. Milford, também na Austrália, obteve resultados comparáveis, segundo as espécies forrageiras, pois o consumo de energéticos foi 27,5 a 87,5% do previsto, notando-se que os animais apresentaram um balanço do nitrogênio positivo e um aumento de peso considerado normal. O mesmo técnico acrescenta que, sem estudos fundamentais, é impossível explicar esses resultados. Por outras palavras: ou as normas publicadas são incorretas e se torna imperioso calculá-las de novo para as espécies forrageiras tropicais ou os métodos utilizados para determinar o equivalente-amido e os NDT têm bases erradas. É bem possível que a fonte do erro esteja na utilização do coeficiente de correção relativo a taxa de celulose bruta, em face da elevada digestibilidade dela, em confronto com a de outros componentes.

De tudo quanto foi dito resulta que urge estudos básicos do valor energético das forragens e das necessidades de energia dos animais nos climas subtropicais.

(Ref: Milford, R. 1960; Austr. J. Agric. Res. 11 (2): 121/137.)

AR CONDICIONADO E PRODUÇÃO DE LEITE

A vaca leiteira, de raça européia, sente desconforto quando a temperatura ambiente se eleva a mais de 24° C.

Zootecnistas da Universidade Estadual de Ohio, com a colaboração do "Ohio Farm and Home Electrification Council" e fabricantes de aparelhos condicionadores de ar refrigerado, iniciaram estudos práticos em estábulos leiteiros, em duas granjas, no verão de 1962, afim de verificar se os resultados obtidos em laboratório se aplicam às condições da granja leiteira e se o aumento da produção de leite compensa os gastos com equipamentos e consumo de energia elétrica.

Aparelhos de tipo comum, para janela, foram instalados nos estábulos. Os rebanhos foram divididos em dois lotes ("refrigerado" e "testemunha"). Os animais do lote experimental, mantidos em confinamento, foram refrigerados logo que a temperatura ambiente atingiu 24° C. O lote testemunha foi conservado em confinamento ou no pasto, conforme o dia e outros fatores. Registraram-se as produções diárias de leite e o consumo de energia.

Os resultados das provas efetuadas em 1962 demonstram que as vacas de elevada produção leiteira se beneficiam com a refrigeração do ar nos dias quentes. Os maiores benefícios são, pois, os que se relacionam com as vacas de maior potencial produtivo. Entretanto, poucas são as vantagens tiradas pelas vacas que se acham no fim do período de lactação ou que têm pequena capacidade de produção.

O único problema de ordem mecânica, surgido durante os testes, foi o da filtragem do ar. Os filtros comuns, usados em instalações domésticas, não foram adequados devido às partículas de couros existentes comumente nos estábulos leiteiros; mas os filtros usados em fábricas, modificados, funcionam satisfatoriamente.

Os ensaios prosseguem em quatro granjas, no corrente ano.

A TURQUIA ESTÁ INTERESSADA NA AQUISIÇÃO DE MUARES

Carta assinada pelo sr. Mahmut Safyurthu, a 23 de setembro do corrente ano, dirigida à Associação Comercial de São Paulo, refere que há interesse pela aquisição de nada menos de 4000 muares, destinados a países europeus, negócio que está sendo financiado pelos EUA. Os interessados pelo fornecimento desses animais deverão dirigir-se ao referido intermediário (Galata, Okçu Musa Caddesi Serattar Han Kat 2 n° 212 — Istambul). Os animais deverão obedecer às seguintes especificações: muares fortes, para serem usados como cargueiros, nas regiões montanhosas: pelagem cinza escura, parda, castanha ou tordilha ferro (permitem-se alguns): altura 132 a 152 cm; 75% dos animais com 3-5 anos e 25% com 6 a 8 anos; perímetro torácico 147-160 cm e perímetro da canela não menos do que 17,8 cm; ausência de doenças, boa osatura, bom desenvolvimento, bons aprumos de diante e detraz.

ROCHE

Vitaminas A+D₃ miscível em água para aplicação de doses maciças.

Vitaminas indispensáveis para o crescimento, reprodução e resistência às doenças infecciosas e parasitárias. Eficaz e econômico!

PRODUTOS ROCHE — QUÍMICOS E FARMACÊUTICOS S. A.

Rua Morais e Silva, 30
Tel.: 28-7100
Caixa Postal 329 - ZC-00
Rio de Janeiro - Gb

Av. Brig. Luiz Antônio, 1277
Tel.: 37-9191
Caixa Postal 6364
São Paulo - SP

Rua Garibaldi, 853
Tel.: 77-77
Caixa Postal 785
Porto Alegre - RGS

Av. Augusto de Lima, 1241
Tel.: 4-3435
Caixa Postal 923
Belo Horizonte - MG

Rua Des. Westphalen, 410
Tel.: 4-1515
Caixa Postal 1820
Curitiba - PR

CONSUMO DE ÁGUA E INTENSIDADE DE POSTURA

Os avicultores devem considerar a água como seu principal aliado e, por isso, reexaminar a maneira como vêm fornecendo água aos lotes de poedeiras

HENRIQUE F. RAIMO
Méd. Vet.

A água continua sendo o alimento mais econômico à disposição dos avicultores. Sabe-se que os ovos são compostos de 2/3 de água, e que, quanto mais intensa a postura, maior volume de água as aves devem exigir.

A Universidade de Delaware (EUA) pôde estabelecer esta correlação, em números precisos, embora sujeitos às variações específicas, tais como temperatura ambiente e temperatura da água, como principais fatores de variação no consumo da água. O consumo de água foi medido por hidrometros próprios e a produção de ovos em porcentagem sobre o total das aves do galinheiro. As poedeiras pesavam em média 1.800 gramas e eram Leghorns dos tipos genéticos populares nos Estados Unidos. Eis a intensidade da postura e o consumo de água respectiva, em centímetros cúbicos diários, por galinha:

% DE PRODUÇÃO	CM-3 DIÁRIOS POR GALINHA
0	148
10	164
20	176
30	192
40	204
50	216
60	232
70	244
80	260
90	272
100	288

O consumo de água foi obtido em condições normais de criação, ao redor de 20° de temperatura.

As provas experimentais têm demonstrado que o consumo de água se eleva, quando a temperatura sobe acima de 21,1°. Ainda mais, assim que a temperatura alcança 32,2°, o consumo chega a quase o dobro do normal consumido, quando a temperatura ambiente é de 20-21°.

A temperatura de 37,8° o consumo de água será três vezes maior, em relação ao consumo normal.

Estas considerações são da maior importância para a avicultura brasileira, especialmente a do Estado de São Paulo, em direção ao norte do País, tendo em vista, as elevadas temperaturas nos meses quentes e praticamente, uma temperatura média anual acima de 21°.

A introdução da genética norte-americana no Brasil, já em larga proporção nos aviários comerciais, vêm de alargar as necessidades de água das aves em postura. As poedeiras comerciais, originárias das chamadas "matrizes" norte-americanas, vêm mantendo postura anual acima de 70% e, por vários meses, acima de 90%. Nestas condições, são dois fatores decisivos a determinar maior consumo de água: grande e persistente intensidade da postura e temperatura ambiente elevada, durante 6 meses, pelo menos.

Os avicultores devem considerar a água como seu principal aliado e, por isso, reexaminar a maneira como vêm fornecendo água aos lotes de poedeiras, levando em conta o que as provas experimentais têm demonstrado.

A temperatura da água fornecida às poedeiras também é fundamental. Assim, a água à temperatura própria de 32,2 a 35° determina sensível baixa no consumo; à temperatura de

40,5° as poedeiras somente a bebem quando sedentas; à temperatura de 44,4°, deixam de beber completamente.

A água nas quantidades normais é necessária ao processo de digestão dos alimentos consumidos, duas partes de água para uma de ração. Esta proporção se eleva para 3:1 quando as poedeiras alcançam 18 meses de idade. E pode elevar-se até 4:1, quando a temperatura ambiente se mantém elevada nos galinheiros.

Tudo isto deve ser levado na devida conta, ao serem revisados os sistemas de fornecimento de água para as aves em postura. De maneira especial, os bebedouros devem receber proteção efetiva contra o sol, as aves se recusam a beber água quente de maneira positiva e decidida.

Menor consumo de água, baixa na intensidade de postura e galinhas sem água, durante 48 horas, a produção cessa completamente.

A avicultura é hoje uma indústria e, como tal tudo deve ser programado, dentro de normas técnicas precisas e efetivas.



O tipo de bebedouro e o espaçamento entre eles e os comedouros são da maior importância na determinação do maior consumo de água. Os bebedouros do tipo "calha" e de fluxo contínuo de água ou de fluxo controlado por boia têm dado resultados realmente positivos e eficientes.



Noticiário Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

SRS. CRIADORES DE GADO DE CORTE

A engorda em confinamento na época da seca proporciona as seguintes vantagens:

1. *A capacidade de um pasto é reduzida para a metade ou para um terço, na seca, e até para menos, quando somam-se seca e geada. Inconveniente inexistente na engorda em confinamento.*
2. *Faz das culturas destinadas à alimentação, durante a seca, as mais lucrativas da fazenda.*
3. *Possibilita o aproveitamento de subprodutos de várias culturas, inúteis para outros fins.*
4. *A engorda em confinamento permite o aproveitamento total do estérco – o rei dos adubos orgânicos. O adubo “vivo” utilizável na recuperação de terras cansadas, praticamente estéreis.*
5. *Dá ao criador condições para dispor, na época da entressafra (agosto a novembro), de carne de boa qualidade. Esta possibilidade lhe é de grande importância, porque o preço da entressafra permite um lucro adicional de 15 a 20%, em relação à safra.*
6. *Qualquer fazenda, graças à engorda em confinamento, qualquer que seja o plantel, puro ou mestiço, está capacitada a fornecer para a matança bois gordos com apenas 4 dentes definitivos – 2,5 anos mais ou menos – pesando de 16 a 18 arrôbas.*

**A SEÇÃO TÉCNICA DA TORTUGA
ESTÁ À SUA DISPOSIÇÃO PARA PLANIFICAR
ENGORDA EM CONFINAMENTO**

ENGORDA DE BOVINOS EM CONFINAMENTO



bovinos

Uréia na alimentação dos bovinos

I

DR. F. FABIANI

Como produto final da decomposição das substâncias protéicas, a uréia se encontra na urina de todos os mamíferos. Foi obtida pela primeira vez, em 1828, por Wohler, através do aquecimento do ácido ciânico com o amoníaco. Hoje, produzida em escala industrial, tem vários empregos: na indústria; na agricultura como fertilizante; e, mais recentemente, na pecuária como integrante nitrogenado da alimentação do gado bovino e ovino.

O uso da uréia, como substituto da proteína alimentar, foi experimentado na Alemanha, durante a primeira guerra mundial. Posteriormente, durante e depois da segunda guerra mundial, várias estações experimentais

americanas aprofundaram as pesquisas. A possibilidade de usar uréia na alimentação dos ruminantes é hoje admitida. Esse emprego baseia-se na capacidade que possui a micro-flora bacteriana do rúmen de dissociá-la em anidrido carbônico e amônia e de absorver esta última, para transformá-la em proteína bacteriana. Então, as bactérias, juntamente com os protozoários, que delas se alimentam, formam, parcialmente digeridos nos estômagos que seguem o rúmen, a chamada proteína biosintética. Esta sofre, no aparelho digestivo, as mesmas transformações a que são submetidas as proteínas vegetais e animais ministradas ao gado.

Pelo exposto, verifica-se:

1.º - Que o nitrogênio uréico não pode ser diretamente utilizado pelo organismo, devendo antes ser transformado, pela microflora do rúmen, em nitrogênio protéico;

2.º - Que só nos ruminantes tal transformação ocorre.

Equivalência protéica da uréia — A uréia quimicamente pura contém 46,6% de nitrogênio; a empregada na alimentação do gado contém 42%, equivalentes a 262,5% de proteína. Um quilo de uréia equivale, sob o ponto de vista protéico, a 6,5 quilos de torta de algodão.

O uso da uréia — A uréia só é indicada, para alimentação dos ruminantes, em doses apropriadas e quando se dispõe, a preços convenientes, de alimento de bom valor ener-

SAIS MINERAIS E VIT

gético. Pois, ela substitui as proteínas apenas parcialmente e nulo é o seu valor energético. Essa substituição é parcial porque, além de certos limites, provoca intoxicação, muitas vezes, mortal. Os sintomas observados nos casos de intoxicação por excesso de uréia são: ataxia, respiração lenta e difícil e salivação abundante. No sangue dos animais enfermos se encontra elevado teor de amônia. A dose tóxica é atingida quando a uréia incorporada à ração ultrapassa o limite de 0,2% da substância seca da ração.

O ano passado, os criadores brasileiros começaram a interessar-se pelo emprego da uréia na alimentação do gado de corte em confinamento, chegando muitos a considerá-la como o produto capaz de resolver mais economicamente o problema da proteína na alimentação dos bovinos. Contudo, o entusiasmo inicial está se desvanecendo, ante certos insucessos, em alguns casos parciais (reduzidos ganhos diários de peso) e em outros totais (fenômenos de intoxicação). Aliás, diverso não podia ser o resultado, porquanto, embora o uso correto da uréia possa, em certos casos, ser aconselhado, é ele completamente contraindicado quando, como vem acontecendo, porcentagens excessivamente altas são utilizadas, ou quando, em razão dessa inovação, se esquece o imperativo de rações perfeitamente equilibra-

das em seus componentes fundamentais. E' por isso que a mistura de 10 de uréia e 90 de melaço, deixada à disposição no côcho, só tem levado a resultados negativos; pois, importantes fatores da boa alimentação, tais como o mínimo de matéria seca, o volume da ração e as necessidades minerais e vitamínicas, ficam esquecidos. Com efeito, semelhante prática, quando não acarreta fenômenos de intoxicação, torna os ganhos diários de peso insuficientes à concretização de um programa de aumento da produção de carne, através da abreviação do período de engorda.

Porque apenas a uréia e o melaço não bastam — Várias são as razões por que o uso exclusivo de melaço e uréia não permite ganhos substanciais de peso. Dentre elas destacamos algumas:

1.º — Como já dissemos, nulo é o valor energético da uréia, não podendo, por isso, substituir os concentrados protéicos habituais (tortas e farelos de sementes oleaginosas), que contêm elevado poder energético.

2.º — Sabe-se que, quanto mais variada a fonte de proteínas, maior é a assimilação e o rendimento em carne. Ora, quando se dá uréia como fonte única de proteína, restringe-se automaticamente a assimilação desse nutriente.

3.º — A uréia e o melaço não contêm gorduras, que são o alimento de maior poder energético, presentes em quanti-

dade relativamente elevada nos farelos de tortas e nos cereais.

4.º — Embora de apreciável poder energético, o melaço apresenta elevado teor de sais de potássio, o que prejudica o equilíbrio mineral da alimentação.

5.º — O melaço, pela sua ação redutora, destrói a vitamina B1. Segundo SLAGSVOLD, ele teria uma ação antivitaminica em relação ao complexo B.

* * *

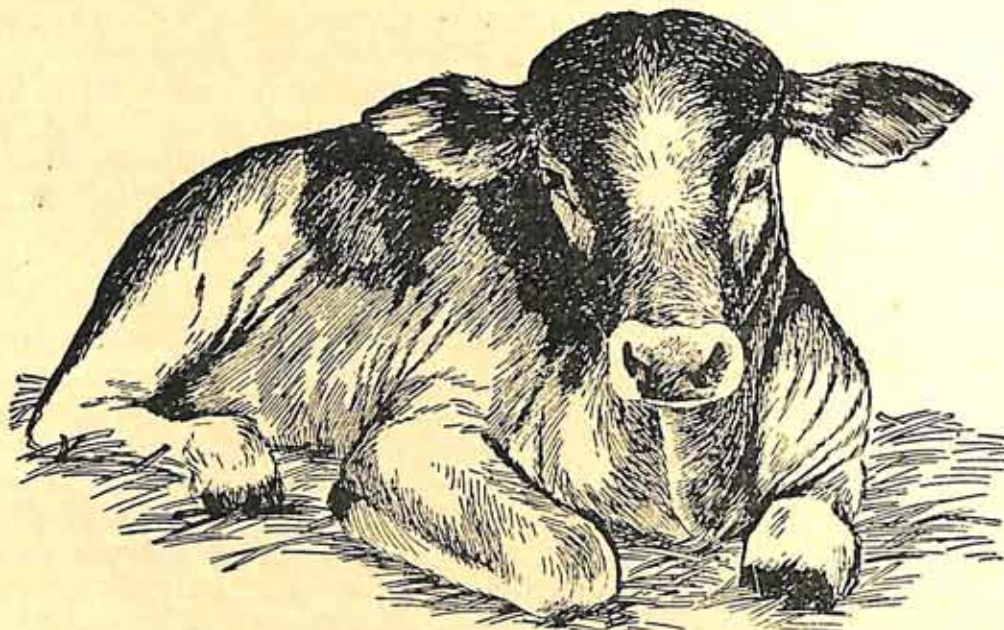
Conclui-se, então, como salientamos, que o emprego do melaço é aconselhável somente quando em equilíbrio com os demais componentes da ração; que unicamente a alimentação bem balanceada pode conduzir a produções elevadas e à conservação da saúde.

Não é, portanto, de estranhar que se obtenham apenas os ridículos ganhos diários de 400 a 600 gramas, dando ao gado apenas melaço, uréia e mais uns quilos de alimento volumoso. Esses aumentos de peso não têm sentido para o gado submetido à engorda em confinamento, sistema cujo objetivo principal é abreviá-la ao máximo, para que os criadores tenham resolvidos os problemas de ordem técnica e econômica normalmente surgidos com a seca.

(Continua no próximo número)

AMINAS "TORTUGA"

O FUTURO DO **PLANTEL**
 ESTÁ EM SUAS MÃOS...



DÊ AOS BEZERROS
SUPER-BOVIGOLD-K6

CONCENTRADO PROTÉICO VITAMÍNICO E MINERAL

- | | |
|-------------|---|
| PERMITE | - PREPARAR UMA RAÇÃO COMPLETA COM PRODUTOS DA FAZENDA |
| POSSIBILITA | - O APROVEITAMENTO DE FARELOS, TORTA DE ALGODÃO ETC. |
| GARANTE | - RAÇÃO PURA COM QUANTIDADES EXATAS DE PROTEÍNAS MINERAIS E VITAMINAS |
| FACULTA | - PRODUZIR RAÇÃO SEMPRE UNIFORME |
| EVITA | - OS PERIGOS DAS RAÇÕES ESTOCADAS POR LONGO TEMPO E MAL CONSERVADAS |
| ELEVA | - A PRODUÇÃO LEITEIRA ATÉ AO MÁXIMO DA CAPACIDADE FISIOLÓGICA, SEM PROVOCAR ESGOTAMENTOS E Desequilíbrios |

MATRIZ: AVENIDA JOÃO DIAS, 1356
 CAIXA POSTAL 12635 - SANTO AMARO
 FONES 61-1712 - 61-1856 - SÃO PAULO



FILIAL: AVENIDA FARRAPOS, 2953
 C. P. 3.084 - END. TELEG.: "TORTUGA"
 PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS DOS PRODUTOS VETERINÁRIOS CARLO ERBA PARA TODO O BRASIL

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

RESISTÊNCIA DO VIRUS DA DOENÇA DE NEWCASTLE ÀS DIVERSAS CONDIÇÕES DE AMBIENTE

De acordo com as instruções do Instituto Biológico de São Paulo, o vírus causador da Doença de Newcastle, é muito resistente em condições naturais, sob a ação do sol, pode continuar virulento e propagador da doença, ainda durante vários dias.

Em condições de maior umidade ambiente, sua vida efetiva e virulenta ainda é muito mais prolongada, principalmente em temperaturas baixas. Quanto mais baixa a temperatura, maiores as possibilidades de sobrevivência do vírus.

Os excrementos das aves, a temperatura de 37°, protegem o vírus durante semanas.

A temperatura de 37°, o vírus permanece vivo na penugem dos pintos e nos ovos, durante 87 a 126 dias, respectivamente; em temperatura ambiente, permanece vivo na penugem dos pintos e nos ovos, durante 255 dias; à temperatura dos abrigos, nas mesmas condições, resiste 192 a 235 dias, respectivamente.

Mesmo depois de debelada a doença em uma criação, o vírus pode permanecer virulento nas instalações e se disseminar pelo ar, durante mais 21 dias.

Nos fios dos sacos de forragens permanece ativo ainda por 49 dias, em temperatura entre 20° e 30°. Sacos contaminados, armazenados nos abrigos das aves, à temperatura de 10°, em média, ainda mostram vírus ativo depois de 129 dias.

Aves curadas ou sobreviventes de surtos da doença constituem reservatórios de vírus. Dezesete meses depois do sur-

to da doença natural, o vírus foi isolado dos pulmões das aves.

Galinhas normais, em contato com aves contaminadas seis meses antes, podem-se infectar com vírus eliminado pela saliva, secreção nasal e fezes de aves portadoras da doença. Estas são constituídas por aves sobreviventes de focos naturais ou que se contaminaram sem sofrer ataque severo da doença, como patos, marrecos e pássaros.

MALATOL OU MALATION A 4% NO COMBATE AOS PIOLHOS DAS AVES

O malation é um dos melhores inseticidas para o combate aos piolhos, que infestam as aves e os abrigos. Na praça é encontrado com o nome de MALATOL 4S, em forma de pó e pode ser aplicado diretamente debaixo das penas das aves, na palha dos ninhos e na "cama" dos galinheiros, sem afetar a saúde das aves. Pode ser ainda usado de mistura com serragem, em caixões próprios, para as aves se espojarem e, com isso, eliminar totalmente os piolhos.

O ESTERCO DE GALINHA NÃO ESPALHA PRAGAS NAS LAVOURAS

Um dos maiores problemas do emprego do esterco de curral nas lavouras é o perigo da propagação de pragas, como no caso da tiririca, capim de burro e outras gramíneas, consideradas praga na lavoura de café, nos pomares e em outras culturas.

Felizmente, com o esterco de galinha tal não acontece, sendo adubo para qualquer tipo de cultura. Provas experimentais realizadas na Califórnia do Sul, com

esterco de galinha retirado debaixo de gaiolas de postura, não mostraram nenhum crescimento de pragas nas lavouras e nas culturas onde foi usado como adubo.

Técnicos avícolas da Estação Experimental da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, usaram 25 diferentes sementes, com germinação controlada de 93%, como parte de alimentação das aves. Não foi encontrada nenhuma semente no esterco nem foi possível obter nenhum crescimento com este mesmo esterco quando na terra. Isto vem comprovar que as sementes são digeridas pelo suco gástrico das aves, eliminando qualquer possibilidade da propagação de pragas na lavoura, quando se adota o esterco de galinha como adubo.

RESTRIÇÃO NA ALIMENTAÇÃO DAS FRANGAS AUMENTA O CONSUMO DE ÁGUA

Muitos avicultores não vêm tendo êxito com a alimentação restrita das frangas, por este ou aquele motivo. São diversos os fatores que intervêm no bom andamento do sistema de restringir a alimentação das frangas e obter o início de postura aos cinco meses de idade. Um deles é o aumento do consumo de água acarretado pela diminuição do peso da ração fornecida às frangas em crescimento.

J. H. Quisenberry, do Texas Agricultural and Mechanical College, dos Estados Unidos, em provas experimentais realizadas com frangas antes de chegarem aos cinco meses de idade, comprovou que o consumo de água aumentou de 54%, no lote de frangas que recebia 45 grammas de ração por dia e por franga, em relação ao lote que recebia ração à vontade. Quer dizer que, se uma franga com ração à vontade bebe 150 cm³ de água, uma franga com ração controlada deverá beber mais de 230 cm³ de água, como uma galinha em plena postura.

Portanto, os avicultores devem encarar o fornecimento de água às frangas em crescimento com o mesmo cuidado com que encaram a fornecida às galinhas em postura.

Quando as frangas são criadas no campo, a água deve receber proteção contra o sol, de modo que o consumo não diminua pelo aquecimento, alterando o rendimento produtivo das frangas depois de iniciada a postura.



GRANJA DO MANÉCO

Pintos de um dia das raças:

New Hampshire, Leghorn, Plymouth e Cross-Cornish

Matriz

Praça D. Carolina, 72

Tel. 72 e 64 - Tapiratiba - E. de S. Paulo

Filial: Granja Ipê

Estrada de Itapeperica, km 19

(Via S. Amaro) — Tel. 61-2261 e 8-8935

Correspondência e venda: Rua Francisco Leitão, 709 — São Paulo — SP



Informativo de interesse avícola

CISCANDO NOTÍCIAS

FOMENTO DIRETO DA AVICULTURA

Por julga-lo da maior oportunidade, a "Revista dos Criadores", data vênica, transcreve o comentário da FOLHA DE S. PAULO do dia 6 de janeiro de 1964, sob o título: "AVICULTURA".

"A SUNAB, que havia prometido cobrir o deficit existente no suprimento de carne bovina com o produto de outras espécies, entre as quais o pescado, aves e outros pequenos e medios animais, nada mais fez até agora, nesse setor, do que anunciar a instalação de um matadouro de aves em uma cidade do interior.

Aí está um campo de atividades dos mais importantes, para resolver a crise de proteínas animais que perdura na alimentação do povo brasileiro, com grandes prejuizos para o equilibrio biologico e a saúde de consideraveis parcelas de nossas populações. Suprir tal deficit proteico apenas com carne bovina e impraticavel, dadas as condições precarias dominantes na pecuaria nacional, bem como o baixo nivel de renda por pessoa em nosso meio.

Neste particular, a avicultura poderia, efetivamente e mais bem assistida pelo poder publico, garantir a curto prazo todo o suprimento de proteínas animais necessario e exigido pelo mercado interno.

A nossa avicultura, como já o fez no passado, talvez contribuisse duplamente para aumentar as nossas exportações: através de seus proprios produtos (aves e ovos) e da carne bovina; esta, pela substituição de parte do seu consumo no mercado interno.

Do ponto de vista tecnico, a avicultura nacional, pelo menos em São Paulo e na Guanabara, está aparelhada para expandir-se a ponto de suprir todas as necessidades da população brasileira em proteína animal, cobrindo o atual deficit de carne bovina e possibilitando, como dissemos, a sua exportação para os mercados mundiais.

Observa-se atualmente promissor surto de expansão avicola, através da introdução maciça de novas linhagens, importadas dos melhores plantéis do mundo, tanto para produção de ovos como para a de frangos de corte. Grandes organizações americanas e nacionais já estão operando em nosso meio para a produção em larga escala de "matrizes" para ovos e para carne, e pintos de um dia da mais alta produtividade conhecida no mundo atual.

De outro lado, o indiscutível avanço alcançado por algumas industrias de ração, e o aperfeiçoamento das praticas avícolas, especialmente no que concerne ao manejo em geral, ao controle da produção, à defesa sanitaria dos plantéis e a

alguns outros fatores limitantes da produtividade, têm permitido resultados economicos satisfatorios e promissores.

A rapida evolução por que está passando a nossa avicultura pode ser verificado nos excelentes indices de ganho de peso dos frangos de corte, bem como na produção media de ovos, que já se equiparam, em muitas granjas brasileiras, às melhores do mundo.

Tecnicamente, a avicultura está sem duvida expandindo-se para o pleno atendimento não só do consumo interno, como para substituir economicamente parte do abastecimento de carne bovina. Esta expansão, que vem sendo feita quase unicamente pelos trabalhos da iniciativa privada, poderá evidentemente ser acelerada se houver alguma compreensão e assistência do poder publico. Nunca, porém, com medidas tão primarias e unilaterais, como a anunciada bombasticamente pela SUNAB."

A proposito, acrescentemos que o Departamento da Produção Animal, pela sua Secção de Avicultura está montando em Brotas um Centro de Treinamento Avicola, com central de incubação e fábrica de rações para aves, em acordo com a Cooperativa Agricola Mista de Brotas, tendo, como uma das principais finalidades, a instalação do primeiro núcleo racional de avicultura, com base na produção industrial de frangos de corte.

A instalação de um matadouro avicola com a capacidade inicial de 5.000 aves por dia, dará completa proteção aos avicultores da zona de Brotas, que terão garantido o processamento e a distribuição das aves produzidas. Essa organização-piloto poderá servir de base para a reorganização total do sistema de produção e comercialização dos frangos de corte no Brasil.



Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958
34 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Dr. Severo Fagundes Gomes

Vice-presidente

Dr. Marcus Raphael Alves de Lima

Secretários

1.º — Dr. Gilberto Pires de Oliveira
Dias

2.º — Antonio Luiz Ferraz

Tesoureiros

1.º — C. A. Willy Auerbach

2.º — Dr. Carlos Amadeu de Arruda
Botelho Filho

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Gavião Monteirol, dr.

Paulo Murgel

José Octávio da Silva Leme

Geraldo Diniz Junqueira, dr.

João Laraya, dr.

João de Moraes Barros, dr.

José Bonifácio de Coutinho Nogueira, dr.

Dario Freire Meirelles

Lafayette Alvaro de Souza Camargo, dr.

Urbano Junqueira

SUPLENTES

Antonio Coelho Guimarães

Aloysio Ramalho Foz, dr.

Guido Malzoni, dr.

Hélio Moreira Salles

José Luiz Leme Maciel Filho, dr.

José Procópio Meirelles

Antonio Luiz do Rego Neto, dr.

CONSELHO FISCAL

Arthur Monteirol Neves.

Gilberto Azambuja.

José Cassiano Gomes dos Reis, dr.

SUPLENTES

Joaquim Alves de Moraes, dr.

José Procópio do Amaral, dr.

Francisco Pereira Lima, dr.

GERENCIA

Gerente Técnico:

Dr. Otto de Mello

Gerente Comercial:

Virgílio de Almeida Penna

TÉCNICOS

Serviço de Contrôlê Leiteiro:

Dr. Otto de Mello

Registro Genealógico:

Dr. Celso de Souza Meirelles

Avicultura:

Dr. Henrique F. Raimo

Assistência Veterinária:

Dr. Walter C. Battiston

VOCÊ SABE ?

VANTAGENS DO COMEDOURO TUBULAR SEMI-AUTOMÁTICO

A adoção de comedouros tubulares semi-automáticos vem-se desenvolvendo em nosso meio, principalmente onde a mão de obra se valoriza cada vez mais.

Uma das principais vantagens dos comedouros tubulares é que exigem menor espaço linear para as aves chegarem até a ração. Este espaço pode ser reduzido até de 2/3 dos exigidos nos comedouros do tipo "cocho". Num comedouro circular, a ave come com a cabeça, com o bico certo, e o diâmetro do seu corpo, que está afastado do comedouro, é muito mais que o diâmetro do comedouro, de modo que isso permite a redução do espaço que ela vai ocupar comendo nesse comedouro. No caso do comedouro do tipo "cocho", o avicultor tem que dar a mesma distância do corpo até o comedouro e, evidentemente, a largura dos ombros da galinha impede que outras galinhas possam comer mais próximo, bico a bico.

O comedouro suspenso torna absolutamente necessário que o ajustamento em relação à altura da ave seja mantido de maneira precisa, o que é duplamente importante, não apenas no que diz respeito à altura do comedouro sobre a "cama", para dar ao nível do dorso das galinhas, como também à altura do fim do cone do comedouro até a bandeja, assim evita-se que essa ração, localizada na base do comedouro, extravase mais alto do que o limite superior da bandeja e se perca a ração por sobre a "cama".

O PESO DOS OVOS E A ILUMINAÇÃO ARTIFICIAL

Muitos avicultores iluminam os abrigos com frangas em desenvolvimento, prática que outros alegam prejudicial ao peso dos ovos.

Provas práticas realizadas na Califórnia (E.U.A.) demonstraram, todavia que não há diferença no peso dos ovos entre as frangas que recebem a luz artificial durante o período de crescimento e as que não recebem iluminação artificial.

GLICERINA IODADA NOS "PELOTES" DA BOUBA EM PINTOS

A glicerina iodada (glicerina-75 g. e tintura de iodo-35 g.) ainda é um dos melhores recursos para o tratamento dos pelotes da bouba em pintos.

Retirar a crosta que recobre os "pelotes" e passar a glicerina iodada com pincel duro, esfregando bem, diariamente nos casos graves e em dias alternados, quando os "pelotes" são esparsos e pequenos. Este tratamento vale para qualquer espécie de ave: perus, codornas, faisões e outras que são atacadas pela bouba.

DESINFECÇÃO DA ÁGUA DE BEBER DAS AVES

A limpeza dos bebedouros quase sempre é desleixada pelos agregados das granjas e poderá ser a causa de muitas complicações intestinais e respiratórias. Por isso, vêm sendo recomendada com certa insistência, além da limpeza rigorosa dos



AGRO-LAR S/A
Caixa Postal 8473 — S. Paulo

bebedouros, a desinfecção da água de beber, por meio de um produto eficiente e inócuo nas dosagens recomendadas.

O permanganato de potássio comercial ainda é um dos bons recursos dos avicultores, pela facilidade de aquisição e de preparo das soluções na água de beber. É recomendado na base de 1 grama para 10 litros de água de beber. Muitos avicultores mandam pesar o permanganato em envelopes para 10 ou 20 litros de água, conforme a capacidade dos bebedouros, o que facilita o preparo da solução.

Situação da Avicultura

Após a notável reação observada no mês de novembro, o preço pago pelos ovos no mercado atacadista se mantém estável já por 60 dias, o que vêm preocupando os avicultores e os próprios atacadistas. Acredita-se que existam grandes estoques de ovos e que o preço possa cair, com prejuízos para a laboriosa classe. Por isso, é imprescindível e inadiável uma vigorosa campanha para o aumento do consumo de ovos em São Paulo.

Custando um quilo de ovos, praticamente,

a metade de um quilo de carne bovina, não é possível que seja perdida esta extraordinária ocasião para implantar em definitivo um consumo de 200 ovos por ano e por paulista ou paulistano.

De qualquer maneira, o preço pago pelos ovos no mercado atacadista é o mesmo de 60 dias passados, para esta cotação do dia 4 de janeiro de 1964, fornecida pela Associação Paulista de Avicultura, por caixa de 30 dúzias:

Tipo Especial	Cr\$ 8.010,00
Tipo A	Cr\$ 7.710,00
Tipo B	Cr\$ 7.410,00

No varejo corresponderam os seguintes preços por dúzias:

Tipo Grande	Cr\$ 300,00
Tipo Médio	Cr\$ 290,00
Tipo Pequeno	Cr\$ 260,00

No mercado de carnes, o ano que findou em suas festas anuais, proporcionou lucros extras, pois, em dezembro, houve compras de frangos por preços bem acima das cotações fornecidas pelos órgãos de classe, citando-se até Cr\$620,00 por quilo vivo.

Todavia, as cotações fornecidas pela Associação Paulista de Avicultura no dia 4 de janeiro de 1964 ainda foram as mesmas de 30 dias passados, por quilo vivo:

Frangos Vermelhos e Cruzados	Cr\$ 420,00
Galinhas Vermelhas	Cr\$ 410,00

Os negócios continuam firmes no setor de carne, em que pese o aumento no preço dos pintos e a corrida inflacionista no preço das rações balanceadas.

A.P.C.B.

PRODUTOS Á VENDA

Rua Jaguaribe, 634

Tels. 51-6963 e 51-6380

S. Paulo

SEMENTES

SAFRA 1962

PARA PASTO

Catingueiro Roxo
Jaraguá do chão
Cabelo de negro
Colonião
Coloninho

FORRAGEIRAS

Alfafa
Aveia
Centeio
Cevada
Ervilhaca
Cornichão
Trevo Branco
Trevo Branco Ladino

Trevo Vermelho
Trevo Soja-Perene

PARA CORTE E FENAÇÃO

Alfafa	(	
Soja Ototan	(	
Sorgo	(	preços
Guandú	(	a consultar
	(	

REFLORESTAMENTO

Sementes de eucalipto
Saligna
Tiriticornis
Alba
Citriodora

PARA ADUBAÇÃO VERDE

Feijão de Porco	(	
Feijão mucuna	(	
Feijão Soja	(	
Labe labe	(	preços
Crotalaria Juncea	(	a consultar
Crotalaria Paulina	(	
Gramma Batatais	(	
Festuca (americana)	(	

GRAMÍNEAS

Gramma Batatais
Kentuki Festuca 31
Red-Top
Azevem
Azevem-Italiano
Azevem-Inglês

— X —

ARTIGOS PARA O HOMEM DO CAMPO

CAPAS DE LONA

Sem mangas
Tamanhos 0,90 (p/ retireiros),
1,20 e 1,30
Com mangas
Tamanhos: 0,90 (paletó) 1,20
e 1,30

PONCHES DE LÃ, CONTI- NENTAL — «Rener»

Impermeáveis
Tamanhos: 1,20, 1,25, 1,30 e 1,35

CAPAS

Sem mangas, borracha
Tamanhos: 0,90, 1,20 e 1,30
Com mangas, borracha
Tamanhos: 0,90, 1,20 e 1,30
Capas plásticas, com man-
gas, «Back»
Tamanhos diversos

BOTAS DE BORRACHA

Cano longo, ns. 37 a 44. Cano
curto, ns. 38 a 44.

CALÇAS DE LONA

Tamanho único

JAPONAS DE LÃ «Rener»

Tamanhos diversos, cores cinza
e azul-marinho

PROTEÇÃO CONTRA INSETICIDAS

Máscara Weld — luvas —
óculos

FORMICIDAS

Blemco — Brometo de Mítala,
cx c/ 48 latas
Júpiter — Bi-sulfureto de

Carbono, cx c/ 2 garrações de
3,5 lts. cada

Nitrossin,
Vidros de 250 e 500 cc
Piragy, granulado, pacotes de
1/2 kg
Tatuzinho, granulado, pacotes
de 50 gramas
Shell, líquido, cx c/ 12 vidros
de 450 cc, cx. c/ 12 vidros de
500 cc e cx. c/ 24 vidros de
225 cc.
Shell — pó, super, cx. c/ 20
pacotes de quilo.

HERVICIDAS

Contra leiteiro, assa-peixe, ar-
ranha-gato, caraguatá, car-
queixos e dormideira. Temos
os seguintes, todos, 2, 4, 5 T:
Trifenox, Tributon e Arbo-
cida.
Contra capim marmelo, capim
colchão, capim fino, grama

seda, sape, capim massambarré, taboa, carrapicho, etc. temos o DOWPON e o DIFENOX-A p/ combater plantas de folhas largas.

TCA-90, para combater as gramíneas em geral, entre elas, a TIRICA, quando misturado com Difenox A

MINERAIS

FORMULA APCB. É completa, pois contém todos os minerais indispensáveis. Cada fórmula deve ser misturada em 60 quilos de sal comum.

Preço de cada fórmula, para bovinos ou suínos Cr\$ 650,00.

SIVAN tipo B, para bovinos, sc. c/ 25 kg, tipo M, para suínos, sc. c/ 25 kg

LABORTERAPICA, para bovinos, equinos, ovinos e suínos, sc. c/ 25 kg.

TORTUGA B, p/ bovinos, M p/ suínos

LABORSAL, tipo engorda para bovinos e suínos, sacos de 30 kg

FORCING, complemento polivitamínico para ração equina. Latas de 1 kg, barricas de 5, 10 e 25 kg.

APARELHO PARA ELETRIFICAÇÃO DE CERCA

Nervus e Ballerup

Os aparelhos Nervus e Ballerup, para eletrificação de cercas, são fabricados com materiais de primeira qualidade. Construção robusta que assegura durabilidade e funcionamento impecável, em qualquer condição climática. Além dos aparelhos que funcionam ligados na força, temos modelos com pilhas e baterias. Consultem-nos sem compromisso.

TORQUES PARA CASTRAR

Faricação nacional

n.o 42 com bico

n.o 52, com bico

n.o 43, sem bico

n.o 52, sem bico

Burdizzo — legítima — tamanho 52, com bico, pronta entrega.

TOSQUIADEIRAS

Elétrica, p/ tosquir bovinos, marca «Sculap», modelo ... 43020.

Manual, p/ tosquir bovinos e ovinos, marca «Sculap», mod. 42515, corte progressivo e re-

trógrado. Comprimento aproximado 23 cm.

Mod. 42604, só para bovinos

Mod. 42510, especial para carneiros. Comprimento aprox 25 cm.

MARCAÇÃO A FOGO

Jogos de números de 0 a 9, ferro, números de 2, 4, 5, 6 e 7 cm de altura.

Marcas: confeccionamos qualquer tipo de marca.

TUBOS PLASTICOS

Leves, flexíveis, econômicos e de instalação fácil. Atóxicos. A prova de corrosão, etc.

Bitolas: 1/2, 3/4 e 1". Para outras bitolas, consultar.

VASILHAMES P/ LEITE

Latões p/ transporte, tampa de rosca, capacidade: 5, 10, 15, 20, 30, 40 e 50 litros.

Baldes p/ ordenha, capacidade 10 lts. Tipos: sem bico, com bico, ovalado, redondo e com proteção p/ ordenha higiênica.

ARTIGOS DE COURO

Cabrestos para touro, vaca e bezerro.

SERINGA AUTOMATICA

tipo revólver

Marca «Sculap», capacidade 50 cc.

ALFANGES

Nacionais e estrangeiros — tamanhos diversos

CAVADEIRAS

De aço reforçado, cabo de madeira, ipê

BOTOES DE ALUMINIO

Para identificação de bovinos, suínos e ovinos. Em um lado do botão podem ser feitos números seguidos e no outro, marcas compostas de nomes. Cada lado do botão comporta inscrição de, no máximo, 10 letras ou algarismos. O botão é colocado numa das orelhas do animal, com auxílio de alicate próprio.

APARELHOS P/ TATUAGEM

Para identificação de bovinos, suínos, ovinos e coelhos. Te-

mos alicates com espaço para 3 e 4 números ou letras de 1 cm de altura. Equipados com dispositivo seguro p/ colocar, retirar ou substituir os algarismos. Mola embutida e gancho, para guardar o aparelho fechado.

PICADEIRAS DE CANA

Jumil n.o 3, indicada p/ cortar verde para silagem

Desfibradeira Nicola, indicada p/ cortar cana e milho verde. Produção: 1.200 a 3.200 quilos-hora. Rotação p. m.: 1.800. Força necessária: 3, 5 ou 7 HP.

Desfibradeira Destritu «Nicola». Indicada p/ preparar rações. Conjugada. Desintegra milho com casca e sa-bugo, fazendo quítera grossa, média e fina; fubá fino e grosso, além de cortar capim, mandioca e batata-doce.

Máquina Schutzer, conjugada, para seco e verde. Produção horária: Milho em espiga (com palha): 350 kg; Milho em espiga (sem palha): 500 kg; Milho em grão: 650 kg; Aveia, cevada, trigo e soja: 1000 kg. Alfafa: 450 kg. Cana, capim colono e similares: 3.000 kg. Mandioca: 1.500 kg. Força necessária: 7,5 a 10 HP. Rotação: 2.000 P.M.

MAQUINA DE PLANTAR GRAMA

É um auxiliar indispensável na formação de pastos, pois, além de ser de fácil manejo, apresenta grande rendimento. Mod. 100, com um sulcador. Mod. 101, com dois sulcadores. Produção em 10 horas: mod. 100, 2 pessoas, 1/2 alqueire. Mod. 101, 3 pessoas, 1 alqueire. Acionada por trator hidráulico 3 pontes.

RATICIDAS

à base de Warfarim.

Musfarina — Tomorim — Rido-Rato e Racumim

SENHORES FAZENDEIROS

Além dos artigos aqui mencionados, a Associação Paulista de Criadores de Bovinos mantém estoque variadíssimo de: máquinas, ferramentas, formicidas, fungicidas, vacinas, sôros, inseticidas, etc.

OS SÓCIOS TÊM O DESCONTO DE 3 A 10%

— ATENDEMOS PEDIDOS MEDIANTE PAGAMENTO ANTECIPADO, POR CHEQUE
OU VALE POSTAL — VENDEMOS A PRAZO PARA ASSOCIADOS



RELATÓRIO N.º 228

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da

Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Em cooperação com o Departamento Nacional da Produção Animal do

Ministério da Agricultura e do Departamento da Produção Animal de

São Paulo

NOVEMBRO DE 1963

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do animal	Gráu de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Arlete França-B16/6455LM	PO	4-5	9768	363	7.436,0	259,4	3,48	Manoel Alves de Castro
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Arlete Iukiko-B14/5567-LM	PO	6-0	8397	365	7.167,0	248,6	3,46	Manoel Alves de Castro
Duas ordenhas (2x)								
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.								
Hol. L. Jantje-LM	NR	2-5	11407	361	6.383,0	231,9	3,63	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Gazela B. Exotico-4P-F2/613LM	PO	2-3	11204	365	5.383,0	190,9	3,54	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. J. Marie 37-B12645-LM	PO	2-2	11466	365	4.968,0	181,0	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Lutske 5-B12680-LM	PO	1-11	11482	334	4.317,0	150,3	3,48	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Agatha 63 -B12657-LM	PO	2-2	11477	347	4.313,0	160,7	3,72	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Reliquia Medalist IICAB-35873LM	PC	2-3	11277	365	4.236,0	150,5	3,55	Colégio Adv. Brasileiro

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO S. A.CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY, HOLANDES
PRETO E BRANCO E VERMELHO E BRANCO

1962



1961, 62 e 63

MEDALHA DE OURO AO
MELHOR EXPOSITOR DA
RAÇA JERSEY

Em 1962, na VI Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de S. Paulo, a maior e mais importante exposição de gado leiteiro do País, conquistamos os premios maximos da pecuária paulista: a **MEDALHA DE OURO BANCO DO ESTADO DE S. PAULO**, consignada ao expositor mais premiado da exposição e nos anos de 1961, 62 e 63 conquistamos a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE S. PAULO**, como o melhor expositor da raça Jersey. Ainda em 1961 conquistamos a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE S. PAULO COMO MELHOR EXPOSITOR** da raça **HOLANDESA VERMELHA E BRANCA**.

*Produção leiteira oficialmente controlada
pela Associação de Criadores***Sua visita, a qualquer momento, será sempre uma satisfação****Fazenda Santana do Rio Abaixo S. A.**C. Postal 20 — S. José dos Campos. SP — Em São Paulo:
Rua Boa Vista, 208 — 8.º and. — Tel 32-3804

Nome do animal	Gráu de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção			Proprietário
					Leite kgs.	Gorduras kgs.	%	
Hol. A. Janke-LM	NR	2-4	11411	316	3.651,0	148,3	4,06	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Diva Medalist CAB-35368	PC	2-5	11289	365	3.643,0	129,7	3,56	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. J. Jetje 8-B12312	PO	2-4	11465	365	3.237,0	125,1	3,86	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Akke 19	NR	2-0	11158	276	3.253,0	119,4	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. C. Henny 1	NR	2-3	10831	296	2.417,0	88,6	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. E. Ineke 2-B12584	PO	2-1	10812	218	2.275,0	74,3	3,26	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Sipkje 5-B12577	PO	2-1	10818	276	2.101,0	73,6	3,50	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.								
S. Grauna Pabst-34683-LM	PC	2-8	11437	365	5.329,0	185,4	3,47	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
R. Paragon Wayne-HBA/52463-LM	PO	2-6	11342	365	4.625,0	158,0	3,41	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. T. Geertje 22-B12543	PO	2-8	11524	319	4.136,0	141,4	3,41	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Golond. M. Car. 1P-12/4358-LM	PO	2-6	11311	361	4.132,0	162,1	3,92	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. R. Teatske 85-B19/7945	PO	2-11	10821	268	3.372,0	103,8	3,07	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Granadeira-35304	PC	2-9	10928	260	2.059,0	79,7	3,87	Cia. Agricola São Quirino
Habitada M. D'Este-36064	PC	2-11	11725	255	1.789,0	61,7	3,44	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
CLASSE BJ — D 3 a 3 1/2 anos.								
Hol. A. Ida 5-1879-LM	15/16	3-3	11409	315	4.624,0	168,0	3,63	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Eol. D. Jet 2-LM	NR	3-3	10841	283	4.428,0	157,1	3,54	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Maar. 8-B19/7969-LM	PO	3-3	11464	365	4.357,0	169,5	3,88	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. C. Clara 10-B19/7975	PO	3-2	11486	340	4.126,0	142,8	3,46	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L. Paulina 3-B19/7942	PO	3-0	10844	256	3.944,0	144,3	3,65	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. S. Reino 10-B19/7902	PO	3-2	10011	136	2.400,0	79,7	3,31	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. K. Dora 34-B19/7895	PO	3-3	11142	270	2.337,0	77,1	3,30	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cana de Paraíba-33696	PC	3-2	10881	296	2.209,0	87,1	3,94	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Goteira M. D'Este-34289	PC	3-5	10495	234	1.829,0	71,5	3,91	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Hol. L. Jopie (2)	NR	3-4	10807	126	1.525,0	57,6	3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Hol. C. Fatura-LM	NR	3-11	11485	324	4.895,0	172,0	3,51	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Guará Brasília-33939-LM	PC	3-8	10056	365	4.154,0	170,2	4,09	Antônio Coelho Guimarães
Gavea Medalist CAB-33582	PC	3-6	10042	331	3.894,0	134,7	3,46	Colégio Adv. Brasileiro
Hol. L. Marietje 2-1795	15/16	3-7	10363	320	2.829,0	115,7	4,09	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. K. Wietske 11-B17/6760	PO	3-8	9853	253	2.813,0	91,1	3,23	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L. Maar. 185-B17/6773	PO	3-8	9611	174	1.866,0	59,2	3,17	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Garganta M. D'Este-34295	PC	3-9	11958	170	1.504,0	45,8	3,04	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Galvanizada M. D'Este-34278	PC	3-9	12122	126	1.336,0	42,1	3,15	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
S.Q. Formosa C. Xeura-B18/7456LM	PO	4-0	9882	365	5.331,0	185,0	3,47	Cia. Agricola São Quirino
S. Q. Favinha-32657	PC	4-2	11306	363	4.509,0	140,4	3,11	Cia. Agricola São Quirino
S. Q. Farolesa-32627	PC	4-1	10856	365	4.225,0	146,0	3,45	Cia. Agricola São Quirino
Hol. D. Lammy 4	NR	4-4	10820	239	3.972,0	133,7	3,36	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Sertão Elfa-B18/7395	PO	4-1	9712	277	3.804,0	129,9	3,41	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Mic Araponga-3P-B10/3407	PO	4-5	9265	302	3.541,0	128,5	3,62	Lincoln Castro da Rocha
Cast. C. Maalke 1-B16/6705	PO	4-1	10832	295	2.850,0	99,0	3,47	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. G. Tina 5-B16/6693	PO	4-4	10015	265	2.585,0	93,0	3,59	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Florisbela-32609	PC	4-3	11624	306	2.404,0	82,7	3,43	Cia. Agricola São Quirino
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Algema II Paraíba-33707-LM	PC	4-6	10044	344	4.933,0	185,7	3,76	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Sta. C. Inglesa Marks. B18/7374	PO	4-9	9583	365	4.103,0	157,6	3,84	Alabama S. A. Com. Agr. e Pec.
Sertão Efigie-B18/7393	PO	4-6	10025	326	3.862,0	125,1	3,23	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Hol. Harm Rika 2-899	15/16	4-10	8886	310	3.775,0	124,1	3,28	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. L. Rolientje 4-1796	15/16	4-9	10383	307	3.530,0	142,0	4,02	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Miltonia Gardenia-B16/6545	PO	4-6	8289	259	3.158,0	110,6	3,50	Jotamar Adm. e Com. S. A.
Hol. Vera VI-B16/6365	PO	4-6	9698	285	2.848,0	101,9	3,57	Fernando de A. Pinto S. A.
Eleição J. B.-2268	PC	4-9	11649	313	2.560,0	96,2	3,75	Urbano Junqueira
Hol. Cornelia V-B16/6357	PO	4-8	8621	129	1.942,0	56,7	2,91	Jotamar Adm. e Com. S. A.
Estrangeira M. D'Este-30692	PC	4-7	8717	100	1.408,0	42,2	3,00	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Guará Melindrosa-24975-LM	PC	8-2	7376	365	6.465,0	222,9	3,44	Antônio Coelho Guimarães
Guará Magda-24974-LM	PC	8-8	5969	365	5.944,0	217,0	3,65	Antônio Coelho Guimarães
Cigana-22657-LM	PC	11-1	6636	365	5.819,0	196,3	3,37	Guido Malzoni
Cast. R. Wiersma 3-B15/5889-LM	PO	5-3	8472	296	5.570,0	198,2	3,55	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. V. Janke 5-B15/5895	PO	5-2	8082	298	5.504,0	170,6	3,09	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. B. Princesa-LM	NR	6-1	11402	365	5.175,0	175,8	3,39	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Fachina-28942	PC	8-2	9102	305	4.931,0	172,2	3,49	Guido Malzoni
Pietje 86-F6/2553-LM	PO	10-2	6442	257	4.927,0	181,4	3,68	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Caninana-29055	PC	8-2	9412	365	4.923,0	173,1	3,51	Guido Malzoni
San M.739 E.15 L.Micha.F7/3405	PO	7-8	7026	331	4.784,0	150,6	3,14	Lello de T. Piza e Almeida
G. M. Champira-28960	PC	6-10	9682	341	4.694,0	158,2	3,36	Guido Malzoni
Cast. J. Antje 56-B13/5146	PO	6-9	6680	365	4.655,0	170,5	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Guará Madona-30596-LM	PC	6-3	10055	342	4.641,0	180,0	3,87	Antônio Coelho Guimarães
D. F. Anna X-1P-B11/4234	PO	5-6	11483	319	4.637,0	159,6	3,44	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
F. S. M. Elite-B12/4744	PO	8-7	5865	337	4.553,0	153,4	3,36	Ministério da Agricultura
Cast. L. Fokje 4-1790-LM	15/16	6-4	10829	303	4.542,0	181,8	4,00	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
F. S. M. Fascinação-B14/5396	PO	7-2	7803	330	4.449,0	145,9	3,27	Ministério da Agricultura
F. S. M. Gema-B14/5399	PO	6-10	8327	334	4.381,0	137,8	3,14	Ministério da Agricultura

Nome do animal	Gráu de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
Liderança Medalist CAB-30795	PC	5-1	8998	365	4.318,0	159,2	3,68	Colégio Adv. Brasileiro
Ballarina-29006	PC	7-11	8199	365	4.271,0	151,4	3,54	Guido Malzoni
Geertje 35-F5/2427	PO	10-4	6278	239	4.266,0	155,4	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Capela EEPa 1044-B14/5604	PO	5-1	11358	320	4.198,0	157,8	3,75	Fernando de A. Pinto S. A.
Nijlander 69-F4/1964	PO	10-9	6865	316	4.187,0	160,6	3,83	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Perola-20638	PC	12-0	5084	315	4.146,0	126,0	3,03	Lelio de T. Piza e Almeida
Hendrika 24-F5/2300	PO	10-2	6081	296	4.127,0	147,7	3,57	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Brasília P. Paraiba-33746	PC	5-5	9007	347	4.089,0	149,8	3,66	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Sietske-F6/2537	PO	12-6	5500	365	4.054,0	128,8	3,17	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Taça-28689	PC	6-0	8811	315	4.041,0	144,6	3,57	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Rancheira-28985	PC	8-1	9884	365	4.022,0	148,5	3,69	Guido Malzoni
Mic Ipanema II-35114	PC	6-5	10062	365	4.010,0	135,4	3,37	Lincoln Castro da Rocha
S. Q. Espinosa-30438	PC	5-5	8874	345	3.987,0	141,3	3,54	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. A. Atje 8-B13/5054	PO	7-4	11410	319	3.981,0	130,9	3,28	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Campeonata J. B.-1481	PC	9-0	4700	267	3.777,0	127,8	3,38	Urbano Junqueira
F. S. M. Gardenia	NR	-	9101	341	3.745,0	118,2	3,15	Ministério da Agricultura
Cast. V. Anna 76-B15/5857	PO	5-6	6691	295	3.481,0	120,5	3,46	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Pol. B. Tanje-1001	7/8	6-4	9274	296	3.452,0	144,1	4,17	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Dadiva-27187	PC	6-9	7685	365	3.374,0	127,7	3,78	Cia. Agrícola São Quirino
Canabrava-28686	PC	6-3	8039	291	3.302,0	125,4	3,79	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. Q. Desmaiada-29455	PC	6-7	7644	343	3.296,0	100,7	3,05	Cia. Agrícola São Quirino
Hol. K. Ina 2	NR	3-1	6076	291	3.248,0	104,4	3,21	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Esporinha-30461	PC	5-1	8927	338	3.190,0	119,8	3,75	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. S. Pasma 13-B15/5888	PO	5-8	7607	317	2.994,0	113,6	3,79	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
M's. B. Crusader 84-F7/3199	PO	11-11	5880	301	2.611,0	88,6	3,39	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cantareira EEPa 1048-B14/5606	PO	6-8	9410	301	2.443,0	85,5	3,50	Alabama S. A. Com. Agr. e Pec.
Cop. Gaiteira-29849	PC	5-8	8549	247	2.371,0	81,5	3,43	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Gazela	NR	-	10879	267	2.272,0	92,0	4,04	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Ana's Jandaia-37368 (2)	PC	5-4	11996	279	2.212,0	62,8	2,84	Carlos Eduardo Baptistella
Defesa M. D'Este-28399	PC	6-11	7932	172	2.167,0	71,3	3,29	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Cast. V. Margriet-B15/5899	PO	5-2	8955	281	2.145,0	78,9	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Fatura M. D'Este-32545	PC	5-0	10494	210	1.700,0	55,2	3,24	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Coroa-25633	PC	7-10	6551	139	1.419,0	49,3	3,47	Cia. Agro-Pec. Faz. M. D'Este
Rita-20639	PC	11-9	5085	101	1.239,0	39,2	3,16	Lelio de T. Piza e Almeida
Cast. B. Anna 67-B16/6685 (1)	PO	5-3	12309	90	1.032,0	41,0	3,97	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.

R. V. Decencia Aukeana-BB2/720	PO	2-11	11344	365	3.085,0	122,7	3,97	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
--------------------------------	----	------	-------	-----	---------	-------	------	-----------------------------

CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.

R. V. Catia Mienas-BB2/709-LM	PO	4-4	9363	342	4.338,0	176,2	4,06	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. F. Formoseira-34366	PC	4-2	11453	322	3.748,0	121,6	3,24	Fernando José Santos

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Castro Paula XI-BB1/433-LM	PO	6-5	6807	258	4.612,0	175,1	3,79	Adrianus Sleutjes
Muquem Portenha III-35153	PC	8-5	11393	365	3.986,0	108,0	2,71	José Pires Castanho Filho
Sta. C. Esfinge-27033	PC	7-4	6413	260	3.225,0	108,0	3,34	Carlos Whately

RAÇA JERSEY

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AA — Até 2 anos.

J. Cascata Xenofonte-4175-C	PO	1-9	10864	275	1.821,0	104,0	5,71	José M. Altenfelder Silva
J. Caçula Xenofonte-4176-C	PO	1-7	10865	302	1.705,0	99,4	5,82	José M. Altenfelder Silva

CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.

Uiara Comary-4152-C-LM	PO	2-5	11361	365	2.678,0	162,1	6,05	José M. Altenfelder Silva
------------------------	----	-----	-------	-----	---------	-------	------	---------------------------

CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.

S. A. Iracema K. Count-4037-CLM	PO	3-5	9617	365	3.701,0	186,2	5,03	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Imagem J. Sta. Hilda-4063-C	PO	3-3	11339	359	2.271,0	106,7	4,69	João Laraya

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Ibis B. Sta. Hilda-4049-C	PO	3-6	9920	364	2.360,0	104,9	4,44	João Laraya
---------------------------	----	-----	------	-----	---------	-------	------	-------------

CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.

Herdade Sta. Hilda-3254-C	PO	4-2	9205	323	2.559,0	118,0	4,60	Alain Boud'hors
---------------------------	----	-----	------	-----	---------	-------	------	-----------------

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.

Sulina Comary-3011-C	PO	4-7	11615	291	1.923,0	100,9	5,24	José M. Altenfelder Silva
----------------------	----	-----	-------	-----	---------	-------	------	---------------------------

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

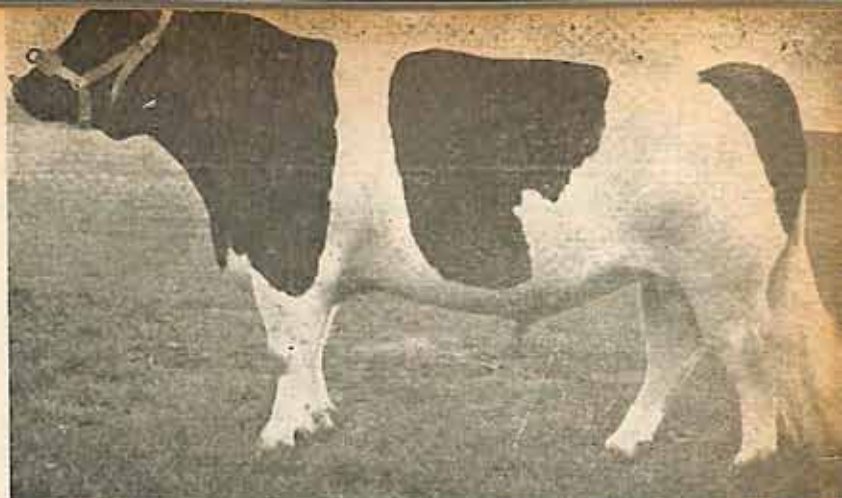
S. A. Xarda Paxford-3072-C-LM	PO	6-4	7547	365	4.706,0	226,2	4,80	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
C. D. Butterstyle-3394-C-LM	PO	6-3	8281	365	2.719,0	157,8	5,80	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

ADEMA 543

82 PONTOS

Sua mãe ADEMA 413, produziu:

2.11	4.431	4.29%	322 dias
4.0	5.292	4.10	362 "
5.4	7.730	4.28	428 "
6.9	6.184	4.17	343 "
7.11	6.722	4.10	359 "



META ADEMA 543

RECENTEMENTE IMPORTADO DA HOLANDA PELA
CASTROLANDA

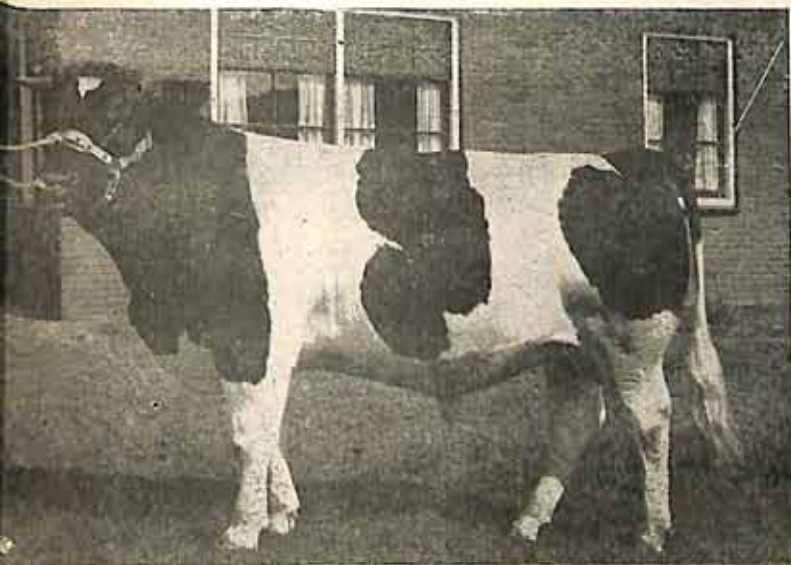
Neto do famoso touro provado

WYTSTURT ANNA'S ADEMA 1

Dados da comparação mãe — filha

F-	54	2.6	4.415	4.11%	343	181 gord.
M-	54	2.5	3.681	4.05	345	149 "
F-	55	3.6	4.791	4.02%	331	193 gord.
M-	55	3.5	4.399	3.95	330	174 "

MELHORANTE EM LEITE E GORDURA



Sua Mãe:

META 40

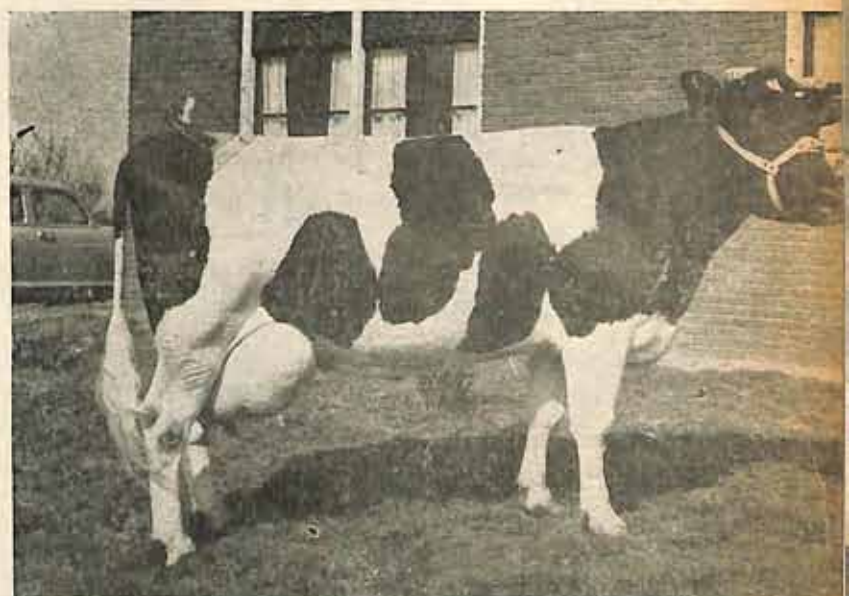
82 pontos, produziu:

2.1	4.781	4.03%	325 dias
3.2	7.325	4.03	353 "
4.1	8.061	4.20	305 "

Venda permanente de reprodutores

**ACEITAMOS ENCOMENDAS DE FILHOS
E FILHAS DESSE TOURO**

SUA VISITA SERÁ UM PRAZER



Informações com a

Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda.

Caixa Postal 131 — Castro — Est. Paraná

IMPORTAÇÃO

Estamos realizando importações de gado da Holanda para nossos cooperados e já temos também várias outras encomendas para criadores de vários Estados. Esse é mais um serviço que a **CASTROLANDA** presta aos criadores nacionais. — Importação DIRETA DA HOLANDA. Desejando importar alguma coisa procure a **CASTROLANDA**.

Nome do animal	Grau de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
RAÇA SCHWYZ								
				Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)				
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Loira do Rio Claro-2758-LM	PO	3-3	11424	338	3.904,0	160,6	4,11	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Jardim Geratriz-1828	PO	10-1	11313	348	4.660,0	137,1	2,94	Benedito Portugal Rennó
Artista-30775	PC	5-10	11435	334	2.893,0	112,2	3,87	Antônio Luiz Ferraz
Fanfarra-23573	PC	8-3	9644	289	2.874,0	110,2	3,83	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
Faina de Pinheiro-2252-Spreia	PO	6-8	7847	365	2.141,0	79,2	3,69	Ministério da Agricultura
	NR	-	10948	266	2.050,0	92,6	4,49	Fernando José Santos
Fibra de Pinheiro-2330	PO	6-1	8702	365	1.892,0	73,4	3,87	Ministério da Agricultura
Berlinda de Pinheiro-1786	PO	10-1	5080	301	1.728,0	66,9	3,86	Ministério da Agricultura
Fateixa de Pinheiro-2390	PO	6-0	8706	342	1.203,0	46,0	3,82	Ministério da Agricultura
RAÇA GIR								
				Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)				
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Apurada-34		3-0	11044	290	1.873,0	97,7	5,21	São Francisco Soc. Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Nabora-81		-	11041	304	2.695,0	133,1	4,93	São Francisco Soc. Ltda.
Favella-16		7-0	11049	301	2.343,0	104,3	4,45	São Francisco Soc. Ltda.
Carvoeira-61		5-0	11045	302	2.260,0	105,3	4,66	São Francisco Soc. Ltda.
Ponte Alta-92		7-0	11039	241	1.568,0	77,7	4,95	São Francisco Soc. Ltda.
RED-POLLED 5/8 x GUZERA 3/8								
				Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)				
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Paciencia (4707)		3-11	11120	301	2.493,0	114,7	4,60	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Lavareda (0173)		4-1	10317	365	3.208,0	156,6	4,88	S. A. Frigorífico Anglo
BUFALOS								
				Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)				
				Duas ordenhas (2x)				
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Moamba		-	9534	351	2.129,0	155,0	7,28	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Mineira-54		-	10875	233	1.099,0	83,4	7,58	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Gordura kgs.	%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETARIO
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.										
Três ordenhas (3x)										
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Arlete Colombia-B16/6456-LM	PO	4-2	9935	305	6.783,0	228,7	3,37	412	168	Manoel Alves de Castro
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Jardim Magaly-2018-LM	15/16	8-7	6029	258	6.513,0	229,4	3,52	395	138	Cia. Baptista Scarpa Ind. Com.
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.										
Cast. L. Boukje 30-B12567-LM	PO	2-5	11257	305	4.020,0	146,7	3,64	384	196	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Brota Medalist CAB-35866-LM	PC	2-4	11000	305	3.962,0	149,8	3,77	362	218	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. J. Rooske 5-B12656	PO	2-1	11388	298	3.490,0	129,5	3,71	355	218	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Dora 25-B12611	PO	2-2	11284	260	3.124,0	114,2	3,65	324	211	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CAB. Classica Medalist-B12162	PO	2-4	11290	305	3.042,0	117,6	3,86	377	203	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. B. Wilhelmina 40-B12614	PO	2-3	11377	294	2.814,0	103,3	3,67	363	206	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Cast. L. Klaske 20-B19/8153	PO	2-9	11258	259	3.826,0	128,4	3,35	359	175	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. V. Dora 20-B19/8147	PO	2-9	11398	247	2.291,0	89,3	3,89	356	166	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BJ — De a 3 1/2 anos.										
Cast. S. Bontje 9-B19/7939-LM	PO	3-2	9716	305	5.241,0	185,2	3,53	404	176	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. M. Jitske 12-B19/7886	PO	3-5	11261	300	4.071,0	141,1	3,46	372	203	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

NOME DO ANIMAL	Gráu de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Produção		Gordura kg	%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETARIO
				Dias de lactação	Leite kg					
Floresta Biruta-34053	PC	3-1	10707	293	3.239,0	109,0	3,36	389	179	Arthur Monteiro Neves
Bordada Medalist CAB-35859	PC	3-3	11288	305	2.731,0	100,6	3,68	346	234	Colégio Adv. Brasileiro
S. Q. Garbosa-35313	PC	3-2	11305	296	2.335,0	82,6	3,53	360	211	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. V. Sietske 10-B19/7994	PO	3-0	11399	226	2.239,0	79,3	3,54	335	166	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
Cast. L. Lemstra 2-B17/6748	PO	3-11	9721	295	3.799,0	128,8	3,38	418	152	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Cast. C. Reny-B16/6691-LM	PO	4-5	9558	305	5.162,0	183,7	3,55	361	219	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. L. Margriet-B16/6727	PO	4-1	10253	293	4.562,0	149,9	3,28	375	193	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Dora 4-B16/6680-LM	PO	4-4	9845	305	4.386,0	180,8	4,12	391	189	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Salpicada Medalist CAB-B12401	PO	4-0	9679	305	4.022,0	145,0	3,60	340	240	Colégio Adv. Brasileiro
Sertão Eritrea-B18/7397	PO	4-2	9794	261	4.008,0	129,9	3,24	361	175	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. M. Gelske 3-B16/6725	PO	4-3	10344	222	3.655,0	135,7	3,71	350	147	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Guará Alsacia-34158	PC	4-3	11017	293	3.645,0	153,1	4,20	421	147	Irmãos Vieira Barreto
F. S. M. Ina-B18/7353	PO	4-4	10120	197	1.666,0	53,3	3,19	368	104	Ministério da Agricultura
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Cast. C. Setske 3-B16/6682	PO	4-6	9308	211	1.931,0	68,4	3,54	357	129	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Hol. C. Baarda 2-918-LM	31/32	6-7	7082	295	6.490,0	233,0	3,59	355	215	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Balinha-27840-LM	PC	7-0	7364	305	5.536,0	188,6	3,40	364	216	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Willy's T. C. S. Kenia-F7/3438-LM	PO	5-10	7914	296	5.398,0	226,0	4,18	422	149	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Rubiacea-34412-LM	PC	7-3	9143	299	5.393,0	183,0	3,39	406	168	Jotamar Adm. e Com. S. A.
Cast. L. Dina 4-B15/5783-LM	PO	5-8	8891	296	5.107,0	183,9	3,60	366	205	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. V. Does 94-B15/5902	PO	5-6	8953	305	4.825,0	173,9	3,60	365	215	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
F. S. M. Fada-2P-B9/3229	PO	7-8	7131	305	4.334,0	151,8	3,50	391	189	Ministério da Agricultura
S. Q. Alsacia-19454	PC	9-7	4812	285	4.142,0	109,9	2,65	374	186	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. D. Grietje 3-B15/5835	PO	5-10	9298	260	4.131,0	170,3	4,12	367	168	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Bandeira de Paraíba-19118	PC	10-1	7388	300	4.022,0	137,6	3,42	413	162	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
C. A. Bolivia-34880	PC	7-8	9925	291	3.882,0	134,2	3,45	373	193	Lincoln Castro da Rocha
F. S. M. Camias-B10/3548	PO	10-0	5438	279	3.421,0	107,6	3,14	377	177	Ministério da Agricultura
Cast. M. Sara 24-B15/6162	PO	5-2	11263	266	3.378,0	136,7	4,04	388	153	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. K. Geesje 2-	NR	7-4	5932	264	3.247,0	117,6	3,62	385	154	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cuba Ag. Negras-1565	PC	5-11	9002	305	2.860,0	100,8	3,52	390	190	Fazenda São Bernardo
Botina Ag. Negras-1554	15/16	7-10	5690	305	2.722,0	101,1	3,71	388	192	Fazenda São Bernardo
Abunã Ag. Negras-36376	PC	5-7	10129	305	2.684,0	105,1	3,91	385	195	Fazenda São Bernardo
Minke 23-F5/2313	PO	10-5	6219	305	2.464,0	88,4	3,58	390	190	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Eva-30448	PC	5-4	8875	273	2.287,0	80,8	3,53	394	154	Cia. Agrícola São Quirino
Serena de Paraíba-	NR	-	9005	277	2.262,0	77,1	3,41	360	192	Arthur Monteiro Neves
RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Mar. Joana Eciniana-33667	PC	3-2	9567	271	3.133,0	123,3	3,93	422	124	Luciano Vasconcellos de Carvalho
R. V. Ditadora Aukeana-BB2/713	PO	3-4	10616	300	3.004,0	132,6	4,41	391	184	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
Mar. Iracema Heiniana-BB2/622	PO	3-11	10991	297	2.539,0	99,7	3,92	408	164	Luciano Vasconcellos de Carvalho
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
R. V. Camelia Aukana-BB2/708	PO	4-7	10051	295	4.090,0	165,0	4,03	353	217	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Geertje 7-FF1/340-LM	PO	6-8	7516	305	5.562,0	242,6	4,36	413	167	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Castro Aafje IV-BB1/428-LM	PO	7-3	5943	294	5.208,0	190,1	3,65	409	160	Adrianus Sleutjes
Mar. Espada Alexina-23934	PC	7-5	6645	305	4.652,0	173,4	3,72	352	228	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Mar. Gilda T. Colorado-29881	PC	5-8	9781	304	3.310,0	117,2	3,53	378	202	Luciano V. de Carvalho
Mar. Divina II Alexina-22952	PC	8-3	8369	305	3.140,0	113,2	3,60	410	170	Luciano Vasconcellos de Carvalho
RAÇA JERSEY										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AA — Até 2 anos.										
J. Fantasia Xenofonte-4255-C	PO	1-10	11336	287	1.390,0	77,1	5,54	382	170	José M. Altenfelder Silva
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Jaboticaba B. Sta. Hilda-4057-C-LM	PO	2-7	11341	305	2.651,0	126,2	4,75	416	164	João Laraya
Sant'Ana Vitamina-4020-C	PO	2-8	11096	305	1.887,0	101,8	5,39	411	169	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Jaca B. de Canela-4053-C	PO	2-8	11337	304	1.222,0	66,8	5,46	380	199	João Laraya

O que vai pelo Controle Leiteiro

GRANDES PRODUÇÕES REGISTRADAS

Examinando o relatório das lactações terminadas no mês de Novembro de 1963, na parte relativa à Divisão de 305 dias, observam-se produções dignas de menção. Nessa divisão exige-se a parição de um bezerro viável, no máximo dentro de 427 dias da parição que deu motivo à lactação, pois é nessas condições que uma vaca prova sua verdadeira capacidade de produção: além de registrar determinado volume de leite, gera um novo produto e se prepara para nova fase de produção.

O segundo título de destaque que uma vaca pode ter, ao registrar boas produções, é o LE ou Livro de Escol, equivalente a uma dupla estrela, somente superado pelo título seguinte, que vale por três títulos LE seguidos ou cinco alternados, e que se refere à denominação de Reprodutora Emérita (RE). Ora, tais destaques têm grande significação, pois as vacas apontadas como mães de reprodutores somente merecem essa designação quando possuem qualidades para tanto e esses títulos constituem a maneira correta de destacar as vacas realmente boas, do ponto

de vista de produtividade, fertilidade, vigor e adaptabilidade. No relatório de Novembro, merecem realce sob esse aspecto, além de outras, as cinco seguintes vacas:

Arlete Colombia, Holandesa preta e branca pura de origem criação do Dr. Manoel Alves de Castro, Passa Quatro, MG., que em 3x, aos 4 anos e 2 meses, em 305 dias, produziu 6.783 kg. de leite, com 228,7 kg. de gordura, 3,37%. Esta foi a segunda lactação de A. Colombia; na primeira, iniciada aos 3 anos, em 3x, em 363 dias, já havia produzido 7.894 kg. de leite, com 281,8 de gordura ou 3,57%, o que lhe garantiu um título de LM e outro de LE, pois procriou novamente dentro do prazo estabelecido em regulamento. Com esta nova lactação, acima de 6.000 e perto dos 7.000, com dois LE seguidos, demonstra excepcionais qualidades que muito a recomendam como boa reprodutora. É filha de Arlete Cometa Block Max e A. Dina (5-6, 3x-359, 8817, 312,9 - 3,59%).

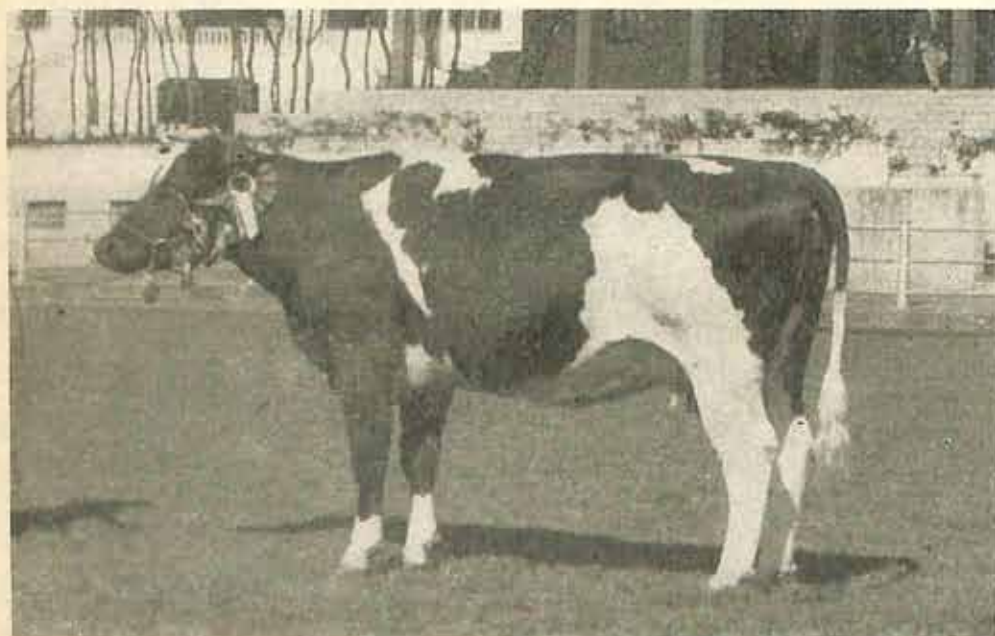
Castrolanda Conde Reny, Holandesa, também pura de origem da Castrolanda, que aos 4-5 em 2x,

em 305 dias produziu 5162 kg, com 183,7 de gordura 3,55%, com nova parição em 361 dias. Já tem agora 2 lactações, ambas acima de 5.000 kg. Esta nova lactação na categoria de 1 anos é digna de destaque, pois se classifica entre as sete melhores até aqui registradas.

Holandia C. Baarda, PC de Castrolanda, adulta 6-7, que, em 2x em 295 dias, registrou, com novo bezerro em 355 dias, 6.490 kg. de leite com 233,0 de gordura, ou 3,59%. Está com quatro lactações, somando 17.520 kg.

Geertje 7, Holandesa vermelha e branca, filha de Aukje's Truman e Geertje 5, propriedade de Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, que já por duas vezes foi grande campeã em exposição de gado leiteiro, encerrou mais uma excelente lactação, a quarta aos 6-8, em 2x, 305 dias, 5562 kg. de leite e 242,6 de gordura, ou 4,36%, com nova parição em 413 dias, alcançando porcentagens de gordura sempre acima de 4,00%, num total de 17.467 kg. de leite com 4,30% de média nesse total. Nesta lactação, aos 365 dias, registrou 6347 kg. de leite com 4,37%. Está em LE. É irmã paterna de Afke 5, outra filha de Aukje's Truman, que, em Fevereiro de 63, na fazenda do sr. Jayme Leme, a cujo plantel pertence, produziu 7.162 kg. de leite com 276,9 ou 3,86 de gordura, tendo sido também grande campeã em exposição especializada.

Castro Aafge IV, também vermelha e branca, criação do sr. Adrianus Sleutje, filha de Holambra Joop, (o reprodutor que alcançou o mais alto nível de melhoramento, em todos os testes de prole até agora feitos na APCB), aos 7-3, em 2x, em 294 dias, completou 5.208 kg. de leite, com 190,1 de gordura, ou 3,65%, tendo dado nova cria em 409 dias. Esta é a quinta lactação que registra, todas elas em Livro de Mérito, num total de 26.673 kg. de leite e 1.005 de gordura ou 3,76%. Com esta lactação registrou seu terceiro LE consecutivo, devendo receber, portanto o valioso título de Reprodutora Emérita.



AFKE 5 — filho de Aukje's Truman, do sr. Jayme Leme, produziu em fevereiro de 1963 7.162 kg de leite e 276,9 kg de gordura com 3,86%.

NA DIVISÃO DE 365 DIAS

Na Divisão de 365 dias aparecem no relatório de Novembro de 1963, outras lactações, também dignas de destaque.

Na raça Holandêsa, variedade preta e branca, surge Arlete França, criação do Dr. M. A. Castro, Passa Quatro, MG. 4-5, 365, 3x, 7436, 3,48%, em segunda lactação, repetindo nova e alta produção, já que aos 3 anos alcançou 7192, com 260,4 ou 3,62%. E' mais uma filha de A. Cometa Blok Max, e A. Nora (6-6, 3x, 362 8460, com 295,8 ou 3,49%).

Holandia L. Jantje, P.C. da Coop. de Castrolanda, com 2-5, 2x, 361 6383, com 231,9 ou 3,63% é outra vermelha e branca que se salienta.

Duas reprodutoras do rebanho do sr. A. Coelho Guimarães, Guaratin-
güctá, merecem também destaque no relatório de Novembro: G. Melindrosa e G. Magda. A primeira, aos 8-2, em 2x, em 365 dias, fez 6465,0 com 222,9 ou 3,44%, sendo sua segunda lactação acima de 6.000kg. num total de 23.325 kg. E' filha de Vinagre EEPA, criação da Sec. da Agricultura; teve bom teste, revelando-se melhorante. Guará Magda,

aos 8-8, em 2x, em 365 dias, produziu 5.944, com 3,65%, ou 217,0 kg. de gordura; é filha de outro reprodutor que também provou muito bem. Ulemá EEPA, registrando com esta sua terceira lactação acima de 5.000 kg., das quais uma superou os 6.700. Já somou 26.574 kg. de leite, o que lhe garante o 52º lugar na Categoria de Longevidade como produtora de leite e o 38º como produtora de gordura. E' a mais alta classificada nesta categoria, de propriedade do Sr. A. Coelho Guimarães.

Digna de destaque não inferior é SA Xarda Paxford, Jersey, propriedade da Fazenda S.A. do Rio Abaixo, S. José dos Campos, que, aos 6-4, em 2x em 365 dias alcançou 4.706 kg. de leite, 226,2 ou 4,80% de gordura. E' esta a sua segunda lactação acima de 4.000 kg. Em 4 lactações controladas, somou até agora 15.895 kg., com 4,94%, com todas as lactações acima dos 3.000 kg. Trata-se realmente de excelente produção para vaca da raça Jersey, uma das maiores no ano de 63 na categoria.

BOAS LACTAÇÕES EM DEZEMBRO

Com o melhoramento das condições de produção em Dezembro último, boas lactações começam a se observar nas fazendas com vacas em controle. Dentre as numerosas produções observadas pudemos destacar algumas: Faz. Paraíso SA, S. João da Boa Vista, com várias produções acima de 20kg, e próximas de 30; Fazenda Rio das Pedras, Guido Malzoni, com 12 vacas acima de 20 kg., num total de 42, sendo tres

acima de 29 kg., Dr. M. A. Castro, Passa Quatro, com duas vacas acima de 28, e uma além de 31, embora em regime de tres ordenhas; B. Portugal Renó, com vacas da raça Schwyz, sendo duas acima dos 19kg., sem contar as bufalas da Faz. Sana do do Rio Abaixo, das quais 8 em controle, sendo uma com 3,25% de gordura, outra com 8,00% e as demais entre 9,47 e 9,80%!

TÉCNICOS VIAJAM

Como interessantes fatos de pecuária leiteira, há a noticiar viagens realizadas por técnicos de S. Paulo em serviços de colaboração, a saber: o Dr. Otto de Mello viajou para o Ceará, para julgar na I Exposição Norte Nordeste, juntamente com o dr. Fidélis Alves Netto, que também em Novembro esteve em Recife, julgando na exposição lá realizada; o Dr. E. Ranale, conhecido especialista em premunicação em S. Paulo, esteve na Itália, a fim de colaborar na impor-

tação de gado Chianino e Romanogolo.

Sabemos que Dr. Otto de Mello irá a Holanda este ano, a pedido de criadores, afim de adquirir novos produtos vermelhos e também pretos. A importação que orientou há alguns anos resultou em sucesso, pois, entre outros bons produtos, trouxe Aukje's Truman, êsse grande raçador, pai de numerosos campeões e campeãs de nossas exposições.

REVISTA DOS CRIADORES

Assinatura anual:
Cr\$ 2.500,00

Para pedidos dirija-se à
Rua Canuto do Val, 216
São Paulo

PRODUÇÃO DE...

(Conclusão da pág. 9)

pasto. Nossos pecuaristas de leite estão na obrigação de tomar uma decisão radical nesse terreno, como fizeram os agricultores de algodão ou batata; lucro com inseticida, ou baixa renda sem nenhum inseticida.

O almoxarifado das fazendas de leite, em vez de tantos remédios, passaria a ter algum adubo, e um inseticida. Segundo o Instituto Biológico e o Departamento de Produção Animal, um bom inseticida reduz de 85% a população adulta dessa cigarrinha. A aplicação desse produto nos focos iniciais resolve de maneira econômica o problema dessa praga. Na medicina, além do remédio, outras coisas podem ajudar na cura; na agronomia, acontece a mesma coisa. Na verdade, pouco se conhece sobre essa praga, que até agora não teve importância econômica. Nossos agrônomos poderiam, sem medo de errar, sugerir aos pecuaristas duas coisas: pastoreio na altura "certa" e mais fertilizantes. Se o pasto receber gado em excesso e ficar muito baixo, não terá reservas para resistir à praga. Se o pasto ficar muito alto por falta do número adequado de cabeças ou porque ficou sem gado para "dar semente", fica muito vulnerável à praga, devido ao sombreamento excessivo. Os pecuaristas precisam, além disso, cortar e retirar, para cama, um pouco de capim das faixas próximas das estradas do DER, que se estão tornando verdadeiras chocadeiras de cigarrinhas.

A fertilização, com químicos ou com estêrco, é um remédio sem contra-indicação. A grama batatais é uma das mais resistentes à "espuminha". No entanto, num certo gramado de batatais de um verde escuro, não se notava a infestação da "cigarrinha", mas, num ponto em que se apresentava amarelo, havia forte infestação dessa praga. Feita a análise de terra, no último ponto, mostrou deficiência dos três elementos: nitrogênio, fósforo e potássio. A deficiência evidenciava-se mais crítica em relação ao nitrogênio. Nos pastos mais atacados nos anos anteriores de uma fazenda, na região de São José do Rio Pardo, uma adubação com estêrco de galinha fez baixar a incidência de "cigarrinha" a um nível considerado normal.

Quando se puder fazer análise de terra com relação aos elementos menores, dos pastos com infestação "normal" e daqueles com infestação muito intensa, talvez se encontre a solução mais fácil para êsse novo problema da pecuária leiteira.

NOME DO ANIMAL	Gráu de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Produção		Gordura kg	%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETARIO
				Dias de lactação	Leite kg					
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Imaculada B. Canela-4046-C	PO	3-3	9798	266	2.217,0	99,4	4,48	387	154	João Laraya
Imbuia B. Sta. Hilda-4052-C	PO	3-3	10147	258	1.458,0	74,9	5,13	355	178	João Laraya
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
S. A. Marusca Patrician-3393-C	PO	4-6	8821	305	3.128,0	144,1	4,60	411	169	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Catita 2.ª Zanalua-3401-C	PO	4-6	8823	297	2.912,0	141,1	4,84	424	148	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
J. Molly's Duchess-3215-C	PO	7-10	9139	261	2.029,0	99,8	4,91	341	195	Alain Boud'hors
RAÇA SCHWYZ										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Arigideen Zulli-2539	PO	4-8	10898	305	2.801,0	112,5	4,01	398	182	Antônio Luiz Ferraz
Araruta de Ressaca-2537	PO	4-9	11231	280	2.160,0	87,3	4,04	324	231	Faz. Sta. Francisca Camanducaia
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Favorita de Pinheiro-2294	PO	6-2	8843	305	2.019,0	76,9	3,80	407	173	Ministério da Agricultura
RAÇA GIR										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Tainha de Brasília-13500	RE	7-4	11854	243	2.589,0	137,4	5,30	391	127	Rubens Resende Peres
Gauchja-2		11-0	11326	284	2.399,0	99,1	4,13	359	200	São Francisco Soc. Ltda.
Grandesa-17		5-0	11325	223	1.753,0	86,9	4,95	351	147	São Francisco Soc. Ltda.
RED-POLLED 5/8 X GUZERA 3/8										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Tetela		3-4	11504	199	1.614,0	71,6	4,43	333	141	S. A. Frigorífico Anglo
Campinas (6768)		3-1	11372	106	806,0	36,4	4,51	338	43	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Carneira (4691)		4-3	10320	190	2.192,0	92,3	4,21	359	106	S. A. Frigorífico Anglo
Assembleia (4708)		4-0	11115	240	1.826,0	82,0	4,49	405	110	S. A. Frigorífico Anglo
Castora (4696)		4-4	11639	141	1.243,0	55,2	4,44	312	104	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Salina (4398)		9-4	9857	232	2.835,0	111,4	3,92	382	125	S. A. Frigorífico Anglo
Floresta (4487)		6-3	9954	233	2.537,0	112,6	4,43	378	130	S. A. Frigorífico Anglo
Formiga (A22)		7-6	10091	199	1.700,0	80,5	4,73	368	106	S. A. Frigorífico Anglo
RED-SINDHI										
Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
Brauna-201/SRTM		2-9	11351	273	2.640,0	146,9	5,56	404	144	João Carlos P. de Freitas

LM — LIVRO DE MÉRITO

(1) — MORREU

(2) — VENDIDA

O último número em seguida ao nome de cada vaca corresponde ao seu número em registro genealógico.

REVISTA DOS CRIADORES

Uma secretária sempre às suas ordens

V. que trabalha no campo; V. que cria gado: quer leiteiro, quer de corte. Todos, afinal têm o que ler na

REVISTA DOS CRIADORES

Preço da assinatura anual: Cr\$ 2.500,00

Para pedidos, dirija-se à Editôra dos Criadores

Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.
Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. S. Paulo. Controle em 18/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Leite	Produção Gorduras	%
3.222	Carnauba de Paraiba	PCOC	12-1	1.º	41	18 080	0,560	3,10
3.692	Dadiva de Paraiba	PCOC	11-10	6.º	162	13,060	0,466	3,57
3.698	Harpista São Martinho	PCOC	11-4	3.º	83	15,320	0,459	2,99
6.333	Keen São Martinho	PCOC	8-0	6.º	167	13,960	0,444	3,18
6.661	Guitarra de Paraiba	PCOC	8-3	3.º	64	16,800	0,550	3,27
6.786	Supimpa de Paraiba	PCOC	7-6	1.º	26	24,950	0,733	2,93
6.845	Doutrina de Paraiba	PCOC	8-5	3.º	69	19,050	0,609	3,19
6.924	Flâmula	PCOD	7-5	2.º	40	18,800	0,596	3,17
6.925	Mantiqueira	PCOD	7-10	4.º	114	16,700	0,518	3,10
7.544	Sant'Ana Formosa	PO	7-7	6.º	177	14,270	0,472	3,31
7.589	Camponeza	PCOD	7-6	1.º	7	24,840	0,757	3,04
7.923	Jamaica de Paraiba	PCOC	8-11	8.º	218	15,000	0,455	3,03
7.925	Coreiana	PCOD	6-10	6.º	160	15,000	0,455	3,03
8.037	Narceja de Paraiba	PCOC	7-1	2.º	42	27,500	0,780	2,83
8.405	Pirata II de Paraiba	PCOC	6-3	3.º	63	18,500	0,574	3,10
8.490	Regência de Paraiba	PCOC	6-10	1.º	14	16,300	0,525	3,22
8.559	Coroadá II de Paraiba	PCOC	6-3	3.º	68	16,270	0,485	2,98
8.560	Arabia	PCOD	6-0	9.º	261	14,900	0,447	3,00
8.564	Parafina de Paraiba	PCOD	6-4	2.º	46	18,500	0,528	2,85
8.652	Sensitiva de Paraiba	PCOD	6-2	4.º	95	19,050	0,564	2,96
9.732	Espanada III de Paraiba	PCOD	5-6	5.º	148	15,590	0,490	3,14
8.733	Aroeira de Paraiba	PCOC	6-1	3.º	63	13,980	0,490	3,51
8.734	Rumba de Paraiba	PCOD	8-10	6.º	151	13,700	0,488	3,56
8.816	Corveta de Paraiba	PCOC	7-8	1.º	27	25,890	0,787	3,03
9.008	Babilônia de Paraiba	PCOC	5-3	6.º	150	16,700	0,485	2,90
9.116	Girafa de Paraiba	PCOC	5-5	4.º	107	13,500	0,433	3,21
9.803	Arena de Paraiba	PCOC	5-2	6.º	150	13,210	0,413	3,13
10.049	Astúria de Paraiba	PCOD	4-10	5.º	139	13,050	0,440	3,37
10.127	Jacira de Paraiba	PCOD	4-5	5.º	134	14,100	0,564	4,00
10.224	Mangueira de Paraiba	PCOC	5-2	3.º	67	14,550	0,466	3,20
10.304	Aliada de Paraiba	PCOC	4-8	4.º	92	17,600	0,561	3,18
10.426	Campista de Paraiba	PCOC	4-0	8.º	263	13,060	0,426	3,26
10.803	Caprichosa de Paraiba	PCOC	4-5	5.º	148	15,610	0,483	3,10
10.878	Ninfa de Paraiba	PCOC	4-2	3.º	81	13,810	0,452	3,27
12.275	Galeria de Paraiba	PCOD	3-2	5.º	142	15,800	0,502	3,18
12.276	Sant'Ana Delta Roosevelt	PO	5-0	5.º	137	14,700	0,449	3,06
12.278	Jangadeira de Paraiba	NR	8-9	5.º	124	13,100	0,507	3,87
12.620	Nogales S. Loch. Gasolina	PO	3-0	1.º	4	16,800	0,587	3,49

Lincoln Castro da Rocha. Barra Mansa. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 29/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas

9.418	Campo Alegre Guacira	PCOD	5-4	5.º	159	14,800	0,526	3,55
9.525	Franceza	NR	-	5.º	171	17,210	0,564	3,27
9.802	Barbacena Barca	PO	4-6	2.º	73	13,160	0,436	3,31
9.925	Campo Alegre Bolivia	PCOD	8-8	1.º	30	25,000	0,761	3,04
10.654	Violeta	NR	-	5.º	167	20,840	0,600	2,88
10.966	Providência Forja	PCOC	9-0	3.º	103	15,100	0,556	3,68
12.454	Bonita	NR	2-4	2.º	66	15,820	0,418	2,64
12.643	Nogales L. Maepet	PO	7-4	1.º	35	27,910	0,760	2,72

S. A. Fazenda Paraíso Industrial e Agrícola. São João da Boa Vista. Est. S. Paulo. Controle em 14/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.328	Maple Lane R. Lochinvar	PO	12-0	10.º	304	13,410	0,455	3,39
3.657	Bob Mar Inka Dewdrop	PO	12-4	5.º	123	18,200	0,671	3,68

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO

ESPECIALIDADES

Betatotal para disfunções do sistema nervoso

Protectum para os estados de intoxicação em geral

Sociedade Cooperativa CASTROLANDA Ltda.



GADO HOLANDÊS

PRETO E BRANCO
puro de origem

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



AFKE 40 — importada da Holanda. Reg. F-6-2602. Nasceu em 29-12-52. Pai: ROOSJE'S OLIVIER. Mãe: AFKE 34. Prod. de leite: 4a 10m — 5.162,080 quilos — 308d — 3,27%. Média: 16,760.

Estamos realizando importações de gado da Holanda para nossos cooperados e já temos também várias outras encomendas para criadores de diversos Estados. Isso é mais um serviço que a CASTROLANDA presta aos criadores nacionais. — Importação DIRETA DA HOLANDA. Procure-nos caso queira importar alguma coisa.

Sua visita será um prazer

Sociedade Cooperativa CASTROLANDA LTDA.

C. Postal, 131 — CASTRO — Est. Paraná

CONDUÇÃO

TREM — direto de São Paulo a Castro pela E. F. Sorocabana

AVIÃO — até Ponta Grossa prosseguindo de ônibus até Castro (45 minutos)
CAMPO DE POUSO PARTICULAR
DENTRO DA COLÔNIA

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOULAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz de raça na 1 Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9,020 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na Categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- FORTALEZA, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam a paginas..... desta edição, as médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em S. Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilometro 23 da estrada asfaltada de Itapeperica - via Sto. Amaro

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Cxo. Postal 7258 - Telefone 61-2606
SÃO PAULO

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
5.88'	Madcap M. 3 Of Martona	PO	12-5	7.º	193	17,530	0,543	3,10
5.985	Anca	PCOD	9-2	1.º	4	29,300	1,399	4,77
6.424	M's. Milkmaster Imperial 35	PO	13-5	5.º	134	15,450	0,491	3,10
6.472	Guerra's Topmaster Lira	PO	8-2	6.º	180	17,600	0,949	5,30
6.602	São José Dançarina	PO	7-9	7.º	184	19,900	0,815	4,09
7.164	Astoria	PCOD	9-3	6.º	180	16,630	0,574	3,45
7.364	Balinha	PCOD	8-0	1.º	13	24,850	0,847	3,40
7.657	S. M. Bessie Pontiac Holter	PO	6-11	4.º	111	16,100	0,632	3,90
7.821	Saint R. Emperor 177 C. 301	PO	7-2	6.º	174	16,600	0,645	3,80
7.822	Saint R. Emperor 138 W. 306	PO	7-1	6.º	162	22,550	0,681	3,00
7.831	S. M. Senator Patsy B. Girl	PO	7-1	2.º	47	26,050	1,072	4,11
7.914	Willy's Tony C. S. Kenia	PO	7-0	1.º	2	17,900	0,630	3,52
8.512	Sta. Carolina Lita Hoarne	PO	6-10	5.º	124	19,050	0,659	3,45
8.513	Sertão Candidata	PO	6-11	5.º	138	23,800	0,856	3,50
8.783	Sta. Carolina Rutica Pabst	PO	6-2	7.º	191	18,100	0,605	3,34
8.898	Sertão Duna	PO	6-0	7.º	187	21,300	0,712	3,34
8.915	Dakar	PCOD	6-1	7.º	185	17,400	0,565	3,24
8.916	W. Luz C. S. Alegre	PO	7-2	8.º	243	17,580	0,695	3,95
9.043	Sta. C. Mona Marksman II	PO	5-3	9.º	266	13,250	0,546	4,12
9.135	Sta. C. Mara Hoarne	PO	6-2	7.º	190	16,100	0,742	4,61
9.148	Duqueza	PCOC	5-8	12.º	336	14,150	0,503	3,50
9.153	Sta. C. Mona Marksman	PO	6-1	9.º	252	13,400	0,525	3,91
9.214	Sta. C. Maloca Pabst	PO	7-3	8.º	226	15,930	0,612	3,84
9.215	Sertão Esperia	PO	5-1	6.º	160	13,150	0,517	3,93
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	6-9	3.º	61	29,700	0,918	3,00
9.384	Sertão Esthonia	PO	4-11	9.º	256	19,000	0,796	4,19
9.385	Sertão Dalas	PO	6-4	4.º	90	19,500	0,653	3,35
9.503	Diacui	PCOC	6-3	5.º	137	20,350	0,773	3,80
9.580	Else	PCOC	4-10	2.º	51	24,740	0,841	3,39
9.581	Sertão Elijah	PO	4-11	6.º	148	15,900	0,555	3,40
9.582	Sta. Carolina Graça Pabst	PO	7-6	2.º	45	21,000	0,874	4,16
9.714	Sertão Elna	PO	5-5	3.º	73	22,210	0,743	3,34
9.793	Sertão Escoteira	PO	5-4	5.º	138	17,100	0,625	3,65
9.794	Sertão Eritrea	PO	5-2	1.º	63	24,400	0,696	2,85
9.796	Eleitara	PCOC	4-6	8.º	223	14,400	0,522	3,62
9.940	S. Formosa P. Carnation	PO	4-2	7.º	206	13,200	0,497	3,77
10.029	Sertão Estatuá	PO	4-5	9.º	263	14,050	0,625	4,45
10.030	Sta. C. Lidadora Hoarne	PO	6-0	8.º	245	15,410	0,593	3,80
10.248	S. Forese F. Pabst Burke	PO	4-0	4.º	95	24,710	0,828	3,35
10.458	S. Flotilha Ajax M. Exotico	PO	4-1	6.º	183	16,300	0,576	3,53
10.460	S. First Pabst Senor	PCOC	3-9	6.º	148	17,700	0,653	3,69
10.625	S. Flower Lalaur Carnation	PO	3-10	7.º	194	16,600	0,592	3,56
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	3-8	7.º	209	17,790	0,654	3,67
10.627	S. Guama Juliana Glenafton	PO	3-2	7.º	187	15,100	0,597	3,95
10.642	W. Christy T. Houckholme	PO	9-8	1.º	13	18,850	0,542	2,67
10.657	S. Fragoa H. Carnation	PO	3-5	7.º	192	15,750	0,573	3,63
10.997	S. Grecia S. Glenafton	PO	3-7	3.º	63	19,100	0,764	4,00
11.203	S. Guara Pabst Glenafton	PO	3-7	2.º	43	22,610	0,857	3,79
11.437	S. Grauna Pabst	PCOC	2-8	12.º	351	14,930	0,565	3,78
11.441	S. Genebra Vrouka Pabst	PO	2-11	12.º	332	16,650	0,660	3,96
11.442	S. Falupa Crusader 84 Pabst	PO	3-1	12.º	332	17,700	0,610	3,44
11.774	S. Guapira P. 295 Pabst	PO	2-11	9.º	288	20,440	0,719	3,51
11.989	S. Guariba Lochinvar Pabst	PO	3-2	8.º	224	16,900	0,616	3,64
12.024	S. Hol. Marksdekol Hoarne	PO	2-5	6.º	159	17,700	0,653	3,60
12.061	S. Gat. Express Glenafton	PO	2-11	7.º	208	17,990	0,677	3,76
12.062	S. Grey Pride 5 Pabst	PO	2-8	7.º	198	17,000	0,557	3,28
12.149	S. Graciosa Pabst Carnation	PO	3-1	6.º	158	14,450	0,505	3,50
12.152	S. Gamboa Pietje Champion	PO	3-2	6.º	159	14,300	0,557	3,90
12.402	S. Grizelda H. Martindale	PO	2-9	4.º	113	18,650	0,745	3,99
12.403	S. Guitarra O. Pabst	PO	3-4	4.º	93	23,200	0,849	3,65
12.564	S. Ghita Glenafton	PCOC	2-11	2.º	55	16,660	0,666	3,99
12.565	S. Harden Rud M. Pabst	PO	2-5	2.º	50	20,530	0,615	2,99
12.566	S. Helvetia Beautymore	PO	2-7	2.º	41	14,100	0,648	4,50
12.636	S. Hungara Starlight Pabst	PO	2-9	1.º	21	20,000	0,608	3,04

Colégio Adventista Brasileiro, Santo Amaro. Controle em 12/11/963.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

6.246	Clarice Madcap C. A. B.	PCOC	8-2	5.º	130	14,830	0,501	3,37
7.092	Fulia Madcap C. A. B.	PCOC	7-5	4.º	112	13,330	0,466	3,49

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.



VITAMINAS
injetáveis e oral

Vitamina B1
Vitamina D2
e outras

usadas no
tratamento das
Ipvitaminoses

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mêses	Con- trole	Dias de lact.	Produção		
						Leite	Gorduras	%
7.766	C. A. B. Fada Madcap	PO	7-0	3.º	88	20,080	0,522	2,60
7.810	C. A. B. Elizabeth Madcap	PO	8-6	3.º	75	20,350	0,669	3,29
8.911	Mais Bela Madcap C. A. B.	PCOC	5-8	7.º	204	14,000	0,504	3,60
8.999	Firmaforte Medalist C.A.B.	PCOC	5-3	2.º	60	17,890	0,616	3,44
9.047	C. A. B. Esta Sim Medalist	PO	5-8	1.º	6	21,330	0,795	3,73
9.359	Laica Medalist C. A. B.	PCOC	4-10	6.º	157	13,830	0,505	3,65
9.678	Ritinra Madcap C. A. B.	PCOC	5-2	3.º	91	13,740	0,494	3,59
9.679	Salpicada Medalist C. A. B.	PO	5-0	1.º	38	15,340	0,513	3,34
9.761	Calada Medalist C. A. B.	PO	4-10	3.º	78	16,540	0,543	3,28
10.274	Mirabela Medalist C. A. B.	PCOC	4-7	2.º	60	19,460	0,649	3,33
10.677	Regea Medalist C. A. B.	PCOC	4-2	4.º	111	17,290	0,614	3,55
10.866	Fortuna Medalist C. A. B.	PCOC	3-7	1.º	18	21,140	0,617	2,92
10.999	Catita Medalist C. A. B.	PCOC	3-4	3.º	67	13,270	0,488	3,68
11.000	Brota Medalist C. A. B.	PCOC	3-4	1.º	59	17,960	0,617	3,43
11.288	Bordade Medalist C. A. B.	PCOC	4-2	1.º	22	14,180	0,461	3,25
11.290	C. A. B. Classica Medalist	PO	3-5	1.º	5	18,060	0,787	4,36
12.648	C. A. B. Fadinha Medalist	PO	2-3	1.º	28	15,630	0,427	2,73
12.649	Dama Medalist C. A. B.	PCOC	2-4	1.º	26	16,060	0,537	3,34

Dr. Guido Malzoni. Jundiaí, Est. de São Paulo. Controle em 6/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas.								
7.737	Estrela	7/8	6-0	8.º	228	22,760	0,763	3,35
9.103	Urca do Rio das Pedras	PCOC	3-11	2.º	48	29,200	0,575	1,97
2 ordenhas.								
6.623	Canela	PCOD	9-7	2.º	52	20,870	0,539	2,58
6.629	Varginha	PCOD	10-5	11.º	327	13,530	0,434	3,21
6.635	Kalma 61	PO	10-5	2.º	36	16,160	0,525	3,25
6.636	Cigana	PCOD	11-1	13.º	371	17,650	0,564	3,20
7.333	Itapira	PCOD	10-7	1.º	41	22,090	0,731	3,30
7.927	Wanda	PCOD	8-9	5.º	125	16,670	0,516	3,09
7.931	Cocaina	PCOD	8-6	9.º	244	16,880	0,614	3,64
8.201	Batalha	PCOD	9-0	2.º	53	22,320	0,670	3,00
8.417	Coimbra	PCOD	8-10	4.º	119	17,860	0,640	3,58
8.420	Colina	PCOD	9-6	9.º	260	16,800	0,587	3,49
8.660	Saratoga	PCOD	9-0	2.º	49	21,460	0,659	3,07
8.930	Revolta	PCOD	8-5	7.º	193	13,850	0,509	3,68
9.068	G. M. Mulatinha	7/8	7-6	9.º	249	18,750	0,610	3,25
9.321	Bombeira	PCOD	7-0	2.º	56	21,410	0,613	2,86
9.512	Ceará	PCOC	6-9	2.º	62	21,200	0,540	2,55
9.680	G. M. Bacana	PCOD	6-0	10.º	284	19,930	0,702	3,52
9.681	Ursa	PCOD	8-6	8.º	215	13,910	0,524	3,76
10.165	Valsa	PCOC	7-2	2.º	42	31,700	0,786	2,48
10.410	Pequena	PCOD	8-5	8.º	216	15,580	0,486	3,12
10.591	Bela Vista	PCOD	5-7	2.º	41	18,700	0,533	2,85
10.710	Serrinha	PCOD	8-11	1.º	39	24,060	0,753	3,13
10.853	G. M. Kalma II	PCOD	7-4	1.º	21	19,250	0,643	3,34
11.447	Casa Branca	PCOD	5-4	12.º	347	17,050	0,580	3,40
12.053	Marília	PCOD	6-3	7.º	198	17,130	0,624	3,64
12.481	Sota	PCOD	9-0	3.º	65	20,000	0,580	2,90
12.560	Esperança	PCOD	5-8	2.º	39	21,550	0,577	2,67
12.561	Bagunça	PCOD	3-6	2.º	81	16,980	0,530	3,12

Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida. Jarinu, Est. de São Paulo. Controle em 15/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.084	Perola	PCOD	12-11	1.º	27	13,450	0,388	2,88
5.248	Diacui	PCOD	12-6	3.º	91	15,780	0,503	3,19
6.966	Santabri Rag Apple Ajax	PO	7-5	5.º	148	15,410	0,581	3,77
7.950	Primavera Caduca	PO	7-6	4.º	123	15,920	0,599	3,76
8.505	Espigas Monogram	PO	6-8	4.º	125	13,550	0,634	4,68
8.612	Camélia	PCOC	6-8	4.º	110	13,250	0,572	4,31
8.688	Espigas Cyn. P. Monogram	PO	6-10	7.º	196	13,390	0,401	3,00
9.430	Dora	PCOC	6-0	4.º	132	13,440	0,516	3,84

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO

LABORVIT
complemento polivitamínico

A — para Aves
B — para Bovinos
S — para Suínos

LABORSAL
complementos poliminerais

A — Aves
B — Bovinos - Equinos - Ovinos - Suínos
E — de engorda



Fazenda PRIMAVERA

Criação e seleção de gado
Holandês, preto e branco, puro
de origem e puro por cruz
de alta produção

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



PRIMAVERA CESAR — Campeão absoluto
na Exposição de Bogaça Paulista - 1957.



SAN MIGUEL 739 ELBITA 15 — Campeã
P.O.I. e 1.º prêmio na Exposição de Bra-
gança Paulista - 1959

AGRO-PECUÁRIA

PRIMAVERA LTDA.

JARINU - Est. de S. Paulo
Em S. Paulo:

RUA JOÃO BRICOLA, 39 - 2.º AND.

Fazenda São Bernardo

RESENDE — E.F.C.B.

Longevidade e produção



**Criação e seleção de gado
Holandês preto e branco e
Guernsey P.O. e P.C.**

**PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.**



BELA VISTA DUCHESS SENATOR BELA —
Holandesa preta e branca PO. Reg. HBB/B9
3224. Nasceu em 23-2-1949. Pai: Ravenglen
Senator Constante. Mãe: Duchess Ormsby Co-
lantha Bessie. Sua maior produção: 8a 10m
3x 365d 9.529,0 kg de leite e 322,4 kg de
gordura com 3,38% L.M. Detentora do Tra-
féu "Vaca de Ouro" com a seguinte produ-
ção somada: 2.506 dias 57.082,0 kg de lei-
te e 1.922,8 kg de gordura com 3,36%.
Quatro vezes inscrita no Livro de Escol. Re-
produtora Emérita.

**FAZENDA
SÃO BERNARDO**

Proprietários:

**LUIZ AMÉRICO M. BAR-
ROS E ALBERTO FERRAZ**

RESENDE — E.F.C.B.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção		
						Leite	Gorduras	%
10.145	Primavera Espoleta	PO	4-9	7.º	204	13,850	0,467	3,37
10.945	Fama	PCOC	3-8	3.º	78	14,120	0,570	4,04
12.349	Donzela	PCOC	6-4	4.º	128	14,000	0,516	3,65
12.491	Gazela	PCOC	3-7	3.º	66	13,320	0,449	3,37
12.555	Eletra	PCOC	5-6	2.º	55	18,130	0,598	3,30

Domingos Pereira Junqueira, Carmo de Minas. Est. de Minas Gerais. Controle em 20/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.458	S. Heleodora R. A. Adonis	PO	2-3	3.º	95	18,800	0,808	4,39
12.459	Despejota Sevilha	31/32	3-6	3.º	89	18,300	0,859	4,69
12.460	Dopejota Jardineira I	63/64	1-11	3.º	88	13,600	0,503	3,70
12.461	S. Farvest S. Carnation	PO	2-2	3.º	86	21,550	0,787	3,65
12.462	S. Howell S. Carnation	PO	2-2	3.º	56	13,160	0,507	3,85

D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 21/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.252	Copacabana Franca	PCOD	8-5	6.º	163	17,600	0,618	3,51
8.984	Sta. C. Cica Hoarne	PO	66-2	7.º	195	15,540	0,626	4,03
9.495	Copacabana Javanesa	PO	5-5	4.º	124	15,080	0,600	3,98
12.245	Copacabana Jaqueta	7/8	4-7	5.º	129	13,490	0,508	3,76
12.364	Copacabana Linda Luz	PCOC	4-4	4.º	94	13,800	0,593	4,30
12.497	Copacabana Não Me Toques	PCOC	2-6	3.º	76	16,370	0,639	3,90
12.568	Copacabana Magia Hoarne	PCOC	3-4	2.º	46	18,450	0,593	3,21
12.569	Copacabana Meta Hoarne	PO	3-2	2.º	36	14,120	0,560	3,96
12.570	Copacabana Melodiosa	PCOC	3-6	2.º	25	20,370	0,652	3,20
12.571	Copacabana Morena Hoarne	PO	2-10	2.º	30	14,010	0,496	3,54

Irmãos Vieira Barreto, Mocóca, Est. de São Paulo. Controle em 21/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.996	Holambra Griet X	PO	7-5	2.º	32	22,350	0,552	2,46
11.015	Mococa Coleira	PCOD	7-1	4.º	102	13,300	0,497	3,74
11.017	Guará Alsacia	PCOC	5-5	1.º	4	15,100	0,515	3,41
11.019	Alvorada	PCOC	3-1	5.º	112	16,700	0,600	3,59
12.263	Amaz. Mr. Ballarina	PCOD	2-7	5.º	120	15,500	0,586	3,78
12.383	Amaz. M. Actriz	PCOD	2-8	4.º	110	14,200	0,627	4,42
12.384	Amaz. M. Aldina	PCOD	2-8	4.º	108	13,600	0,578	4,25
12.468	Amaz. M. Artemis	PCOD	2-8	3.º	86	17,700	0,476	2,68
12.551	Guará Misteriosa	PCOC	9-0	2.º	55	21,750	0,500	2,30
12.663	Amaz. M. Animada	PCOD	2-11	1.º	21	18,050	0,632	3,50

Antônio Coelho Guimarães, Garatinguetá, Est. de S. Paulo. Controle em 20/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.459	Guará Magnífica	PCOC	-	4.º	-	21,050	0,770	3,65
10.057	Guará Abastada	PCOC	4-6	10.º	287	13,100	0,485	3,70
10.497	Guará Alhambra	PCOC	-	4.º	-	13,250	0,390	3,94
10.852	Guará Artista	PCOC	-	1.º	-	24,100	0,752	3,12
12.265	Guará Absoluta	PCOC	5-8	6.º	176	13,040	0,514	3,94
12.266	Guará Malazia	PCOC	6-6	6.º	179	15,450	0,610	3,94
12.642	Guará Canastra	PCOC	3-9	1.º	6	20,300	0,722	3,55
12.668	Guará Arlete	PCOC	-	1.º	-	14,400	0,490	3,40

Roberto Fóz, Itú Est. de São Paulo. Controle em 5/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.246	Amazonas Artista	PCOD	2-5	5.º	162	15,720	0,529	3,36
12.487	Amazonas M. Alegre	PCOD	2-9	3.º	64	22,000	0,766	3,47

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.
DEP. AGROPECUÁRIO



FORCING

FENOTOTAL

**Completo palivitamínico para
ração equina**

**No tratamento das parasitoses
intestinais por nematodes (verme
redondo)**

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Produção		
						Leite	Gorduras	%
12.625	Babilônia de Sta. Marta	PCOD	2-9	1.º	14	16,600	0,705	4,24
12.626	Paulista	7/8	8-5	1.º	16	28,980	0,708	2,44
12.627	America	PCOD	11-11	1.º	21	15,500	0,341	2,20

Fernando de Alencar Pinto S. A. Pindamonhangaba. Est. de São Paulo. Controle em 20/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.444	Holambra Vera VI	PO	4-9	2.º	46	17,370	0,547	3,14
11.067	Bermuda E. E. P. A. 980	PO	9-2	2.º	28	19,310	0,597	3,09
11.068	Candelaria	PO	7-9	4.º	91	16,670	0,631	3,79
11.352	Reintje 12	PO	11-8	1.º	4	16,150	0,608	3,76
11.907	Existência E. E. P. A. 1135	PO	5-11	9.º	257	14,860	0,566	3,81
12.669	Gramma E.E.P.A. 1267	PO	4-8	1.º	15	16,500	0,636	3,85

Sociedade Agrícola Fio de Ouro. Garça. Est. de São Paulo. Controle em 22/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.505	Olera Ormsby	PCOC	8-1	4.º	121	17,000	0,399	2,34
9.507	V. B. Etapa Cezar XXII	PCOC	12-8	5.º	128	13,450	0,470	3,50
9508	Marabá	PCOD	7-5	4.º	116	20,450	0,515	2,52
9.628	U. M. A. Roleta	PCOC	6-9	2.º	45	14,750	0,369	2,50
10.214	Anglo Fortuna	PO	6-5	2.º	45	14,350	0,445	3,10
12.556	Campinas	PCOD	9-3	2.º	55	15,900	0,450	2,83
12.671	Fio de Ouro Alva	PCOD	-	1.º	-	13,900	0,285	2,05

Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de Minas Gerais. Controle em 19/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

3.077	Clara Sylvia III	PO	12-8	8.º	204	23,880	0,835	3,50
8.114	Arlete Liberdade III	PO	6-10	3.º	96	30,620	1,050	3,43
8.397	Arlete Iukiko	PO	6-0	13.º	378	13,950	0,571	4,09
9.935	Arlete Colombia	PO	5-4	1.º	18	34,170	1,082	3,16
10.648	Arlete Vitoria 59	PO	4-4	3.º	91	28,700	0,959	3,34

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio. Itanhandú. Est. de Minas Gerais. Controle em 12/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas								
5.950	Jardim Leda	PO	8-6	5.º	128	20,500	0,778	3,79
6.029	Jardim Magaly	15/16	9-8	2.º	59	37,630	1,236	3,28
10.888	Jardim Angela	NR	3-11	4.º	122	19,170	0,843	4,40
12.397	Jardim Robusta	PC	4-0	4.º	101	22,630	0,875	3,87
12.398	Jardim Savana	NR	5-0	4.º	101	14,660	0,545	3,72
12.463	Jandira	PC	11-8	3.º	74	20,670	0,815	3,95
12.661	Jardim Reisa	PO	3-7	1.º	2	16,100	0,457	2,84
2 ordenhas								
6.400	Jardim Odete	PC	9-0	9.º	269	14,700	0,551	3,75
7.069	Jardim Narly	PC	10-3	7.º	173	15,600	0,627	4,02
12.156	Jardim Romula	NR	2-9	6.º	144	19,600	0,801	4,08
12.399	Jardim Rabona	PO	2-9	4.º	89	14,600	0,601	4,11
12.400	Jardim Robelia	31/32	3-3	4.º	113	23,350	0,867	3,71
12.464	Jardim Silvia	PC	2-5	3.º	76	18,500	0,652	3,52

João Arthur Ribas Viana. Cotia. Est. de São Paulo. Controle em 12/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.878	Tanga	PCOD	6-9	8.º	223	15,810	0,518	3,27
12.134	Corruira	PCOD	5-5	6.º	155	15,420	0,648	4,20
12.558	V. B. Dida Senado	PCOC	5-0	2.º	44	18,160	0,716	3,94

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO



DIBIOTYL
TETREX
MASTIGEX
Unguento intramamário

Contrôle perfeito das infecções
Antibiótico a base de fosfato complexo de Tetraciclina Penicilina G. Procaina e G. Potásica — Neomicina Estreptomicina



Fazenda Campo Lindo

Recordista Brasileira
de produção de
leite e gordura
com
JARDINEIRA II J.B.

Produções:
365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x



JARDINEIRINHA J. B. — Grande Campeã na VI Exposição-Feira de Gado Leiteiro de S. Paulo e Campeã da Raça Holandesa vermelha e branca na XI Exposição de Caxumbú. É filha de JARDINEIRA II J. B., que por sua vez é detentora do "Balde" e da "Batedeira de Ouro", sendo também recordista no S.C.L. como v.b. adulta em 2 ordenhas.



Conquistamos

o "Balde" e
a "Batedeira
de Ouro" com
Jardineira II
J. B.

150 anos de seleção
URBANO JUNQUEIRA
Criação de gado Holandês, preto branco e vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO

CRUZILIA

MINAS GERAIS

FAZENDA BRASÍLIA

SÃO PEDRO DOS FERROS

Minas Gerais

Seleção de Gir leiteiro

Registro Genealógico efetuado pela S.R.T.M.

Produção leiteira oficialmente controlada pela A.P.C.B.



TAINHA DE BRASILIA — recordista zebuína nacional, em controle leiteiro oficial, com 24,250 quilos de leite diários. Pesagem realizada pelo técnico da A.P.C.B. dr. Hamilton C. Machado da Silva.

RP FAZENDA BRASILIA

Rubens Resende Peres

SÃO PEDRO DOS FERROS

E.F.L. — Minas Gerais

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Fazenda São Bernardo, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 27/11/963. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.								
5.521	Beatriz	7/8	9-1	6.º	201	14,140	0,533	3,77
5.690	Botina das Ag. Negras	15/16	8-11	1.º	52	16,530	0,634	3,83
9.002	Cuba das Ag. Negras	PCOD	7-0	1.º	19	13,650	0,561	4,11
10.129	Abunã das Ag. Negras	PCOD	6-7	1.º	1	14,270	0,528	3,70
10.293	563 B. V. Cabana	PCOD	4-9	8.º	269	13,550	0,486	3,58

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês de Valença, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 18/11/963.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.730	F. S. M. Batauí	PO	2-2	3.º	68	13,800	0,469	3,39
5.438	F. S. M. Camias	PO	11-0	1.º	26	18,500	0,517	2,79
6.889	F. S. M. Eulina	PO	8-9	3.º	131	13,600	0,456	3,35
7.131	F. S. M. Fada	PO	8-9	1.º	28	18,600	0,448	2,40
8.325	F. S. M. Gabela	PO	7-0	3.º	100	16,000	0,515	3,21
8.645	F. S. M. Galileia	PO	7-2	3.º	63	15,400	0,421	2,73

Alabama S. A. Comercial Agrícola e Pecuária, São Carlos, Est. S. Paulo. Controle em 25/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

5.873	3 ordenhas Dengosa	PCOD	10-4	2.º	35	26,350	0,696	2,64
6.821	2 ordenhas. Antera	PCOD	9-7	1.º	190	13,680	0,422	3,08
10.605	Vitoria	3/4	12-0	4.º	115	13,370	0,477	3,57
11.008	Argentina	NR	-	2.º	40	17,530	0,649	3,70

Urbano Junqueira, Cruzília, Est. de Minas Gerais. Controle em 4/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.574	Marginal J. B.	NR	3-1	2.º	43	14,900	0,461	3,09
12.646	Olinda J. B.	NR	-	1.º	46	17,140	0,494	2,88

Dr. Arthur Monteiro, Neves, Souza, Est. de São Paulo. Controle em 8/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.590	Gruta	PCOD	2-10	3.º	77	14,210	0,438	3,08
9.005	Serena	NR	-	1.º	23	15,070	0,360	2,39
9.040	Floresta Ema	PCOD	9-4	4.º	114	13,960	0,433	3,10
10.132	Floresta Retinta	3/4	6-2	3.º	66	17,840	0,567	3,17

Jotamar Administração e Comércio S. A. Campinas, Est. de S. Paulo. Controle em 2/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.030	Onix Maringá	PO	8-6	1.º	18	20,840	0,706	3,39
9.143	Rubiacea	PCOD	8-5	1.º	26	24,620	0,787	3,20
9.571	B. V. Jantje 2295 8.ª Solid	PO	5-5	1.º	11	15,540	0,541	3,48
12.545	Risadinha Medalist C. A. B.	PCOC	2-3	2.º	53	17,710	0,664	3,75

Carlos Eduardo Baptistella, Tremembé, Est. de São Paulo. Controle em 22/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.433	Ana's Flora	PCOD	6-3	4.º	102	13,700	0,443	3,23
12.583	Graciosa E. E. P. A. 1255	PO	4-8	2.º	40	13,850	0,488	3,52
12.584	Garota Tereca	PCOD	7-9	2.º	50	14,150	0,628	4,43

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra, Mogi Mirim, Est. de S. Paulo. Controle em 22/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

12.651	Bea	7/8	3-8	1.º	56	16,100	0,524	3,25
12.652	Holambra Mathilda I	PO	3-4	1.º	8	14,960	0,522	3,49

Dr. Luiz Horacio de Mello e Tótila Jórdan, Sorocaba, Est. S. Paulo. Controle em 19/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.376	Auca Patricia Violeta	PO	6-2	4.º	103	13,930	0,454	3,26
12.378	Auca Verbena Violeta	PO	6-7	4.º	102	13,150	0,409	3,11

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Dr. Antônio Luiz do Rego Netto. Pirassununga. Est. de S. Paulo. Controle em 19/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.420	Sertão Etica	PO	-	5.º	—	15,710	0,625	3,97
9.653	Artista	7/8	5-9	7.º	198	14,370	0,576	4,00
Karl Walter Pfestorf. Pindamonhangaba. Est. de São Paulo. CoControle em 26/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.654	Bahia	PCOD	3-5	1.º	11	14,400	0,432	3,00
Dr. Gil Celidonio Gomes dos Reis. Louveira. Est. de São Paulo em 11/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.377	Noiva	7/8	11-4	1.º	1	15,260	0,469	3,07
Dr. José Pires Castanho Filho. Ibiuna. Est. de São Paulo. Controle em 14/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.562	Lamparina	PCOD	2-1	2.º	41	17,860	0,609	3,41
Sociedade Cooperativa de CASTROLANDA Ltda. Castro. Est. do Paraná. Controle em outubro de 1963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
10.773	Hol. Barca Antje 2	7/8	5-11	5.º	131	20,300	0,720	3,54
9.298	Cast. D. Grietje 3	PO	6-10	1.º	31	21,400	0,769	3,59
11.261	Cast. M. Jitske 12	PO	4-6	1.º	32	20,950	0,751	3,58
12.678	Cast. A. Bonte Ilse 2	PO	3-4	1.º	2	21,300	0,809	3,79
12.679	Hol. M. Bontje 27	—	4-3	1.º	25	18,800	0,752	4,00
10.819	Cast. M. Margriet 2	PO	4-8	4.º	100	19,700	0,669	3,39
11.263	Cast. M. Sara 24	PO	6-3	1.º	10	22,700	0,794	3,50
9.188	Hol. K. Cornelia	NR	6-6	2.º	77	19,400	0,659	3,39
9.845	Cast. B. Dora 4	PO	5-5	1.º	15	22,600	0,801	3,54
11.175	Cast. B. Mine 3	PO	4-1	3.º	68	18,100	0,640	3,53
6.682	Hol. L. Folkje 2	15/16	7-7	2.º	69	18,000	0,663	3,68
7.319	Cast. L. Aaltje 2	PO	7-2	2.º	34	22,800	0,774	3,39
9.279	Cast. L. Sletske 40	PO	5-6	2.º	33	22,200	0,799	3,59
9.721	Cast. L. Lemstra 2	PO	5-1	1.º	4	22,000	0,857	3,89
9.850	Cast. L. Romkje 8	PO	4-1	4.º	104	20,400	0,732	3,59
10.013	Hol. L. Marietje 3	15/16	4-5	2.º	49	21,200	0,889	4,19
11.658	Cast. L. Romkje 7	PO	2-10	2.º	54	22,400	0,818	3,65
12.352	Cast. L. Aaltje 7	PO	2-11	2.º	34	20,200	0,723	3,58
12.677	Hol. L. Jr. Jetske	NR	-	1.º	17	20,400	0,691	3,39
7.470	Cast. J. Jetje 2	PO	6-8	2.º	67	20,300	0,720	3,54
10.822	Cast. B. Sletske 6	PO	4-5	2.º	50	22,400	0,820	3,66
11.169	Cast. B. Aukje 13	PO	4-8	1.º	5	23,100	0,806	3,49
12.317	Cast. B. Margriet	PO	2-1	4.º	136	18,000	0,713	3,96
9.992	Cast. F. Roosje 4	PO	4-6	3.º	66	20,400	0,691	3,38
8.891	Cast. L. Dina	PO	6-8	1.º	3	24,100	0,851	3,53
11.257	Cast. L. Bontje 30	PO	3-6	1.º	8	18,000	0,691	3,84
11.258	Cast. L. Klarke 20	PO	3-9	1.º	32	20,100	0,713	3,54
10.344	Cast. M. Gelske 3	PO	5-3	1.º	8	21,000	0,755	3,59
10.371	Cast. M. Jitske 10	PO	7-1	2.º	39	24,700	0,777	3,14
11.262	Cast. M. Wibrig 6	PO	3-3	2.º	40	20,400	0,771	3,78
12.681	Hol. M. Johanna 45	—	5-2	1.º	1	22,250	0,755	3,39
7.890	Cast. B. A. Marijke 6	PO	6-6	2.º	32	20,000	0,727	3,63
10.584	Cast. B. Pel Jantje 27	PO	4-5	1.º	8	22,100	0,783	3,54
11.172	Cast. B. Wilmkje 23	PO	3-5	2.º	34	18,300	0,621	3,39
11.377	Cast. B. Wilhelmina 40	PO	3-3	1.º	1	18,000	0,628	3,49
12.684	Cast. B. A. Marijke 9	PO	2-5	1.º	2	18,500	0,682	3,68
9.716	Cast. S. Bontje 9	PO	4-3	1.º	26	23,700	0,814	3,43
8.957	Groenwold Maartje 12	PO	9-5	6.º	148	19,100	0,696	3,64
9.390	Cast. D. Maartje 13	PO	7-3	6.º	151	19,100	0,687	3,60
5.189	Juliana 25	PO	11-1	6.º	182	19,300	0,635	3,29
6.679	Cast. J. Nijlander 180	PO	7-10	4.º	125	23,700	0,851	3,59
9.240	Cast. J. Marie 30	PO	4-10	4.º	117	20,700	0,724	3,50
9.715	Cast. J. Dina 12	PO	5-2	5.º	149	21,400	0,714	3,34
12.529	Cast. J. Bunte Gastke 6	PO	4-3	2.º	54	21,950	0,758	3,45
5.772	Ietje 11	PO	11-0	5.º	137	20,500	0,695	3,39
5.932	Hol. K. Geesje 2	NR	8-5	1.º	12	18,300	0,658	3,59
6.309	Cast. K. Mina 37	PO	8-5	1.º	6	25,300	0,910	3,60
11.159	Cast. C. Romkje 6 (1)	PO	4-5	2.º	27	21,000	0,735	3,50
11.162	Cast. C. Tine 18	PO	6-5	2.º	29	21,000	0,766	3,65
8.572	Hol. F. Ria 5	NR	7-3	5.º	155	23,600	0,801	3,39
8.671	Cast. Vos Roosje 15	PO	6-3	3.º	72	24,700	0,887	3,59
7.082	Hol. C. Baarda 2	31/32	7-7	1.º	13	34,800	1,106	3,17
8.568	Hol. C. Baarda 1	15/16	7-4	1.º	2	26,800	0,947	3,53
8.674	Cast. C. Mina	PO	5-6	3.º	91	21,700	0,711	3,28

FEVEREIRO DE 1964

O bêrço da marca F

103 anos

de criação e seleção das raças Campolina, Mangalarga marchador e jumento Pêga



Sábio de Passa Tempo, chefe do plantel da raça Pêga na fazenda Campo Grande. Este jumento foi o Grande Campeão da raça em Belo Horizonte.



Turista de Passa Tempo, por Passa Tempo e Jóia de Passa Tempo. Reprodutor de alto gabarito, que mantém as tradições do plantel da raça na Fazenda Campo Grande, é um dos genearcas mais completos da atualidade.

Seleção e venda de reprodutores equinos, asininos, búfalos Jafarabadi, porcos Piau e bovinos das raças Holandesa e Guzerá.

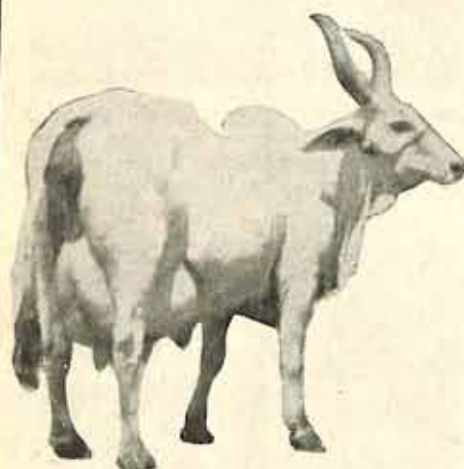
FAZENDA CAMPO GRANDE

Bolivar de Andrade e filhos
PASSA TEMPO — MINAS

GUZERÁ LEITEIRO JA

A mais antiga seleção do Brasil,
iniciada em 1895, com o objetivo
de produzir leite e gordura.

— • —
*Produção oficialmente
controlada pela A. P. C. B.*



MANAAR JA — vaca puro sangue Zebu
Guzerá. Chegou a produzir 18 kg de leite
com 9,5%!

A marca **JA** significa:

**PUREZA RACIAL — BOA
PRODUÇÃO DE LEITE
ALTO TEOR DE GORDURA**

FAZENDA ITAÓCA

**TEL. 10 — EST. BOA SORTE
MUN. DE CANTAGALO — EST. DO RIO**

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite Gorduras	
9.285	Cast. C. Sita	PO	5-3	5.º	154	19,700	0,667 3,31
9.558	Cast. C. Reny	PO	5-5	1.º	39	21,400	0,715 3,34
12.531	Cast. C. Paula	PO	2-3	2.º	59	21,200	0,782 3,35
11.137	Hol. Erica Sonja 4	NR	3-4	1.º	11	20,700	0,691 3,34
11.394	Hol. Erica Evelien	NR	3-10	2.º	47	18,400	0,754 4,39
5.402	Cast. V. Janke 54	PO	9-5	2.º	62	18,600	0,687 3,35
11.281	Hol. Tinus Jentje	NR	4-2	2.º	47	26,400	0,976 3,70
12.440	Fol. T. Lamy	NR	3-9	3.º	67	18,200	0,622 3,41
9.394	Cast. E. Tetje 02	PO	6-5	2.º	41	23,000	0,788 3,43
10.806	Hol. L. Lies	NR	3-5	3.º	95	22,400	0,569 2,54
10.808	Hol. L. Willy	NR	3-10	4.º	113	19,700	0,635 3,22
11.181	Cast. R. Romkje 5	PO	4-3	2.º	41	18,500	0,560 3,05
11.183	Hol. L. Ineke	NR	-	2.º	-	22,800	0,888 3,39
11.406	Hol. L. Fokje 2	NR	3-11	2.º	43	19,700	0,637 3,23
9.307	Hol. C. Bertha 1	15/16	5-5	2.º	45	19,600	0,704 3,35
11.153	Hol. C. Jantje	NR	4-3	1.º	1	20,000	0,678 3,30
11.388	Cast. J. Rooske 5	PO	3-1	1.º	8	22,700	0,769 3,33
10.764	Hol. Greida Wratje 5	15/16	4-10	1.º	1	25,450	0,862 3,33
10.816	Hol. Greida Vea 2	15/16	4-0	4.º	116	18,300	0,619 3,33
6.278	Geerje 35	PO	11-8	1.º	1	22,200	0,777 3,50
7.606	Cast. R. Geertje 382	PO	6-9	4.º	113	20,700	0,785 3,39
10.577	Hol. Dijk Eke 2	NR	6-6	4.º	96	18,900	0,837 4,43
10.700	Cast. D. Charlotte	PO	8-5	5.º	132	18,500	0,678 3,66
11.177	Cast. M. Heringa 33	PO	2-10	3.º	66	22,500	0,785 3,43

Clovis de Souza, Varginha, Est. de Minas Gerais. Controle em 27/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.682	C. S. Belita	31/32	2-4	1.º	6	14,030	0,381 2,71
--------	--------------	-------	-----	-----	---	--------	------------

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

Fernando José Santos, Santa Cruz do Rio Pardo, Est. de S. Paulo. Controle em
28/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.411	Leme's Flexa	PCOC	8-11	6.º	186	13,300	0,404 3,04
9.541	Leme's Esfera	PCOC	9-11	3.º	70	16,700	0,451 2,70
10.138	Leme's Judia	PCOC	5-3	1.º	20	16,200	0,652 4,02
10.141	Leme's Helice	PCOC	7-5	5.º	126	13,000	0,515 3,96
10.679	F. S. Açai	PCOC	4-5	1.º	42	14,250	0,526 3,69
10.708	Argentina	NR	-	4.º	111	14,550	0,467 3,21
10.738	Antartica	PCOD	6-8	3.º	70	14,500	0,510 3,52
10.848	Leme's Gabby	PO	8-0	1.º	30	14,400	0,711 4,93
10.849	F. S. Fazendinha	3/4	5-2	3.º	86	13,300	0,456 3,43
10.740	Balalaika	PCOD	6-9	2.º	54	19,650	0,680 3,45
10.850	F. S. Altaneira	PCOD	7-11	2.º	36	15,800	0,479 3,03
10.851	Alegria	NR	-	3.º	69	17,100	0,511 2,98
11.838	Kaçula	PCOD	7-1	9.º	262	13,350	0,535 4,01
12.298	Muquem Canaan	63/64	8-6	5.º	182	13,800	0,498 3,61
12.664	Santa Cruz Sabará	PCOD	4-7	2.º	54	16,900	0,532 3,14
12.665	Santa Cruz Amora	PCOD	6-9	1.º	26	21,300	0,642 3,01
12.666	Cjibata	NR	-	1.º	28	21,500	0,858 3,99
12.667	Harmonia	NR	-	1.º	29	14,200	0,797 5,61

Antônio Josino Meirelles, Batatais, Est. de São Paulo. Controle em 15/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.797	Diva	PCOD	7-10	5.º	119	20,500	0,738 3,60
10.798	Jardineirinha	PCOD	6-8	5.º	124	15,800	0,447 2,82
10.800	Mineira	PCOD	8-2	4.º	98	21,750	0,731 3,38
10.802	Ministra	PCOD	7-5	4.º	86	18,770	0,750 4,00
11.550	Danela	PCOD	-	1.º	-	20,800	0,749 3,60
11.572	Rossana	PCOD	2-5	11.º	334	13,050	0,652 4,99
11.573	Baca	PCOD	2-3	11.º	297	15,600	0,472 3,03
12.004	Boemia	PCOC	7-9	9.º	261	16,350	0,482 2,94
12.603	Yete	PCOD	3-7	4.º	138	15,200	0,505 3,32
12.604	Baia das Américas	PCOC	3-2	4.º	136	16,650	0,558 3,35
12.605	Palmeira	PCOD	4-7	4.º	115	18,600	0,640 4,24
12.606	Ballarina	-	-	3.º	-	19,700	0,580 2,94

Antônio Josino Meirelles, Batatais, Est. de São Paulo. Controle em 22/11/963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO.

10.797	Diva	PCOD	7-10	6.º	126	18,700	0,599 3,20
10.798	Jardineirinha	PCOD	6-8	6.º	131	13,510	0,390 2,89
10.800	Mineira	PCOD	8-2	5.º	105	19,060	0,660 3,46
10.802	Ministra	PCOD	7-5	5.º	93	15,400	0,558 3,62

REVISTA DOS CRIADORES

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
11.550	Danela	PCOD	-	2.º	—	19,850	0,558	2,81
11.573	Baca	PCOD	2-3	12.º	304	13,750	0,434	3,16
12.004	Boemia	PCOC	7-9	10.º	268	15,690	0,525	3,34
12.603	Yete	PCOD	3-7	5.º	145	13,660	0,490	3,59
12.604	Baia das Américas	PCOC	3-2	5.º	143	14,590	0,492	3,37
12.605	Palmeira	PCOD	4-7	5.º	122	15,750	0,556	3,53
12.606	Bailarina	—	-	4.º	—	17,910	0,478	2,67

Carlos Whately, Bernardino de Campos, Est. de S. Paulo, Controle em 25/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.157	Curiosa	NR	-	4.º	111	14,600	0,457	3,13
8.468	Gaby	PCOC	6-7	3.º	79	13,700	0,600	4,38
9.701	Sta. Cecilia Ingrid	PCOC	4-5	6.º	161	13,100	0,535	4,08
11.093	Sta. Cecilia Ivete	PO	4-1	2.º	57	13,500	0,502	3,72

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho, Vinhedo, Est. de São Paulo, Controle em 4/11/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.879	Marambaia Baiana Alexina	PCOC	10-10	10.º	294	15,040	0,561	3,73
5.791	Marambaia Boemia	7/8	10-10	4.º	190	13,770	0,567	4,11
6.469	Mar. Boneca Alexina	7/8	11-4	3.º	67	17,160	0,593	3,46
6.619	Mar. Delicia Teiana	7/8	8-11	5.º	130	16,680	0,570	3,41
7.060	Mar. Castanha Alexina	PCOC	9-11	7.º	214	13,390	0,548	4,09
7.414	Mar. Fantasia A. Teiana	PCOC	7-6	2.º	51	18,210	0,574	2,15
7.892	Mar. Filadelfia Teiana	PO	7-3	2.º	32	18,680	0,623	3,33
8.072	Mar. Ely Teiana	7/8	7-11	5.º	156	14,250	0,582	4,08
8.204	Mar. Fortuna A. Teiana	PCOC	6-10	7.º	203	15,250	0,609	3,99
8.207	Marambaia Genovesa	PO	6-3	5.º	139	13,180	0,529	4,01
8.299	Mar. Garota Teiana	PCOC	6-3	4.º	117	19,140	0,648	3,39
8.369	Mar. Divina II Alexina	PCOC	9-4	1.º	5	15,840	0,375	2,36
8.539	Mar. Granfina Teiana	PO	6-7	3.º	73	15,490	0,597	3,85
9.483	Mar. Indaiá T. Diamantina	PCOC	5-9	1.º	12	16,960	0,580	3,41
9.484	Mar. Izabela Teiana	PCOC	5-7	2.º	53	13,460	0,485	3,60
9.566	Mar. Itapoan A. Diamantina	PCOC	5-7	3.º	92	15,300	0,499	3,26
9.567	Mar. Joana Heiniana	PCOC	4-4	1.º	16	14,690	0,524	3,56
9.781	Mar. Gilda T. Colorado	PCOC	6-9	1.º	1	18,960	0,663	3,50
10.756	Mar. Josefina Diamantina	PO	3-10	5.º	156	17,230	0,685	3,98
10.904	Mar. Julieta T. Heiniana	PO	4-0	3.º	75	15,090	0,674	4,46
10.991	Mar. Iracema Heiniana	PO	5-1	1.º	26	15,680	0,568	3,63
12.155	Mar. Lotus Alex Gerente	PCOC	3-2	6.º	169	13,360	0,549	4,11
12.615	Mar. Judith T. Heiniana	PCOC	4-3	1.º	22	18,010	0,591	3,28

Urbano Junqueira, Cruzília, Est. de Minas Gerais, Controle em 4/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.588	Patativa J. B.	NR	-	1.º	34	14,980	0,426	2,85
-------	----------------	----	---	-----	----	--------	-------	------

Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida, São Manoel, Est. São Paulo, Controle em 22/11/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.118	Europa	PCOD	8-1	6.º	158	15,530	0,485	3,12
12.382	S. M. Paraíso Bacana	PCOD	6-11	4.º	87	16,340	0,524	3,20

Dr. José Pires Castanho Filho, Ibiuna, Est. de São Paulo, Controle em 14/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

11.942	3 ordenhas Muquem Sevilha	PCOC	5-4	8.º	236	15,300	0,537	3,51
12.369	2 ordenhas Muquem Malba	PCOC	6-2	4.º	104	20,420	0,671	3,28
12.370	Malandra	PCOC	2-3	4.º	106	13,400	0,482	3,60
12.492	Muquem Lapidada	PCOC	5-8	3.º	68	16,090	0,552	3,43
12.493	Muquem Gazela	PCOC	6-2	3.º	73	21,530	0,891	4,14

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo, São José dos Campos, Est. de São Paulo, Controle em 18/11/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.963	Klaske 5	PO	8-5	4.º	85	14,700	0,525	3,57
7.516	Geertje 7	PO	7-10	1.º	7	16,000	0,520	3,25
7.570	Alteza do Rio Vermelho	PO	7-7	1.º	3	17,700	0,606	3,42
8.478	Anna 3	PO	7-3	4.º	112	13,460	0,509	3,78
10.051	R. V. Camelia Aukeana	PO	5-7	1.º	5	19,150	0,615	3,21

Diagnóstico precoce de prenhez das vacas

DR. J. L. SALLES GOMES
Médico-veterinário das Fazendas da
Comp. Swift do Brasil S.A. e King
Ranch do Brasil S.A.

Dado o valor econômico crescente do gado bovino, aliado ao esclarecimento cada vez maior de nosso criador, dá-se hoje merecida importância ao aprimoramento dos rebanhos nacionais.

Um dos pontos de real valor para o criador, é saber ao mais cedo possível quais as vacas prenhes e quais as "vazias".

Quais as vantagens do conhecimento prematuro de tal fato?

1) Possibilidade de enviar para o abate fêmeas idosas ou inférteis, com muitos meses de antecendência, ganhando consequentemente lugar para animais produtivos.

2) Diminuir o número de touros na vacada.

3) Pode-se ainda separar: vacas de prenhez adiantada, de prenhez média, e pouco adiantadas, facilitando, assim, a fiscalização na parição.

Dentre os métodos conhecidos para diagnosticar precocemente prenhez em vacas, o mais prático, seguro, econômico é indubitavelmente a palpação retal.

É prático — não exige aparelhamento ou qualquer espécie de instrumento; apenas água e sabão.

É seguro — não existe possibilidade de erro. Pode haver distração do operador ou descuido na identificação.

É econômico — somente a remuneração do profissional.

É rápido — pode-se palpar, dependendo das instalações e equipe de peões práticos, até 800 rezes por dia, considerando naturalmente a prática do operador.

Para facilidade de serviço, é interessante que se estabeleçam normas de criação, que irão ao encontro de interesses do criador. Deve-se limitar o período de parições durante a época menos chuvosa do ano, colocando-se os touros em serviço em Junho, e retirando-os em Fevereiro. Além da melhor saúde dos produtos nascidos durante as estações menos chuvosas, os touros descansam durante três meses e pode-se ter certeza da data das últimas coberturas.

Este fato facilita o serviço de palpação, como dissemos de início, porque o diagnóstico é feito após 40 a 45 dias de prenhez.

Tivemos oportunidade de conhecer o Dr. Ronald K. Crosby, o veterinário argentino, com quem trabalhamos em milhares de palpações, e que, em nossa opinião é o maior palpador do mundo, tendo em sua vida profissional palpado mais de 200 mil vacas em todo o mundo.

Esperamos que a divulgação de tais fatos, que já são do conhecimento de muitos, possa ajudar a nossa economia rural.

Uma fundação científica para amparar a criação

Acentua-se a qualidade do gado anualmente exibido nas exposições de animais do Rio Grande do Sul. Agora mesmo na Exposição Internacional de Montevideu, os produtos gaúchos obtiveram posições de alto relevo, alcançando a colocação máxima em várias raças.

O relatório encaminhado à Confederação Rural Brasileira pela FARSUL, focalizando as atividades pecuárias no Rio Grande do Sul e os resultados obtidos na XXVI Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados, diz que «a aquisição de reprodutores da mais alta qualidade, a crescente melhora das pastagens nativas e a introdução de novas, o aprimoramento da técnica, a assistência sanitária aos rebanhos e a sua constante seleção vêm modificando para melhor a pecuária no Rio Grande do Sul.

«Notável tem sido também o esforço da chamada Região Colonial, onde, a par de crescente e variada produção agrícola, avulta a criação de suínos, tão maltratada pela falta de assistência oficial, principalmente por parte do Governo Federal, e, muitas vezes, asfixiada por tabelamentos injustos ou pela precariedade dos preços.

PRODUTIVIDADE

«Apesar desse constante progresso, muito resta ainda a fazer — assinala o relatório. — A quantidade de gado bovino, ovino e suíno é praticamente a mesma, há vários decênios e em algumas espécies até diminuiu; os desfrutes anuais são também praticamente os mesmos e a mortalidade dos gados não baixou. Gastam-se, anualmente, quantias fabulosas dentro e fora do País, para adquirir reprodutores de alta linhagem. Entretanto, essa boa qualidade, que é um dos fatores da precocidade dos novilhos de abate ainda não permitiu que o Rio Grande baixasse a média da idade dos mesmos, e são raros aqueles que abatem novilhos com menos de quatro anos de idade. Urge, pois, que se cuide, ao mais cedo possível, da alimentação dos nossos gados, seja melhorando as pastagens nativas, seja introduzindo novas, quando a técnica o aconselhar.

UM NOVO ORGANISMO

«Os agricultores podem criar elementos de defesa para a criação de gado. A Federação Rural, que não é somente uma sociedade de fazendeiros ricos, mas congrega todos os homens que trabalham a terra; a Federação Rural, que não é um núcleo de latifundiários, como apregoa a demagogia esquerdista, mas uma entidade de homens decididos a trabalhar pelo Brasil, vai promover a criação de uma Fundação, destinada à pesquisa científica, à formação de técnicos de grau médio e à assistência em todos os setores

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Cia. Agrícola Contendas. Taquaritinga. Est. de São Paulo. Controle em 15/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.045	Maroni Nogal	PO	2-6	9.º	199	13,100	0,474	3,62
12.499	Remi Nogal	PO	3-9	3.º	85	24,500	0,744	3,03
12.557	Uberaba	PCOD	5-2	2.º	47	23,400	0,723	3,09

Dr. Eduardo Simonsen. Bragança. Est. de São Paulo. Controle em 19/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.247	Muquem Gitana II	PCOC	11-0	3.º	127	14,040	0,459	3,27
8.389	Mudança	PCOD	11-0	3.º	85	21,730	0,863	3,97
12.037	Holambra Marie V	PO	9-0	7.º	193	16,600	0,624	3,75
12.038	Holambra Ana V	PO	2-4	7.º	237	13,080	0,444	3,40
12.479	Muquem Brasília	PCOC	6-8	3.º	72	17,480	0,668	3,83

Dr. José Procópio do Amaral. São João da Boa Vista. Est. S. Paulo. Controle em 22/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.637	Ituana de São Geraldo	PCOC	4-11	1.º	45	15,500	0,578	3,73
12.638	Garôa de São Geraldo	PCOC	6-0	1.º	7	13,660	0,458	3,35
12.640	Amaral Legitima	PO	3-10	1.º	19	14,420	0,492	3,41
12.641	Gondola de São Geraldo	PCOC	6-10	1.º	5	17,400	0,631	3,62

Adrianus Sleutjes. Castro. Est. do Paraná. Controle em 15/10/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.401	Castro Therezinha	PO	8-11	7.º	216	8,500	0,326	3,84
5.672	Castro Aafje 3	PO	9-10	5.º	137	14,900	0,608	4,08
5.943	Castro Aafje 4	PO	8-4	1.º	20	23,900	0,763	3,19
6.640	Lena 2 de Carambei	PO	8-6	9.º	273	6,200	0,253	4,09
6.807	Castro Paula XI	PO	7-8	1.º	30	24,700	0,839	3,39
7.440	Castro Roosje	PO	6-5	7.º	196	17,200	0,598	3,48
9.396	Castro Margriet's 4	PO	4-3	10.º	299	9,800	0,334	3,41
9.840	Castro Paula XIII	PO	4-1	5.º	136	17,200	0,584	3,39
10.477	Holambra Truusje III	PO	6-4	8.º	217	7,050	0,273	3,88
10.493	Castro Lena VII	PO	3-6	8.º	214	9,300	0,355	3,82
11.564	Holambra Clementina X	PO	4-2	10.º	283	9,150	0,337	3,69

RAÇA JERSEY

Dr. João Laraya. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 12/11/963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.625	Dengosa	PO	8-10	3.º	97	10,600	0,527	4,97
5.765	Duqueza B. Sta. Hilda	PO	8-10	2.º	54	11,650	0,504	4,32
6.496	Elite de Sta. Hilda	PCOD	8-3	1.º	18	16,250	0,590	3,63
6.595	Esponja B. de Sta. Hilda	PO	8-4	5.º	128	10,970	0,423	3,86
6.596	Dora 19	PO	7-10	4.º	120	10,100	0,474	4,69
6.597	Dora 587	PO	8-0	2.º	52	10,850	0,504	4,64
6.932	Fagulha B. de Sta. Hilda	PO	7-2	3.º	90	12,970	0,565	4,35
7.193	Sissi L 180-35	PO	7-11	2.º	58	10,680	0,563	5,27
7.858	Faisca B. de Sta. Hilda	PO	-	2.º	-	14,900	0,641	4,30
9.256	Huri Tupã do Banharão	PO	5-5	3.º	90	10,430	0,628	6,02
9.798	Imaculada B. de Canela	PO	4-4	1.º	21	15,000	0,619	4,13
10.147	Imbuia B. de Sta. Hilda	PO	4-3	1.º	7	11,450	0,497	4,34
10.515	Hora B. de Sta. Hilda	PO	4-11	5.º	142	10,030	0,397	3,95
11.337	Jaca Basil de Canela	PO	3-9	1.º	4	13,270	0,573	4,32
11.341	Jaboticaba B. de Sta. Hilda	PO	3-9	1.º	12	14,600	0,626	4,29
12.044	Jaci	PO	-	7.º	197	10,440	0,445	4,26
12.629	Star's Jewel Estrelinha	PO	-	1.º	4	14,950	0,658	4,40

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de São Paulo. Controle em 5/11/963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.624	Maria Basil de Canela	PO	11-10	2.º	43	15,260	0,549	3,60
2.625	Sant'Ana Ita Patton	PO	12-1	2.º	31	12,500	0,654	5,23
4.692	Sant'Ana Bar. Patrician	PO	-	7.º	180	10,700	0,488	4,56
5.469	S. A. Princeza Paxford	PO	9-6	3.º	72	12,850	0,548	4,26
5.896	S. A. Cecilia Boihayes	PO	8-6	2.º	42	15,430	0,589	3,82
6.060	S. A. Regia Records	PO	7-9	6.º	162	10,960	0,502	4,58
6.188	S. A. Granada Patrician	PO	7-9	7.º	186	10,800	0,374	3,46
6.189	S. A. Caneta Records	PO	8-2	2.º	72	14,000	0,689	4,92
6.419	S. A. Realeza Patrician	PO	7-7	6.º	175	11,510	0,512	4,44
7.390	S. A. Raquel 2.ª Zanalua	PO	7-0	1.º	4	20,760	0,816	3,93
7.549	S. A. Camponeza Paxford	PO	6-11	3.º	69	10,130	0,490	4,83
7.597	S. A. Nilza Zanalua	PO	7-0	1.º	12	17,850	0,836	4,68

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção		
						Leite	Gorduras	%
7.704	Nora 2ª Zanalua	PO	6-2	6.º	158	10.290	0.521	5,06
7.709	Itaevaté Ima Sumac Royal	PO	6-10	3.º	86	11.460	0.417	3,64
8.283	S. A. Ivete Midshipman	PO	6-0	3.º	69	11.560	0.471	4,07
8.406	S. A. Nilza 2ª Paxford	PO	4-8	2.º	66	14.100	0.559	3,95
8.821	S. A. Marusca Patrician	PO	5-8	1.º	25	14.000	0.544	3,88
8.823	S. A. Catita 2ª Zanalua	PO	5-8	1.º	7	16.060	0.583	3,63
9.360	S. A. Nora 3ª K. Count	PO	4-4	4.º	112	11.000	0.571	5,19
9.361	S. A. Grinalda 4ª Records	PO	4-6	6.º	155	11.120	0.536	4,82
9.406	S. A. Nilza 2ª Paxford	PO	4-8	1.º	27	13.990	0.612	4,37
9.480	Primeira Comary	PO	7-10	4.º	119	11.900	0.703	5,91
9.529	S. A. Geraldina 3ª Zanalua	PO	5-5	2.º	52	12.760	0.605	4,74
9.618	S. A. Esperança 4ª Records	PO	4-7	2.º	41	14.040	0.625	4,45
9.645	Lobelia Comary	PO	11-8	3.º	86	10.610	0.662	6,24
9.805	S. A. Cantareira Records	PO	4-6	3.º	57	11.400	0.582	5,11
10.889	S. A. Bacana 2ª K. Count	PO	3-9	3.º	116	11.730	0.495	4,22
10.919	Quermesse Basil de Canela	PO	7-9	2.º	46	15.740	0.631	4,01
11.013	Pomposa Basil de Canela	PO	9-3	2.º	31	11.990	0.578	4,82
12.472	S. A. Havaiana Paxford	PO	4-2	3.º	69	13.900	0.428	3,08
12.579	S. A. Preferida K. Count	PO	3-4	2.º	46	11.790	0.603	5,11
12.624	S. A. Manaiba Oceano	PO	2-7	1.º	9	10.000	0.280	2,80

Ministério da Agricultura, Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Marquês de Valença, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 18/11/1963.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

9.099 F. S. M. Graça PCOC 7-4 3.º 122 10.700 0,417 3,89

Dr. José de Moraes Altenfelder Silva, São José dos Campos, Est. de S. Paulo.
Controle em 4/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.010	Jaca Fanfarra Xenofonte	PO	3-5	4.º	106	10.500	0.497	4,73
11.615	Sulina Comary	PO	5-4	1.º	12	11.020	0.499	4,53
12.281	Paciência Comary	PO	8-3	4.º	108	11.680	0.502	4,30
12.432	S. A. Rainha Jaca Records	—	—	3.º	—	11.530	0.515	4,46

Dr. José de Moraes Altenfelder Silva, São José dos Campos, Est. de S. Paulo.
Controle em 30/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.361	Uiara Comary	PO	3-6	1.º	3	13.330	0.619	4,64
11.615	Sulina Comary	PO	5-4	2.º	38	11.520	0.543	4,71
12.281	Paciência Comary	PO	8-3	5.º	134	11.420	0.485	4,25
12.432	S. A. Rainha Jaca Records	—	—	4.º	—	12.150	0.526	4,33

RAÇA SCHWYZ

D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos, Est. de São Paulo, Controle em 21/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.376	Richland Celia G. B.	PO	9-11	4.º	102	17.800	0.617	3,76
6.589	Formosa	PO	8-5	7.º	188	17.810	0.753	4,23
8.067	Batalha	PCOC	9-2	8.º	220	18.250	0.748	4,10
8.893	Cascata	PCOC	7-11	4.º	104	20.090	0.871	4,33
9.292	Jurema	PO	6-11	5.º	138	17.930	0.683	3,81
9.293	Sabará	PCOC	8-6	7.º	186	15.030	0.613	4,07
9.498	Ubatuba	PO	6-9	6.º	158	18.490	0.769	4,15
9.636	Maracanã	PCOC	7-7	6.º	151	18.100	0.856	4,73
9.946	Condenada	PCOC	6-3	3.º	91	18.430	0.728	3,95
12.494	Ingleza	PCOC	7-6	3.º	71	16.650	0.724	4,35
12.495	Camara da Cachoeira	PCOC	3-7	3.º	78	17.700	0.724	4,09

Dr. Antônio Luiz Ferraz, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 18/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.094	Alba do Haras	PO	7-6	3.º	71	16.850	0.604	3,59
8.526	Montanha	PCOC	9-0	3.º	156	20.380	0.789	3,87
8.616	Arigideen Julie	PO	10-3	1.º	30	15.890	0.531	3,34

Adalpra S. A. Agrícola e Comercial, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 28/11/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.389	Jardim Gracinha	PO	11-4	4.º	103	13.370	0.443	3,31
12.672	Candida	PCOD	8-4	1.º	14	13.680	0.483	3,53

da criação, tanto na zona pastoril como na colonial.

«Essa Fundação será administrada e mantida com recursos fornecidos pelos próprios ruralistas. Será uma edificante manifestação do espírito de associativismo dos homens do campo e uma demonstração do que a iniciativa privada é capaz de fazer, quando bem orientada no sentido do progresso e do bem comum.

«Nos dias tormentosos e incertos que estamos vivendo os homens do campo respondem às agressões da demagogia demolidora, unindo-se em torno de suas entidades de classe, prestigiando-as e fortalecendo-as. As Associações Rurais, as entidades especializadas, as cooperativas de produção sentem seus quadros sociais crescer, facultando-lhes recursos para melhor atingirem seus objetivos. Mas não basta. Muito mais é preciso realizar nesse terreno» — conclui o relatório da FARSUL.

Podar arvores frutíferas não é segrêdo

«Podar não é uma prática que se aprenda sem estudo e, principalmente, sem exercício, mas também não é nenhuma Teoria da Relatividade. O bom senso, uma orientação segura e a prática, tornam qualquer cidadão um podador eficiente» — diz J. S. Inglez de Souza, no seu livro que acaba de ser lançado pelas Edições Melhoramentos:

«PODA DAS PLANTAS FRUTÍFERAS».

De fato, a poda não é bicho-de-sete-cabeças; mas há princípios fundamentais que devem ser obedecidos. Por isso mesmo J. S. Inglez de Souza, depois de examinar a importância da poda em geral, estuda cada caso, mostrando as operações, os instrumentos e as épocas em que deve ser realizada a poda das árvores frutíferas mais comuns: abacateiro, ameixeira, amoreira, bananeira, caqui-zeiro, citros, figueira, golabeira, macieira, pereira, mamoeiro, mangueira, nespereira, nogueira, oliveira, pessegueiro e videira.

O autor explica a matéria com clareza, sem abusar da terminologia especializada. Reproduções fotográficas e desenhos oferecem exemplos dos numerosos tipos de podas, tornando mais atraente a leitura das 192 páginas do volume.

O livro pertence à coleção «Criação e Lavoura» das Edições Melhoramento, a qual apresenta outras obras com ensinamentos necessários à vida rural, tais como: «Manual Prático do Enxertador», de Heltor Pinto César; «Nossa Horta», de Hans Loewenthal; e «Manual Prático do Lavrador», de Carlos Borges Schmidt.

Também em crise a agropecuária baiana

Também a Bahia está sofrendo as consequências de longa estiagem sobretudo na sua região nordestina, com graves reflexos para a economia do Estado. A principal riqueza agrícola baiana — o cacau — foi muito atingida. As colheitas ficarão reduzidas, mesmo em relação ao últimos anos. E a última safra de cereais já foi pequena. Quanto ao novo plantio não está oferecendo melhores perspectivas, inclusive devido à carência de sementes.

Os agricultores baianos sentem a falta de crédito, principalmente o pequeno e médio produtor, a despeito das providências do Banco do Brasil e do governo estadual.

Presentemente, a cultura do sisal é a que desperta maior interesse, em virtude das facilidades de financiamento anunciadas pelo Banco do Brasil. E a Bahia tem, de fato, grandes possibilidades nesse setor. Todavia, esse estímulo ao sisal trouxe certo desinteresse pela produção de gêneros alimentícios, de que tanto necessita a população do Estado. Em consequência, o custo de vida cresce exagerada e perigosamente.

Quanto à pecuária, a situação é também de crise, pois as pastagens estão praticamente destruídas e o tabelamento da carne é anti-econômico. Um dos grandes frigoríficos de Salvador já pediu concordata e o frigorífico do Estado vive em regime de auto «deficit». Em relação ao leite, praticamente não há tabelamento e, por isso, ainda aparece. Paga-se, ali, cerca de 140 cruzeiros o litro — concluiu o sr. Walke Araújo, presidente da Federação Rural da Bahia, que forneceu as presentes informações à Confederação Rural Brasileira.

XXII EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE SERGIPE



"Stand" da Associação Paulista dos Criadores de Bovinos e da "Revista dos Criadores" na XXII Exposição Agro-Pecuária de Sergipe, realizada no Parque João Cleofas, em Aracaju, de 25-11 a 2-12-63.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Fazenda Sta. Francisca do Comandocaia, Jaguariuna, Est. de S. Paulo. Controle em 8/11/1963.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
7.378	Wingood Lake Barila	PO	9-1	2.º	91	13,910	0,450	3,24
10.987	Atrevida de Ressaca	PO	6-8	3.º	87	13,960	0,505	3,62

Fazenda São Bernardo, Resende, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 27/11/1963. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

2.820	Ritinta	7/8	13-9	2.º	72	19,890	0,629	3,16
-------	---------	-----	------	-----	----	--------	-------	------

Silvio Lara Campos, Sorocaba, Est. de São Paulo, Controle em 14/11/1963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.616	Miçanga	PO	5-10	1.º	8	13,600	0,512	3,77
--------	---------	----	------	-----	---	--------	-------	------

RAÇA GUERNSEY

Fazenda São Bernardo, Resende, Est. do Rio de Janeiro. Controle em 27/11/1963. Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

10.227	Serra Negra	NR	-	6.º	200	10,650	0,433	4,07
--------	-------------	----	---	-----	-----	--------	-------	------

RAÇA GIR

Rubens Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 25/10/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.853	Babalú de Brasília	RE	-	2.º	33	14,300	0,555	3,88
11.862	Vinagreira de Brasília	RE	9-8	9.º	260	8,700	0,379	4,36
11.977	Alegria de Brasília	RE	9-0	7.º	196	11,100	0,600	5,40
12.249	Bulgaria	RE	-	5.º	126	10,950	0,564	5,15
12.250	Canela de Brasília	RE	-	5.º	118	11,300	0,520	4,60
12.251	Noronha de Brasília	RE	-	5.º	116	11,750	0,625	5,32
12.306	Troia de Brasília	RE	6-11	4.º	100	11,400	0,518	4,54
12.307	Gaiivota de Brasília	RE	10-0	4.º	96	10,850	0,577	5,32
12.427	Salomé de Brasília	RE	-	4.º	88	12,600	0,487	3,87
12.428	Salangoa de Brasília	RE	-	4.º	112	11,900	0,625	5,25
12.429	Ancora	RE	-	4.º	90	8,850	0,470	5,31
12.430	Japonesa de Brasília	RE	11-0	3.º	78	12,650	0,656	5,19
12.431	Curitiba de Brasília	RE	-	3.º	72	11,850	0,428	3,61
12.506	Maconha de Brasília	RE	-	2.º	60	17,300	0,952	5,50
12.507	Platina de Brasília	RE	6-0	2.º	49	11,500	0,537	4,67
12.508	Sibonei de Brasília	RE	-	2.º	87	12,900	0,554	4,29
12.509	Donzela de Brasília	RE	-	2.º	81	12,290	0,488	4,00
12.510	Laika de Brasília	RE	-	2.º	46	12,400	0,464	3,74
12.610	Apucarana de Brasília	RE	-	1.º	18	16,350	0,735	4,49
12.611	Sugestiva de Brasília	RE	-	1.º	13	15,100	0,789	5,22
12.612	Namorada de Brasília	RE	8-0	1.º	10	13,400	0,630	4,70
12.613	Javanesa de Brasília	RE	9-0	1.º	6	15,600	0,830	5,32
12.614	Jaguara de Brasília	RE	6-4	1.º	1	14,500	0,692	4,77

Rubens Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais. Controle em 27/11/1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.853	Babalú de Brasília	RE	-	3.º	66	13,900	0,700	5,03
11.854	Tainha de Brasília	RE	8-5	1.º	14	22,400	1,025	4,57
11.862	Vinagreira de Brasília	RE	9-8	10.º	293	8,500	0,416	4,89
11.977	Alegria de Brasília	RE	9-0	8.º	229	10,850	0,574	5,29
12.249	Bulgaria	RE	-	6.º	159	10,750	0,588	5,47
12.250	Canela de Brasília	RE	-	6.º	151	9,350	0,598	6,39
12.251	Noronha de Brasília	RE	-	6.º	149	9,250	0,525	5,67
12.306	Troia de Brasília	RE	6-11	5.º	133	8,350	0,479	5,74
12.427	Salomé de Brasília	RE	-	5.º	121	12,950	0,611	4,72
12.430	Japonesa de Brasília	RE	11-0	4.º	111	13,250	0,760	5,28
12.431	Curitiba de Brasília	RE	-	4.º	105	9,400	0,616	6,56
12.506	Maconha de Brasília	RE	-	3.º	93	17,100	0,945	5,53
12.507	Platina de Brasília	RE	6-0	3.º	82	12,300	0,559	4,54
12.508	Sibonei de Brasília	RE	-	3.º	120	11,350	0,696	6,13
12.509	Donzela de Brasília	RE	-	3.º	114	9,600	0,494	5,14
12.510	Laika de Brasília	RE	-	3.º	79	11,050	0,478	4,33
12.610	Apucarana de Brasília	RE	-	2.º	51	14,500	0,565	3,89
12.611	Sugestiva de Brasília	RE	-	2.º	46	11,650	0,617	5,30
12.612	Namorada de Brasília	RE	8-0	2.º	43	10,900	0,561	5,14
12.613	Javanesa de Brasília	RE	9-0	2.º	39	14,750	0,851	5,77

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mêses	Con- trole	Dias de lact.	Produção		
						Leite	Gorduras	%
12.614	Jaguara de Brasília	RE	6-4	2.º	34	12.600	0.559	4.44
12.659	Prata de Brasília	RE	10-0	1.º	19	16.800	0.947	5.63

São Francisco Sociedade Ltda, Mococa, Est. de São Paulo, Controle em 23/11/1963.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.020	Fazenda	-	6.º	-	-	6.600	0.352	5.34
11.021	Dinamarca	8-0	4.º	100	-	8.400	0.376	4.48
11.022	Empreza	7-0	4.º	102	-	8.500	0.334	3.93
11.024	Pelindra	11-0	5.º	156	-	10.550	0.500	4.74
11.025	Penteada	8-0	4.º	111	-	10.000	0.414	4.14
11.026	Venezuela	8-0	4.º	104	-	12.050	0.629	5.22
11.028	Violeta	6-0	2.º	41	-	10.400	0.456	4.39
11.029	Catita	13-0	5.º	127	-	9.750	0.413	4.24
11.030	Ingrata	8-0	5.º	123	-	7.400	0.343	4.63
11.032	Argentina	-	6.º	-	-	11.400	0.518	4.54
11.033	Ladeira	8-0	1.º	18	-	9.100	0.309	3.40
11.034	Rainha	11-0	5.º	139	-	6.400	0.258	4.03
11.035	Pintasilva	8-0	5.º	127	-	8.150	0.408	5.00
11.037	Pindaíba	6-0	5.º	123	-	7.000	0.302	4.31
11.038	Carreta	-	5.º	144	-	9.450	0.424	4.49
11.040	Granfina	6-0	5.º	146	-	9.700	0.395	4.06
11.042	Jarrinha 2.ª	-	6.º	-	-	8.050	0.360	4.47
11.044	Apurada	4-0	1.º	9	-	9.900	0.323	3.26
11.045	Carvoeira	6-0	1.º	15	-	6.600	0.271	4.10
11.046	Troxada	8-0	5.º	139	-	7.600	0.262	3.45
11.048	Adisabebe	8-0	4.º	100	-	9.150	0.435	4.76
11.049	Favela	8-0	1.º	22	-	7.200	0.254	3.53
11.053	Campinas	7-0	5.º	140	-	8.800	0.305	3.46
11.054	Apolice	5-0	5.º	123	-	7.400	0.364	4.92
11.056	Avenca	6-0	4.º	119	-	9.000	0.320	3.55
11.059	Laçada	6-0	5.º	129	-	7.700	0.379	4.92
11.060	Atris	6-0	3.º	90	-	5.700	0.301	5.28
11.062	Renda	7-0	5.º	134	-	10.400	0.410	3.94
11.066	Ariranhã	5-0	2.º	66	-	7.700	0.397	5.16
11.239	Arabia	8-0	2.º	56	-	7.500	0.202	2.69
11.241	Sombra	6-0	5.º	142	-	7.750	0.377	4.86
11.325	Grandesa	6-0	1.º	9	-	11.100	0.343	3.09
11.326	Gaucha	12-0	1.º	28	-	9.300	0.301	3.24
11.331	Olá	4-0	2.º	60	-	7.700	0.239	3.11
11.332	Vila Nova	8-0	3.º	73	-	6.500	0.315	4.84
11.334	Agula	4-0	1.º	24	-	6.200	0.230	3.72
11.616	Codorna	9-0	11.º	333	-	4.900	0.266	5.43
11.841	Vitrina	6-0	9.º	252	-	5.700	0.323	5.67
11.842	Anagua	4-0	9.º	248	-	5.700	0.295	5.17
11.961	Retinta	-	8.º	234	-	6.700	0.286	4.28
11.962	Ella	-	8.º	237	-	7.750	0.471	6.08
11.963	Saudade	-	8.º	221	-	6.600	0.282	4.27
11.964	Barquinha	-	8.º	216	-	6.050	0.286	4.73
12.071	Antilha	-	7.º	209	-	7.700	0.316	4.12
12.072	Bisaga	-	7.º	197	-	6.500	0.366	5.64
12.143	Lagôa	7-10	4.º	113	-	6.800	0.404	5.95
12.144	Parasita	-	6.º	-	-	5.250	0.294	5.60
12.257	Garrucha	-	5.º	142	-	7.200	0.193	2.68
12.259	Teteia	-	5.º	143	-	6.900	0.355	5.15
12.260	Guanabara	7-0	5.º	141	-	9.700	0.332	3.43
12.380	Estilosa	-	4.º	-	-	7.100	0.312	4.39
12.381	Sorocaba	7-8	4.º	95	-	9.050	0.399	4.40
12.465	Araruta	7-0	3.º	73	-	11.400	0.490	4.30
12.466	Mulatinha	6-0	3.º	79	-	9.600	0.382	3.98
12.467	Raposa	-	3.º	69	-	7.400	0.359	4.86
12.575	Marabá	8-0	2.º	66	-	8.000	0.219	2.74
12.576	Campanha	5-0	2.º	53	-	5.700	0.210	3.68
12.577	Argucia	6-0	2.º	54	-	6.000	0.214	3.56
12.662	Europa	10-9	1.º	13	-	8.000	0.270	3.37

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca;
NR — não registrada; PCOC — pura por cruz de origem conhecida;
PCOD — pura por cruz de origem desconhecida; PO — pura de
origem;
RP — registro provisório
RE — registrada.

São Paulo, novembro de 1963.
Dr. Otto de Mello
Gerente Técnico

I EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE BRASÍLIA

21 de abril

O NÔVO...

(Conclusão da pág. 27)

vinicultor. Tem, atualmente, três vinhe-
dos. Fez vinho pela primeira vez no
Rio Grande do Norte. Está ganhando
muito dinheiro com os seus vinhedos.

Uma cultura que toma um impulso ex-
traordinário, embora relativamente novo,
é a do sisal ou agave. Em 1962, o Brasil
produziu 176.005 toneladas de fibra, as-
sim distribuídas: Paraíba, 71.496; Bahia,
(norte do Paraguaçu), 62.566; Rio Gran-
de do Norte, 22.434; Pernambuco, 18.459;
Alagoas, 555; Ceará, 342; Sergipe, 91;
São Paulo, 42; Pará, 20. A agave, no
Brasil, é incontestavelmente uma cultu-
ra nordestina. Quase toda se encontra
nas zonas úmida e sub-úmida do li-
toral oriental. O Brasil tornou-se o se-
gundo produtor mundial de fibra de
agave. Em futuro relativamente próximo,
será o primeiro. Os novos plantios pros-
seguem com grande entusiasmo. Há, po-
rém, um caso inteiramente excepcional.

A SACKRAFT estava invertendo, no
nordeste potiguar, num planalto calcá-
rio e sub-úmido, um bilhão de cruzeiros,
na maior plantação mundial de agave.
Quando completa, e tal ocorrerá dentro
de uns dois anos, produzirá 60.000 tone-
ladas de fibra. Toda a produção se des-
tina à fabricação de celulose de fibra
longa. Será instalada uma fábrica de
celulose e papel dentro do agaveal, ao
lado de um lago alimentado por um ria-
cho perene. O empreendimento, nota-
bilíssimo, pertence, hoje, a um grupo de
capitalistas nordestinos.

Na região semi-árida irrigada, toma
vulto a cultura da bananeira, e a da vi-
deira. As bananas e as uvas são sim-
plesmente excelentes.

PRODUÇÃO DE BANANAS

Em 1961, conforme o Serviço de Es-
tatísticas da Produção, o Brasil produ-
ziu 271.446.000 cachos de banana. Veja-
mos como se distribuiu a produção: São
Paulo, 46.698.000; Minas Gerais, 39.334.000;
Rio de Janeiro, 34.400.000; Ceará,
28.410.000; Pernambuco, 19.153.000; Es-
pirito Santo, 15.531.000; Bahia 13.126.000;
Santa Catarina, 11.194.000; Paraná
10.934.000; Paraíba, 6.977.000; Maranhão,
6.513.000; Goiás, 5.974.000; Mato Grosso,
5.841.000; Rio Grande do Norte, 5.573.000;
Guanabara, 5.250.000; Rio Grande do
Sul, 4.912.000; Alagoas, 4.083.000; Pará,
2.055.000; Amazonas, 1.097.000; Acre,
726.000; Amapá, 153.000; Rondônia,
100.000; Roraima, 68.000.

Quase toda a banana cearense pro-
vem de terras irrigadas. Há, ainda, a
produção não irrigada das serras e do
litoral. Parte da produção das outras
provincias nordestinas também provem
das glebas irrigadas pelos açudes. Tal
ocorre principalmente no Rio Grande
do Norte e na Paraíba.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

Adubos 

**fortificam
as terras
fracas**

UMA FORMULA PARA CADA CULTUR

ADUBOS

"CADAL"

CIA INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
Agentes exclusivos do salitre do Chile para o
Distrito Federal, Estados do Rio e Espírito Santo
R. MÉXICO, 111-12.º AND. - SEDE PRÓPRIA
42-0881
TELS.: 42-0115 REDE INTERNA
42-0980

• Solicitem informações e folhetos, gratuitamente

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de
madeira contra a podridão e cupim,
principalmente as madeiras brancas de
pequena resistência.

OTTO BAUMGART - Ind. e

Com. S.A.

Av. da Luz, 356
Caixa Postal, 3492 — São Paulo

COALHO FRISIA

EM LIQUIDO E EM PÓ — 1.ª fábrica de
coalho no Brasil

Único premiado com 10 medalhas de ouro
Fabricado por KINGMA & CIA. LTDA.
- Mantiqueira E.F.C.B. - Minas

À VENDA EM TODA PARTE - Peçam
amostras grátis aos representantes ou
HOLANDESA - Vendemos ótimos animais
CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA
diretamente aos fabricantes.

puros de pedigree, puros por cruzo, etc

CAIXA POSTAL, 342 - Rio de Janeiro
CAIXA POSTAL, 26 - Santos Dumont
E.F.C.B. - Minas

CAIXA POSTAL, 3191 - São Paulo
Representantes:
CAIXA POSTAL, 397 - Porto Alegre -
Rio Grande do Sul

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 4 cm

Cada centímetro por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 540,00 por centímetro e por publicidade

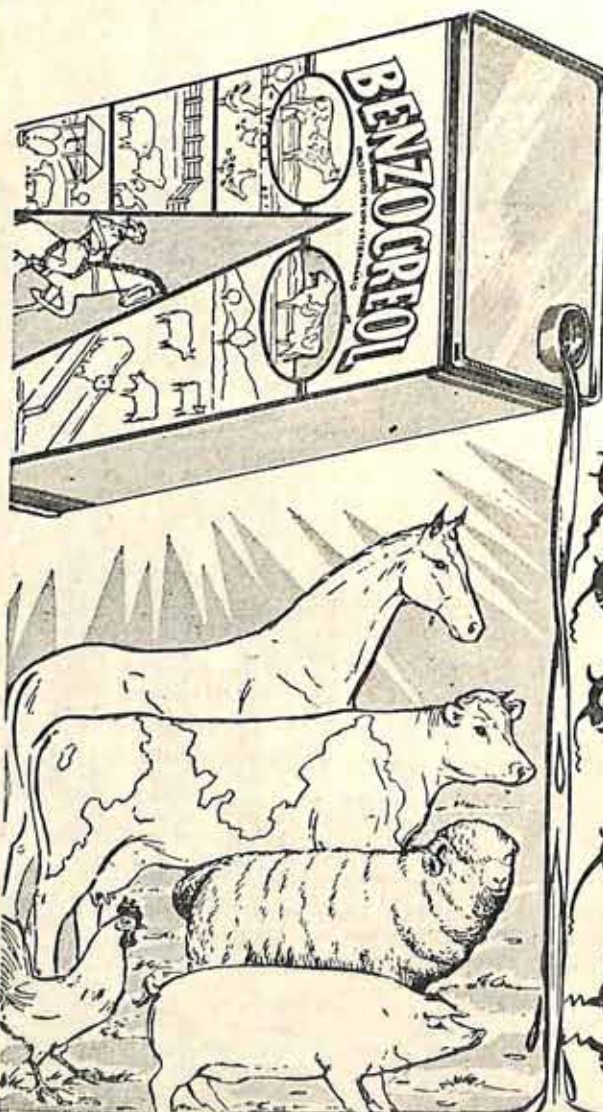
Otima oportunidade para os srs. fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas.
Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva
importância líquida e em nome de

REVISTA DOS CRIADORES

Rua Canuto do Val, 216

São Paulo

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para as quais é indicada,
eis o que Benzocreol ofe-
rece aos animais. Por isso,
siga os Criadores experi-
mentados e use Benzo-
creol, esse maravilhoso re-
médio veterinário consa-
grado por uma preferência
absoluta de mais de
50 ANOS. Peça grátis:
"o GUIA DO CRIADOR",
remetendo este anúncio à
Cx. Pt. 1002 - São Paulo.

BENZOCREOL

CICATRIZANTE - GERMICIDA - FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.

SUPER-SUIGOLD - K1

CONCENTRADO DE PROTEÍNA NOBRE ANIMAL E VEGETAL
SUPERVITAMINIZADO E MINERALIZADO.



Fabrique a ração mais econômica
e mais eficiente, sempre com
SUPERSUIGOLD K1, que permite
utilizar ao máximo os produtos
da fazenda.



TORTUGA
Cia. Zootécnica Agrária

Av. João Dias, 1356 — Tels. 61-1712 e 61-1856
Caixa Postal 12.635 - São Paulo
Av. Farrapos, 2953 - Porto Alegre - R. G. S.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS



FERNANDO VON GAL E CIA. LTDA.

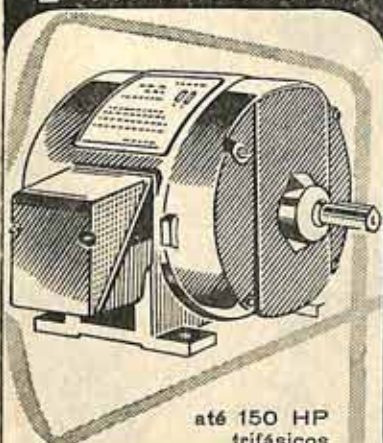
COUROS — ARREIOS — FERRAGENS — ARTIGOS PARA MONTARIA
SELARIA — CAPAS E PONCHES

MATRIZ: RUA DO GASÔMETRO, 197 — CAIXA POSTAL 2049 — P. FEDERAL N.º 65027
TELS 34-8432 — 32-6883 — END. TEL.: "MONTERROSA" — INSCRIÇÃO N.º 37262
FILIAIS: AV. CASPER LÍBERO, 598 — INSCRIÇÃO 446.978 — SÃO PAULO —
AV. GOÁS, 418 — JATAÍ — GOIÁS

ARTIGOS PARA SAPATEIROS — SELEIROS E TAPECEIROS — LONAS — FELTROS — LINHAS — LIXAS — COLAS
— TINTAS — POMADAS — CRAVOS — REBITES — ILHOSES — ADORNOS — CAPAS — PONCHES — BOTAS —
PELEGOS — MALAS — PASTAS — CABRESTOS P/ GADO — COLEIRAS E GUIAS PARA CÃES — ARREIOS P/ CAR-
ROÇA, CHARRETE E MONTARIA.

MOTORES ELÉTRICOS

MONOFÁSICOS
E TRIFÁSICOS



até 150 HP
trifásicos
OS MELHORES PREÇOS DA PRAÇA
Descontos especiais
para revendedores

Dispomos de linha completa de chaves de partida automáticas e proteção



COMPANHIA

HAMA

COM. IND. E IMPORTAÇÃO
R. Florêncio de Abreu, 464
Tels.: 33-1325 e 33-9654
São Paulo

ALCON

UM NOVO LANÇAMENTO... DE MÁQUINAS MOHERDAUI



CONJUGADA-MM 4
UMA MÁQUINA QUE VALE POR DUAS
7 1/2 H.P. • 3.000 R.P.M.

A MÁQUINA QUE NÃO CUSTA: VALE
PELA SUA FABULOSA PRODUÇÃO!!

IRMÃOS MOHERDAUI

Rua José Bonifácio, 1238 - Cajuru - Est. S. Paulo - C.M.

ANUÁRIO DOS CRIADORES 1963

Publicação de 256 páginas, fartamente ilustradas, impressas em papel couchê, ilustração e rotogravura, com informações úteis a todos quantos se dedicam às atividades agro-pecuárias. Além de quadros estatísticos e artigos sobre diferentes aspectos da exploração animal em nosso País, publica 14 artigos especiais, assinados por técnicos de renome em assuntos referentes a zootecnia em geral, moléstias dos animais domésticos, técnica de vacinação de animais, combate ao carrapato, criação racional de suínos, nutrição animal, produção de carne e de leite, julgamento de bovinos leiteiros, cultura da palma forrageira e indústria de laticínios no Brasil.

E mais um sem-número de artigos e informações úteis ao homem do campo

Preço do exemplar:
Cr\$ 1.500,00

Editôra dos Criadores

Rua Canuto do Val, 216
SÃO PAULO



Bichol
O SALVADOR DOS ANIMAIS
MARCA REGISTRADA

GRACIAS AO BICHOLOS ANIMAIS
ESTÃO FORTES E SÁBIOS

REMÉDIO INFALÍVEL
PARA A CURA DE
BICHEIRAS, FERIDAS
BERNES, PISADURAS, ETC

CUIDADO COM
AS IMITAÇÕES



FABRICAÇÃO DA
INDÚSTRIA QUÍMICA VENTURACCI

FÁBRICA E ESCRITÓRIO
RUA FAUSTOLO, 898 • SÃO PAULO • TEL. 3-0799

À VENDA TAMBÉM NA
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES

RUA SENADOR FEIJÓ, 30 — SOBRE LOJA

Desintegrador e Picador de Forragens CREMASCO



As máquinas CREMASCO construídas inteiramente em chapas de aço laminado de 1/4" "carcaça e tampa" no sistema de dobrar a frio não tendo quinhas, apresentando uma estrutura resistente. O rotor da máquina é de chapa de aço 3/4", composto com 3 facas e 3 martelos fixos, (sistema patenteado) parafusados nas paletas que oferecem grandes vantagens: menos desgaste, maior produção, fácil substituição. As facas são reguláveis, e os martelos podem ser aproveitados em vários lados. As caixas dos rolamentos também são de aço soldadas na própria carcaça. Acompanha uma base de contêiner com suporte inclinável, com regulagem, servindo para qualquer tipo e tamanho de motor.

TABELA DE PRODUÇÃO POR HORA

Máquina DP 1: Usar motor elétrico de 2 H.P. — A gasolina: 6 H.P.	
— A óleo diesel 3,0; 3,5 B.H.P. — R.P.M. 3.600 a 4.000 (rotação).	
Forragens verdes, Ex. cana	1.000 a 1.200
Rolão grosso (milho integral)	300 a 400
Rolão médio (milho integral)	250 a 300
Fubá grosso (milho em grão)	100 a 120
Fubá fino mimoso (milho em grão)	80 a 100
DP 2: Usar motor elétrico de 5 H.P. — A gasolina de 9 H.P. e a	
óleo diesel de 4,5 a 6,5 B.H.P. — R.P.M. 3.200 a 3.600 (rotação).	
Forragens verdes, Ex. cana	1.500 a 2.000
Rolão grosso (milho integral)	750 a 850
Rolão médio (milho integral)	500 a 600
Fubá grosso ou quirela (milho em grão)	400 a 450
Fubá mimoso (fino) milho em grão	150 a 200
DF 4: Usar motor elétrico de 7,5 H.P. — A gasolina de 10,3 e a	
óleo diesel de 6,5 a 8,5 B.H.P. — R.P.M. 3.000 a 3.200 (rotação).	
Forragens verdes, Ex. cana	3.000 a 4.000
Rolão grosso (milho integral)	1.000 a 1.200
Rolão médio (milho integral)	800 a 900
Fubá grosso ou quirela (grão)	400 a 500
Fubá mimoso (milho em grão)	250 a 300



INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Rua dr. Francisco de Paula M.
Barbosa, 909

Tel. 334 e 482

ITAPIRA — Est. de São Paulo

arame farpado



RAJA

MUITO MAIS VANTAJOSO QUE OS ARAMES FARPADOS COMUNS!... E O ÚNICO COM UM SÓ FIO E FARPAS SOLDADAS ELETRÔNICAMENTE!*

Cerque suas propriedades fazendo muita economia!

Empregue o arame farpado Raja

* PROCESSO MUNDIAL EXCLUSIVO — PATENTE CONCEDIDA



Fabricado por

Raphael Jafet & Cia. Ltda.

Rua Boa Vista, 136 — 10.º andar
São Paulo — S.P.

Delineamento de um galinheiro industrial

Os abrigos para aves são conhecidos pelo tipo de telhado, sendo classificados em abrigos de duas águas ou de uma só água ou "shed".

Os abrigos de menos de 8 metros de largura podem ser de uma só água e os mais largos, de duas águas. A tendência decidida é para os galinheiros de 10 a 14 metros de largura, dominando os telhados de duas águas.

Ponto importante é a ventilação dos abrigos, de acordo com os períodos de criação e com aeração adequada, sem correntes diretas de vento. Os janelões laterais, com proteção provisória de plástico transparentes para os pintos e cortinas dos mais diferentes materiais, são a base da ventilação dos abrigos.

Nos galinheiros de mais de 8 metros de largura, é absolutamente indispensável o lanternim da cumieira, em toda a extensão do abrigo. De acordo com as condições do micro-clima, os lanternins podem receber dispositivos que permitam o controle da saída do ar.

Quanto à altura do pé direito ou parede lateral, um abrigo de mais de 8 metros de largura deverá ter, no mínimo, 3 metros de altura, para permitir ventilação adequada e iluminação eficiente. A largura dos abrigos, partindo de 3 metros, no início da avicultura industrial, alcança hoje, em muitos casos, 15 metros.

Os galinheiros de 10 a 14 metros de largura permitem melhor aproveitamento do terreno, fornecem melhores condições de micro-clima aproveitamento racional e eficiente do material avícola, especialmente dos comedouros mecanizados.

Casca dos ovos e perda da qualidade interna

A casca do ovo funciona como verdadeira proteção contra os fatores adversos do tempo, permitindo armazenamento e transporte, com segurança relativa. Todavia a casca do ovo tem 6 a 8.000 pequenos orifícios, que fazem e tornam possível a troca entre o meio interior e o exterior, tendo em vista a incubação e o nascimento dos pintos.

No caso dos ovos para o consumo, esta soma de pequenos orifícios, permitindo a perda de umidade interior diante de temperaturas elevadas e teor baixo de umidade do ar, faz que os ovos tenham rebaixada sua qualidade interna. Por esta razão, as granjas industriais devem ser equipadas com salas-deposito, com temperatura ao redor de 12,5.º e com umidade de 85% (umidade relativa), para manter elevada a qualidade interna dos ovos fornecidos ao público consumidor.

RAÇA CHAROLESA

Rainha da produção de carne de qualidade

Raça ideal para o cruzamento industrial

JEAN-PIERRE VIAL

Agente Geral da SEPA para o Brasil

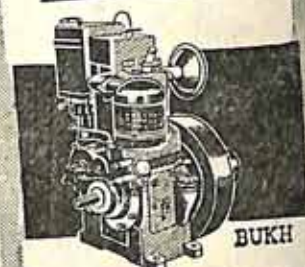
Rua Quirino de Andrade, 155
Tel.: 35-7781 e 33-6515
SÃO PAULO

MOTORES

DIESEL

BUKH - 13, 26 e 40 HP.

DEUTZ - 6 - 11 - 16 HP.



PRONTA ENTREGA



PEÇAS E ASSISTENCIA TECNICA

**COMPANHIA
THAMIA**

COM. IND. E IMPORTAÇÃO
Rua Florencio de Abreu, 464
Tels.: 33-1325 e 33-9654 - S.P.

Alcon

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

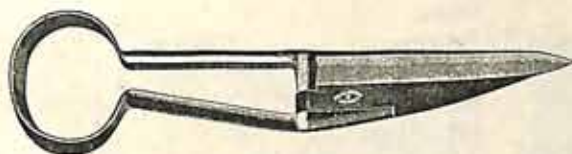
Do Gaúcho

FRANCISCO SPROVIERI S/A.

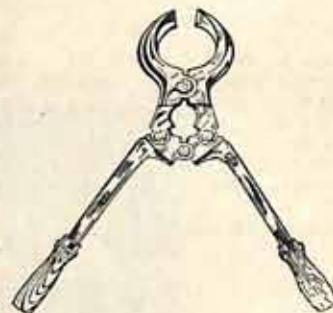
Av. São João n.º 347 — Fones: 34-2015 e 36-4980
São Paulo

ARTIGOS VETERINÁRIOS — DISTRIBUIDORES DAS TORQUEZAS PARA CASTRAÇÃO DE GADO "VELOX" DE NOSSA FABRICAÇÃO, "AESFULAP" ALEMÃ E "BURDIZZO" ITALIANA.

AGULHAS E SERINGAS DE NAILON "GIMA".



COMPLETO SORTIMENTO DE ARTIGOS DE PESCA e CAÇA, ARMAS, e MUNIÇÕES EM GERAL — BARRACAS PARA ACAMPAMENTO.



MÁQUINAS CORDEIRO

MOINHO A MARTELO

Descasca, debulha e ventila. Resistentes. — Ótimo rendimento. — Idealizado para ser usado em granjas, sítios e pequenas fazendas. Produz fubá de milho fino e grosso — Quirera de milho e arroz. — Desintegra o milho com palha e sabugo. — O Moinho de Martelos **Cordeiro** é inteiramente metálico e equipado com 14 martelos de ferro cimentado. Capacidade de produção: 30 a 220 kg por hora, de acordo com o material a ser moído. Força: 2 a 3 H.P. elétrico — 4 a 5 H.P. gasolina. Rotação: 3.000 a 3.600 p.m.



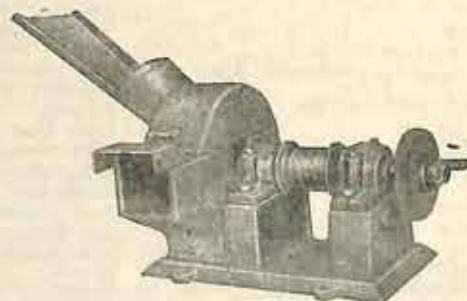
DEBULHADOR DE MILHO

Descasca, debulha e ventila. O debulhador de milho **Cordeiro** é **EFICIENTE** porque produz serviço perfeito de separação do milho e do pó, do sabugo e do cabelo. **ECONÔMICO** porque de ótimo rendimento e requer pouca força. **CARACTERÍSTICAS:** Produção em 10 horas: 50 a 60 sacas de 60 kg. — Força necessária: 2 H.P. — Rotação por minuto: 450 — Pêso aproximado: 190 kg. — Durável e sólido, pois é todo montado em mancais de rolamentos.



PICADEIRA

Para cana, mandioca, batata, abóbora, cana de milho, capins, etc. Eficiente, econômica, durável e simples. Funcionamento garantido e grande durabilidade, montada em mancais de rolamentos oscilantes. **Características:** Tipo 1 — produção horária 1.200 kg — rotação 2.800 — força 1,5 hp — facas no volante 3 — pêso aproximado 60 kg. — Tipo 2 — produção horária 3.000 kg — rotação 2.800 — força 3 a 4 hp — facas no volante 3 — pêso aproximado 110 kg.



FABRICAMOS TAMBÉM CONJUGADOS PARA TRITURAR E PICAR CANA

MÁQUINAS CORDEIRO

Rua Carlos Gomes, 457 — Tel. 28 — **CORDEIRÓPOLIS** — Est. de S. Paulo

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Red. Rua Canuto do Val, 216 - S. Paulo - Brasil

Tels.: 51-9234 e 52-3429

Endereço telegráfico: Criadores

CORRESPONDENTES

SÃO PAULO

Piracicaba
Octavio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

GUANABARA

Rio de Janeiro
Héllo de Albuquerque
Rua Irineu Marinho, 35

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103
Uberaba
Hugo Prata
Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achyllles Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

PARANÁ

Curitiba
Mario Marcondes Loureiro
Al. Cabral, 510
Caixa Postal 1506

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

GOIÁS

Goiânia
Romildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, n.º 472 - Setor Sul
Fone 21-16

BAHIA

Salvador
Othello Tormim
Av. Estados Unidos, 24 — s/501
Fone 2-3129

ARGENTINA

Buenos Aires
Eng.º Agr.º Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318

ÁFRICA

Mogambique
José Antônio Cardoso Vilhena

REPRESENTANTES

BRASILIA — D.F.

José Luiz Cerqueira Lima Rocha

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros e Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 - s/278

MINAS GERAIS

Belo Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

GOIÁS

Goiânia
Sotave Ltda.
Rua 6, n.º 17
fone 27-10

BAHIA

Salvador
Representações Othello Tormim
Av. Estados Unidos, 24 — s/501
Fone 2-3129
Representações
End. Teleg.: "XARMAN"
End. teleg.: "XARMAN"

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York 36, N. Y. - USA

REPÚBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociacion Argentina de Criadores
de Cebu
Bartolomé Mitre, 754 - 2.º P.

VENDA AVULSA E ASSINATURA

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 s/278

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Congonhas
Interior
São José do Rio Preto
Agência Comercial
Baurú
Salomão Gantus
Piracicaba
Licínio Antonio Hufsenbaecker
Taubaté
Judith Mazella Moura

MINAS GERAIS

Julz de Fora
Agência Campos
Uberlândia
Agência Lopes
Montes Claros
Agência Thais
Eloi Mendes
Astolfo Carlos Teixeira Filho
Cambuquira
Benedito Ferrelira
Itajubá
Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques
Barbacena
José Francisco de Assis
São Gonçalo do Sapucaí
José Siqueira Noronha
Lavras
Papularia Pádua
Belo Horizonte
Soc. Distr. de Jornais e Revistas
Araxá
Wantrin Batista Costa

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queiroz
Distribuidora de Revistas Souza

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copollo
Alegre
Emílio dos Santos Abreu
Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

GOIÁS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17
Caixa Postal, 45

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octavio Sageblm S/A
Santa Vitória do Palmar
Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento
Lojas Brisolla
Julio de Castilhos
Malvina Walhrich

CEARÁ

Fortaleza
J. Filinto & Cia.

RIO GRANDE DO NORTE

Natal
Luiz Romão

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Maurício
Recife
Recife Distribuidora de Revistas
Rua do Hospício, 340
Caixa Postal, 1.300

SANTA CATARINA

Agência Distribuidora de Revistas
Florianópolis
Pôrto União
Livraria Iguassu

MARANHÃO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquínio Lopes, 292

PARANÁ

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo
Ponta Grossa
Livraria Montes

PIAUI

Terezina
José Alves Martins

SERGIPE

Aracaju
Winston Corrêa Dantas
Rua Siriri, 969

URUGUAI

Montevideo
Livraria Monteiro Lobato

ÁFRICA O. PORTUGUESA

Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.

Máquina Dupla com e sem ciclone, Triturador com martelos para produtos secos e Picadeira com disco de AÇO para produtos verdes, em uma só máquina utilizando um só motor: É a única que pica cana e faz o farelo ao mesmo tempo, CARCAÇA DE 1 CENT. DE GROSSURA

Pagamentos com facilidades

Peça catálogo e informações sem compromisso a



METALÚRGICA SANTA LUZIA

FUNDAÇÃO E MECÂNICA

Fabricantes de Máquinas Agro-Pecuárias

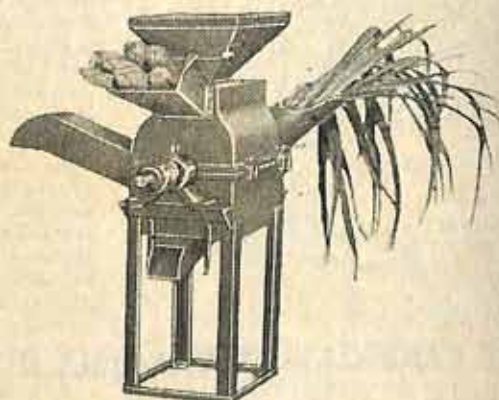
JAYME ESTEVAM BENEDETTI & CIA LTDA.

Pr. Vicente de F. Guimarães, 36-5964. Fones: 2462, 2464 Res. 2653

Cx Postal, 35 — End. Teleg. "BENEDETTI"

PINHAL — Est. SÃO PAULO

Máquina dupla sem ciclone





entrega domiciliar

Desculpe o trocadilho, mas o Pick-up "Jeep" é ideal para entregas a domicílio — não de domicílios. E sabe por quê? Por causa da caçamba de aço — que é ampla, dispõe de muito espaço para o transporte de cargas. Encha o Pick-up "Jeep". E não tenha medo, que ele carrega mais do que as outras camionetas. Dá conta do recado. É especializado para o transporte de cargas médias. Por isso pode trabalhar continuamente, ganhando dinheiro para você. Tem o motor na medida exata — 90 C. V. (S A E) — para não gastar nem uma gota a mais de gasolina. Acrescente ainda a alta qualidade Willys. E ficará admirado quando souber o preço do modelo 64, com novas cores e novos aperfeiçoamentos: é o mesmo que outras camionetas tinham no ano passado.

PICK-UP "JEEP"

Um produto **WILLYS OVERLAND** - fabricante de veículos de alta qualidade

Ganhe milhares de cruzeiros na compra — e siga lucrando a cada km rodado



PICK UP
Jeep

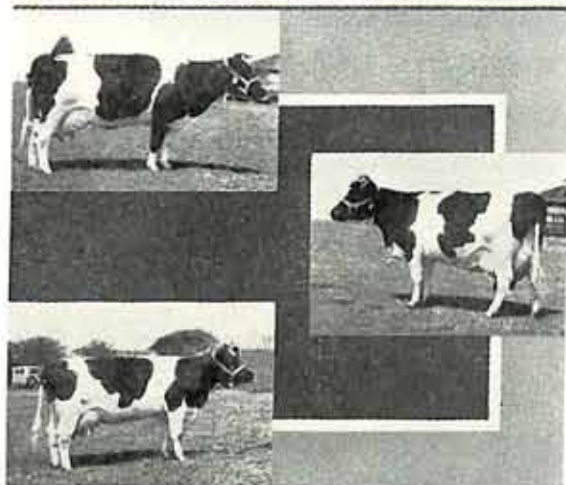


ANUÁRIO DOS CRIADORES

ANO IV

1963

N.º 4



ANUÁRIO DOS CRIADORES 1963

- **Publicação de 256 páginas, fortemente ilustradas, impressa em papel couchê, ilustração e retratagem, com informações úteis aos que se dedicam às atividades agro-pecuárias.** Além de quadros estatísticos e artigos sobre a exploração animal em nossos Países, publica 14 artigos especiais, assinados por técnicos de renome em assuntos referentes a zootecnia, moléstias dos animais e técnica de vacinação, combate ao carrapato, criação racional de suínos, nutridos animal, produção de carne e de leite, julgamento de bovinos leiteiros, cultura da palma forrageira e indústria de laticínios no Brasil.
- **Melhoramento da produção leiteira por meio de cruzamentos** — Trabalho de autoria do dr. Fuad Naufel, em que trata de aspectos do emprego de cruzamentos dirigidos, visando maior produção de leite em condições econômicas e normas que se devem seguir para seu êxito.
- **O leite em São Paulo nos últimos dez anos** — Mário Mazzei Guimarães analisa a produção, industrialização e comercialização do leite no Estado de São Paulo, nos últimos dez anos.
- **Doenças da criação e como evitá-las** — De autoria do dr. Walter C. Battiston, onde são encontrados meios de prevenção e combate, casos em que se devem aplicar a vacinação preventiva, quais os materiais e como devem ser remetidos para exames de laboratório com a finalidade de diagnosticar a moléstia.
- **Doença de Newcastle** — O especialista Raphael Castro Bueno descreve os sintomas da moléstia, propagação e indica medidas profiláticas; vacinação preventiva, único meio eficiente de combate a esse grave mal, e como aplicá-la corretamente.
- **Mercado de bois de corte e produção de suínos em São Paulo** — Mário Mazzei Guimarães analisa aspectos do comércio de bovinos de corte nos últimos dez anos e o desenvolvimento da criação de suínos, estabelecendo confronto com o crescimento demográfico do Estado de São Paulo.
- **Julgamento do gado Holandês** — Trabalho do zootecnista Ruben Tavares de Resende, com tabelas de pontos e critérios para avaliação zootécnica e dos caracteres raciais dos bovinos das raças Holandesas.
- **Ureia, fonte de proteína barata e em quantidade** — O zootecnista Hugo Prata aprecia as possibilidades e vantagens do emprego da ureia, associada ao milho e sabugo de milho, como elemento fornecedor de proteína de baixo custo, em grande quantidade, aos bovinos de corte e produtores de leite. Resultado da experiência e do emprego em escala comercial desse processo de alimentação de ruminantes, com base em trabalhos realizados na Fazenda Brasília, em São Pedro dos Ferros, M.G.
- **Afecções dos pés dos equídeos** — O veterinário Moacir Colombo reporta-se aos principais casos de afecções traumáticas dos pés de equinos, asininos e muarres, causas e tratamento adequado; casos em que há necessidade de intervenção do veterinário ou mesmo de cirurgia.
- **Endereço e nome dos responsáveis pelos principais repartições das secretarias de agricultura dos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Guanabara.** Endereço de criadores de bovinos, equinos e ovinos; diretoria e endereço das associações de classe e de registro genealógico no País. Guia do Comprador.

Preço: Cr\$ 1.500,00

DISPOMOS AINDA DE EXEMPLARES DAS EDIÇÕES DE 1960, 1961 E 1962, QUE FORMAM VERDADEIRA ENCICLOPÉDIA DO CRIADOR. PREÇO DO VOLUME: Cr\$ 3.000,00

Editôra dos Criadores - Gráfica e Propaganda Ltda.

Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo